



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS V
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



LUCIANA DE SOUZA PEREIRA CERQUEIRA

OLHARES COTIDIANOS E *INSTAGRAM*:
POSSIBILIDADES DE LEITURAS POÉTICAS

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA

2017

LUCIANA DE SOUZA PEREIRA CERQUEIRA

**OLHARES COTIDIANOS E *INSTAGRAM*:
POSSIBILIDADES DE LEITURAS POÉTICAS**

Dissertação de Mestrado Profissional em Letras –
PROFLETRAS, apresentada à Universidade do
Estado da Bahia – UNEB, Departamento de
Ciências Humanas, *Campus V*, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Priscila Peixinho Fiorindo

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Cerqueira, Luciana de Souza Pereira

Olhares cotidianos e *Instagram*: possibilidades de leituras poéticas / Luciana de Souza Pereira Cerqueira. – Santo Antônio de Jesus, 2017.
139 f.

Orientadora: Prof^a. Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. *Campus V*. 2017.

Contém referências e anexos.

1. Letramento Literário. 2. Produção Poética. 3. Fotografia - *Instagram*. I. Fiorindo, Priscila Peixinho. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD: 807

**OLHARES COTIDIANOS E *INSTAGRAM*:
POSSIBILIDADES DE LEITURAS POÉTICAS**

APROVAÇÃO EM 01 DE DEZEMBRO 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Priscila Peixinho Fiorindo (UNEB)
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Palmira Bahia Virgínia Heine (UEFS)
Membro Titular

Prof. Dr. João Evangelista do Nascimento Neto (UNEB)
Membro Titular

Prof^a. Dr^a. Lucielen Porfirio (UFBA)
Membro Suplente

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2017

Dedico este trabalho à minha mãe, Lourdes, e ao meu pai, Francisco (*in memoriam*), que, com simplicidade em cada gesto e muito brilho no olhar, educaram a mim e quatro irmãos com muita dignidade e amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o mentor da vida, agradeço em primeiro lugar! Ele me sustentou e direcionou em cada passo, cada situação, cada desafio que enfrentei. A Ele toda honra e toda glória!

À minha estimada e competente orientadora, professora Priscila Peixinho Fiorindo, quero registrar meus sinceros agradecimentos. Seus direcionamentos e incentivo foram fundamentais para a realização deste trabalho. Além disso, o seu senso humanitário possibilitou que a minha pesquisa trilhasse por caminhos em que a sensibilidade poética fosse o fundamento das ações. Aqui, expresso a minha admiração e gratidão!

À professora Palmira Heine e ao professor Paulo Guerreiro, pelas contribuições oportunizadas no exame de qualificação, as quais foram muito importantes para a ampliação do meu olhar acerca da pesquisa. Agradeço, também, ao professor João Evangelista Neto, pela colaboração e generosidade com o meu trabalho no momento da defesa. Obrigada, professores!

A minha mãe, Lourdes, pelo apoio, incentivo e carinho tão constantes. Em seu colo encontrei refúgio e força para seguir em frente, superar os obstáculos e chegar até aqui. Registro, aqui, o meu gesto de amor e gratidão!

Ao meu pai, Francisco, que, embora não mais esteja nesse plano físico, enquanto aqui estive, orientou-me para a vida, mesmo sem dizer muitas palavras. Seus exemplos de bondade e retidão estão perpetuados em meu coração. Expresso, aqui, o meu amor e carinho!

Ao meu marido, Dimas Junior, que, mediante tantas dificuldades e mesmo precisando abrir mão de estarmos juntos comungando de momentos em família, me apoiou, incentivou e deu suporte para que, juntos, alcançássemos esse objetivo. Obrigada, meu amor!

Ao meu lindo e amado filho, Gabriel, que com seu afeto e ternura me abraçava, acarinhava enchendo o meu coração de luz e energia para seguir em frente e não sucumbir aos desafios. Cada gesto seu é precioso para mim, meu filho!

Aos meus irmãos, Carlinhos e Adailton, que, com toda discrição se alegravam com minha força de vontade em conquistar algo que tanto desejei. Obrigada por todo carinho e amor!

Às minhas irmãs, Norma e Ana Lúcia, que, apesar de não externarem em palavras, seus olhos sempre me trouxeram a certeza do contentamento presente em seus corações em me ver conquistando aquilo que sonhei. A vocês, o meu grande abraço!

Aos meus queridos sogros, Dimas e Ziga e à minha filha do coração, Laila, quero, também, agradecer! O carinho e vibração desde o momento da aprovação no mestrado e o apoio em tantos momentos de dificuldades e incertezas foram grandiosos. Obrigada, queridos!

Aos meus colegas/amigos do mestrado, Júlia, Osmar, Vera, Daniele e Andreia, o meu muito obrigada pela parceria, pelo companheirismo, não obstante as dificuldades que todos nós enfrentamos neste período das nossas vidas. Incluo Magda e Márcio nestes agradecimentos, pois também foram muito importantes nesta trajetória. A todos vocês, o meu gesto de gratidão e amizade!

Aos amigos Eduardo, Ana Valéria, Catiana, Almiere, Jamile e Zezé, o meu muito obrigada! Cada gesto de amizade e incentivo, de amparo e carinho foram preciosos para mim, neste percurso.

Aos professores do PROFLETRAS/UNEB, figuras fundamentais neste processo, quero, também, agradecer. Cada ensinamento, cada reflexão, cada leitura feita ou atividade desenvolvida, cada partilha de saberes e experiências foram, demasiadamente, preciosos. Levarei comigo tudo que foi vivenciado nas aulas tornando-me, hoje, outra pessoa, outra profissional. A vocês, professores, o meu reconhecimento!

Aos meus queridos alunos do 9º ano, turma A, do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, o meu carinho e agradecimento. O perfil da turma era, muitas vezes, de inquietação e até indisciplina, mas a forma com que se envolveram no trabalho realizado recompensou qualquer dificuldade. Obrigada pela emoção à flor da pele experimentada por vocês e por mim a cada atividade desenvolvida!

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – e seus funcionários, pela oportunidade de realizar, em suas instalações, um curso de mestrado que está colaborando tanto com minha formação humana e, especialmente, profissional. Que suas contribuições para a sociedade sejam cada vez mais amplas!

À Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), pelo financiamento do curso, oportunizando a realização de uma pesquisa em educação com maior qualidade e êxito! Obrigada!

Por fim, quero agradecer a todos que, direta ou indiretamente, sofreram quando sofri, ou se alegraram e vibraram comigo desde a aprovação no mestrado até a sua conclusão. Hoje, ao final deste curso, reconheço-me uma pessoa e profissional que deseja alçar sempre novos e mais altos voos e que esses voos repercutam, de maneira positiva, na vida do outro, afinal, é para isso que vale a vida!

*A pessoa, o lugar, o objeto
estão expostos e escondidos
ao mesmo tempo, sob a luz,
e dois olhos não são bastantes
para captar o que se oculta
no rápido florir de um gesto.*

*É preciso que a lente mágica
enriqueça a visão humana
e do real de cada coisa
um mais seco real extraia
para que penetremos fundo
no puro enigma das imagens.*

(Carlos Drummond de Andrade)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Poema de Arnaldo Antunes 1	32
Figura 2 – Poema de Arnaldo Antunes 2	32
Figura 3 – Ilustração de câmera fotográfica primitiva criada por Daguerre	35
Figura 4 – Fotografia de Mario Cravo Neto 1	37
Figura 5 – Mulher dinka. Kolkuei, Sudão, 2006 (Sebastião Salgado)	37
Figura 6 – Fotografia 1 registrada no Museu <i>A casa do Rio Vermelho</i> (Salvador/BA)	40
Figura 7 – Fotografia 2 registrada no Museu <i>A casa do Rio Vermelho</i> (Salvador/BA)	40
Figura 8 – Fotografia no formato impresso	42
Figura 9 – Fotografia no formato digital	42
Figura 10 – <i>Layout</i> da rede social <i>Instagram</i> a partir de <i>notebook</i>	45
Figura 11 – <i>Layout</i> da rede social <i>Instagram</i> a partir de <i>smartfone</i>	46
Figura 12 – Entrada principal do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho	48
Figura 13 – Gráfico sobre a utilização das redes sociais pelos estudantes	51
Figura 14 – Cena do vídeo <i>O Casaco: uma história de caridade</i>	54
Figura 15 – Fotografia de Vinícius Gomes	56
Figura 16 – Fotografia de Francisco Carlos da Silva 1	56
Figura 17 – Fotografia de Francisco Carlos da Silva 2	57
Figura 18 – Fotografia de Antonio Carlos Vieira 1	58
Figura 19 – Fotografia de Antonio Carlos Vieira 2	58
Figura 20 – Fotografia de Jorge Luis Guimarães Lima	59
Figura 21 – Fotografia <i>Os Pobres Trabalhadores da Terra</i> de Sebastião Salgado	60
Figura 22 – Fotografia <i>Migração Rural para as Grandes Cidades</i> de Sebastião Salgado	61
Figura 23 – Fotografia Capa do livro <i>Terra</i> de Sebastião Salgado	61
Figura 24 – Entrevista com Sebastião Salgado	63
Figura 25 – Imagem 1 (Domínio público)	64
Figura 26 – Imagem 2 (Domínio público)	64
Figura 27 – Imagem 3 (Domínio público)	65
Figura 28 – Imagem 4 (Domínio público)	65
Figura 29 – Poema de Palmira Heine 1	67
Figura 30 – Poema de Palmira Heine 2	67
Figura 31 – Fotografia de Mario Cravo Neto 2	68

Figura 32 – Fotografia de Mario Cravo Neto 3	68
Figura 33 – Cena do vídeo <i>A menina e a câmera fotográfica</i>	69
Figura 34 – Estudantes participando da dinâmica de grupo	76
Figura 35 – Estudantes criando cenas de união 1	76
Figura 36 – Estudantes criando cenas de união 2	77
Figura 37 – Estudantes confeccionando murais imagéticos	79
Figura 38 – Leitura das fotografias de Sebastião Salgado	83
Figura 39 – Momento da produção de versos	88
Figura 40 – <i>Layout do Instagram da turma com fotografias</i>	93
Figura 41 – <i>Layout do Instagram da turma com interações</i>	94
Figura 42 – Momento da produção dos poemas na biblioteca escolar	95
Figura 43 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 1</i>	96
Figura 44 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 2</i>	97
Figura 45 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 3</i>	97
Figura 46 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 4</i>	98
Figura 47 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 5</i>	98
Figura 48 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 6</i>	99
Figura 49 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 7</i>	99
Figura 50 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 8</i>	100
Figura 51 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 9</i>	100
Figura 52 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 10</i>	101
Figura 53 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 11</i>	101
Figura 54 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 12</i>	102
Figura 55 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 13</i>	102
Figura 56 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 14</i>	103
Figura 57 – <i>Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 15</i>	103
Figura 58 – Imagem do cartaz de divulgação do evento	105
Figura 59 – Camerata de cordas dos estudantes	107
Figura 60 – Apresentação musical dos estudantes	108
Figura 61 – Visualização de vídeos	109
Figura 62 – Imagem do cartão lembrança do Sarau Poético	109
Figura 63 – Imagem do telejornal <i>Bahia Meio Dia</i> da TV Subaé – 21/09/2017	110
Figura 64 – Imagem do jornal impresso <i>Folha do Estado</i> – 23/09/2017	110
Figura 65 – Imagem da versão digital do jornal <i>Folha do Estado</i> – 23/09/2017	111

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Informações sobre o hábito de leitura dos estudantes	50
Tabela 2 – Informações dos estudantes referentes ao uso dos recursos digitais	50

RESUMO

As diversas manifestações da arte podem ser auxiliares no desenvolvimento humano e cognitivo de crianças e adolescentes, devido à ludicidade presente nas expressões artísticas. Além disso, há uma necessidade de ampliação dos múltiplos letramentos desses sujeitos, em uma sociedade cibernética e multissemiótica como a nossa. Desta forma, considerando o envolvimento e interesse dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, situado na cidade de Feira de Santana/BA, pelos recursos digitais, e ainda, a fim de aprimorar as suas habilidades em leitura e escrita, com ênfase no letramento literário, apresentamos, aqui, uma proposta de intervenção pedagógica, que foi desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa. Salientamos que tal proposta primou pelo estímulo à leitura do contexto sociocultural dos estudantes, registrado em fotografias, através das quais produziram poemas. Objetivamos, sobretudo, desenvolver o letramento literário dos aprendizes a partir do letramento visual, com o suporte da rede social *Instagram*, ambiente digital em que as produções fotográficas e poéticas foram publicadas. Nosso aporte teórico foi pautado em Candido (2006; 2011) que trata da função humanizadora da literatura; Cosson (2016) que aborda a necessidade de possibilitarmos, enquanto educadores, a ampliação do letramento literário, Fiorindo (2012) que enfoca as relações do leitor com o texto literário, Rojo (2009; 2015) que salienta a pertinência de se desenvolver multiletramentos, Santaella (2012; 2015) que lança um olhar sobre a leitura de imagens, Dondis (2016), por sua vez, traz contribuições acerca da alfabetização visual, enquanto Xavier (2012) se reporta à pertinência da utilização dos recursos digitais na educação, entre outros teóricos que estudam a temática dos multiletramentos, do letramento literário e multissemioses na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Fotografia. *Instagram*. Produção poética. Letramento literário.

ABSTRACT

The various manifestations of the art can be ancillary to the human and cognitive development of children and adolescents, due to the playfulness present in the artistic expressions. In addition, there is a need for expansion of the multiple literacies of these subjects in a cybernetic and multisemiotic society such as ours. In this way, considering the involvement and interest of the students of the 9th grade of Elementary School II of the Governador Luiz Viana Filho State College, located in the city of Feira de Santana / BA for digital resources, and in order to improve their reading and writing skills, with emphasis on literary literacy, we present, here, a proposal of pedagogical intervention, which was developed in Portuguese Language classes. We emphasize that this proposal was based on the stimulus to reading the students' socio-cultural context, recorded in photographs, through which they produced poems. We aim, above all, to develop the literary literacy of the learners from the visual literacy, with the support of the social network *Instagram*, digital environment in which the photographic and poetic productions were published. Our theoretical contribution was based on Candido (2006; 2011) that deals with the humanizing function of literature; Cosson (2016), who approaches the need to enable, as an educator, the expansion of literary literacy, Fiorindo (2012), which focuses on the reader's relations with the literary text, Rojo (2009; 2015), which stresses the pertinence of developing multi-literacy, Santaella (2012; 2015), who takes a look at reading images, Dondis (2016), in turn, brings contributions about visual literacy, while Xavier (2012) reports on the relevance of using digital resources in education, among other theorists who study the theme of multi-literacy, literary literacy and multisemiology in contemporary society.

Keywords: Photography. Instagram. Poetic production. Literary literacy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FOTOGRAFIA, LEITURA DE IMAGENS E <i>INSTAGRAM</i>: POESIAS COTIDIANAS	21
2.1	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA NA <i>PRÁXIS</i> PEDAGÓGICA.....	21
2.1.1	A leitura como prática social cotidiana	24
2.2	LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO LEITORA	26
2.2.1	O lugar da poesia na escola e para além dela	29
2.2.2	E a produção de poemas na escola, como acontece?	33
2.3	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FOTOGRAFIA	35
2.3.1	O letramento visual através da leitura de imagens fotográficas	37
2.4	O LETRAMENTO DIGITAL E SUAS IMPLICAÇÕES	42
2.4.1	Redes sociais: o <i>Instagram</i> e as novas formas de ensinar e aprender	44
3	A ARTE FOTOGRÁFICA NO UNIVERSO DA ESCRITA POÉTICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	48
3.1	CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO	48
3.2	SELEÇÃO DOS SUJEITOS	49
3.3	ESCOLHA DO MATERIAL	51
3.4	PROPOSTA DE INTERVENÇÃO	52
4	UMA EXPERIÊNCIA LÚDICA DE LEITURA: A FOTOGRAFIA EM PROL DA POESIA	75
4.1	SENSIBILIZAÇÃO IMAGÉTICA – 1ª ETAPA	75
4.2	LEITURAS FOTOGRÁFICAS – 2ª ETAPA	80
4.3	DIÁLOGOS ENTRE LINGUAGENS: MÚSICA E FOTOGRAFIAS – 3ª ETAPA ...	83
4.4	DIÁLOGOS ENTRE POEMAS E FOTOGRAFIAS – 4ª ETAPA	86
4.5	PRODUÇÃO E SELEÇÃO FOTOGRÁFICA – 5ª ETAPA	91
4.6	EXPOSIÇÃO E INTERAÇÃO NO <i>INSTAGRAM</i> – 6ª ETAPA	92
4.7	PRODUÇÃO DE POEMAS A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS – 7ª ETAPA	94
4.8	SARAU POÉTICO: OLHARES COTIDIANOS EM POESIAS – 8ª ETAPA	105

5	SENSIBILIZAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS	115
	APÊNDICES	119
	APÊNDICE 1 – Questionário aos estudantes	119
	APÊNDICE 2 – Slides utilizados nas aulas da 4ª Etapa	121
	APÊNDICE 3 – Poemas produzidos pelos estudantes na 4ª Etapa	124
	APÊNDICE 4 – Capa e contracapa do livro <i>Olhares cotidianos em poesias</i>	128
	APÊNDICE 5 – Poema <i>Trajetórias poéticas</i>	129
	ANEXOS	130
	ANEXO 1 – Dinâmica <i>Fotografias de União</i> (Ney Wendell)	130
	ANEXO 2 – Crônica <i>Vista Cansada</i> (Otto Lara Resende)	131
	ANEXO 3 – Letra da música <i>O que sobrou do céu</i> (Marcelo Yuka)	132
	ANEXO 4 – Biografia de Sebastião Salgado	133
	ANEXO 5 – Biografia de Antônio Brasileiro	134
	ANEXO 6 – Cópia do jornal <i>Folha do Estado</i> (23/09/2017)	135
	ANEXO 7 – Parecer Consubstanciado do CEP	136

1 INTRODUÇÃO

“Os poetas existem porque a realidade precisa ser vista.”

(Antonio Brasileiro)

Muitos foram os caminhos percorridos ao longo da minha trajetória. Caminhos que me propiciaram desenvolver, pouco a pouco, um gosto pela leitura, em especial, de livros literários. Digo pouco a pouco, porque, durante a minha infância, não vivi em um ambiente de grandes estímulos à leitura, sendo, portanto, na escola, que encontrei algum incentivo e, mais tarde, como professora, ampliei e ressignifiquei essa prática.

Nos caminhos da leitura, experimentei os sabores da poesia de Drummond, Ferreira Gullar, Vinicius de Moraes e Cecília Meireles; os contos inebriantes de Machado de Assis, Clarice Lispector e Rubem Fonseca; as crônicas envolventes de Affonso Romano de Sant’anna, Fernando Sabino e Luís Fernando Veríssimo; os romances de Graciliano Ramos, Jorge Amado e Alencar. Enfim, de fio a fio, cada texto lido ou degustado foi despertando, em mim, um envolvimento com a arte da palavra, de modo que, hoje, considero a literatura parte fundamental na minha vida pessoal e profissional.

Essa trajetória vem sendo construída desde os primeiros anos de estudo, ainda no Ensino Fundamental I, quando minha principal motivação era ler e escrever, algo que me fazia sonhar com o curso de jornalismo e comunicação. Não fora essa minha escolha quando adolescente, todavia, não me afastei muito das minhas intenções iniciais, pois, ao matricular-me no curso de Magistério e, em seguida, no curso de Letras Vernáculas, fortaleci esse contato com a leitura e a escrita, já que o cerne do curso reside no contato com os livros.

Hoje, enquanto educadora, sempre procuro pensar em estratégias que tornem a minha prática docente condizente com as demandas e anseios apresentados pelo contexto da minha atuação. Assim sendo, preocupo-me para que minhas aulas se mostrem significativas para os meus alunos, que possibilitem aos mesmos a realização de atividades relevantes à evolução da consciência individual e coletiva, mas, sobretudo, que lhes possibilitem dar saltos na aprendizagem e no desenvolvimento do senso crítico.

Filha da educação pública, da pré-escola à pós-graduação, sinto-me responsável em contribuir, de alguma forma, com a realidade deste contexto. Sei que existem inúmeras dificuldades a serem vencidas, mas os desafios existem para serem enfrentados e, por isso, busco sempre superá-los!

Estudei em escolas que oportunizaram o meu crescimento humano e cognitivo, embora, muitas vezes, tenham deixado marcas não tão positivas. Recordo-me que fui orientada a apenas

reproduzir os conhecimentos apresentados pelos professores e a me calar diante de questionamentos que vinham à mente, pois não encontrava espaço propício para a reflexão ou mesmo para serem externados. Já na graduação, e durante os três cursos de especialização e, em tantos outros de formação continuada dos quais participei, encontrei o desejado ambiente para me posicionar de maneira mais efetiva e avançar nas reflexões que surgiam. Entre estes últimos cursos mencionados, destaco Gestão da Aprendizagem Escolar (GESTAR), promovido pela Secretaria da Educação da Bahia, através do Instituto Anísio Teixeira (IAT). Nele, obtive formação profissional e também atuei como articuladora pedagógica, função que exerci na escola onde trabalho, por três anos. Essa experiência, sem dúvida, foi de grande relevância no aprimoramento dos meus conhecimentos e na troca de experiências com os pares envolvidos.

Hoje, após 15 anos de atuação como docente na educação básica da rede municipal da cidade de Feira de Santana/BA, e na rede estadual do mesmo estado, percebo a necessidade de ampliar as reflexões sobre o ensino de língua materna, de realizar discussões sobre o processo de ensino-aprendizagem, suscitando diálogos e replanejamentos constantes da minha prática pedagógica.

Após essa trajetória, considero fundamental a continuidade da minha formação no exercício da profissão que escolhi. Sei que os conhecimentos, as reflexões, as análises efetivadas no decorrer desse percurso estão latentes em cada ação por mim realizada, de maneira implícita ou explícita. Sei também que, como educadora, preciso estar imersa em um constante e ininterrupto processo de formação, haja vista a necessidade que temos de construir, desconstruir e/ou reconstruir conceitos que permeiam a nossa prática docente e que, por inúmeras razões, precisam ser repensados e renovados a todo o tempo.

Nesta perspectiva, o desejo de realizar um curso de mestrado foi despertado em mim e, o Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UNEB, curso que considero extremamente relevante com relação às principais necessidades de formação profissional do professor de Língua Portuguesa, vem atendendo às minhas expectativas e oportunizado reflexões a respeito do ensino de língua materna, abarcando o desenvolvimento de múltiplos letramentos, inclusive o letramento literário e o letramento digital. Penso que, após a conclusão do curso, me sentirei uma professora renovada e com um comprometimento, ainda maior, com a educação dos meus alunos. Aliás, desde que adentrei nas aulas, passo por um processo de transformação que já repercute nas aulas que ministro.

A partir de então, considerando minha experiência, enquanto professora do Ensino Fundamental II, e do contexto atual dos adolescentes imersos no mundo digital, observo que a percepção de mundo e, especialmente, do lugar onde se vive são de extrema relevância para o

crescimento humano do indivíduo. Viver em um ambiente e ser omissos à sua história, à sua constituição social e cultural representa uma forma de alienação. No entanto, conhecer o lugar em que se vive, vai além do mero acúmulo de informações, envolve olhar para seu entorno e notá-lo sob detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos ao imediatismo do olhar, embaçado pela pressa e pela indiferença ao alheio, e, parafraseando Otto Lara Resende (1992), isso ocorre, pois temos o hábito de olhar as coisas, as pessoas, as situações à nossa volta e não vê-las, isto é, não enxergá-las em profundidade, observando-as e contemplando-as.

Desta forma, desenvolver um trabalho, em sala de aula, que vislumbre suscitar nos estudantes uma reflexão acerca do modo pelo qual se olha e se percebe o mundo, mostra-se oportuno e relevante, pois na interação com o meio é possível compartilhar experiências cotidianas para que o processo de ensino-aprendizagem se efetive de forma mais sólida. Nesta perspectiva, o estudante passa a ter um papel social devido ao empoderamento que lhe é oportunizado, ao possibilitar o aprendizado, por meio da troca de experiências vividas e compartilhadas.

A partir de então, observando que a escola onde trabalho atende um público carente, que pertence à classe socioeconômica menos favorecida, residentes na zona urbana e em comunidades rurais, além de obter, repetidamente, baixos índices de rendimento nas avaliações oficiais do Ministério da Educação, a exemplo da Prova Brasil¹ instituída pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e, ainda, por apresentarem dificuldades na proficiência de leitura e escrita, com destaque para o letramento literário, fez-se necessário desenvolvermos uma proposta de intervenção pedagógica que sensibilizasse os estudantes, privilegiando o meio onde vivem e o contexto cibernético atual, do qual a maioria dos alunos é considerada nativa digital (PRESNKY, 2001), visando suscitar o interesse nas aulas de Língua Portuguesa de forma contextualizada e significativa. Ressaltamos que, embora estejamos imersos em um contexto de interações sociais via internet, nem todos os jovens podem ser considerados nativos digitais, pois não dispõem de internet em suas casas, seus aparelhos celulares, muitas vezes, também não são conectados à rede e, além disso, as escolas onde estudam têm, quando muito, uma rede *Wi-Fi* precária que não lhes possibilita navegar no ambiente digital, ao passo que os jovens, cujas famílias dispõem de uma condição socioeconômica melhor, têm amplo acesso à internet. Assim, não podemos negar que esta situação influencia nas diversas formas de interação social, implicando em diferentes níveis de letramentos desenvolvidos nas relações humanas.

¹ Os resultados obtidos, pela escola, no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) entre os anos de 2005 e 2015 giraram em torno de 2.0 a 2.4. Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em: 20/12/16.

Neste contexto, é importante considerarmos dados relacionados ao desempenho na proficiência leitora, os quais apontam que o Brasil encontra-se em uma situação desfavorável em relação a muitos outros países do mundo. Os últimos resultados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA)², instituído pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), foram divulgados em 2016 e mostram que, entre 72 países, o Brasil obtém a 59ª posição. O exame é considerado o principal instrumento de avaliação da educação básica no mundo e evidencia, ainda mais, a necessidade de que o ensino de leitura seja repensado no Brasil e melhor se ajuste às demandas do contexto em que os estudantes vivem.

Assim, a proposta de intervenção que realizamos, a fim de estimular os estudantes na produção de poemas, utilizando as novas tecnologias, consistiu em instigar o aprendiz a exercitar uma forma de olhar para aquilo que está a sua volta com atenção e sensibilidade, buscando registrar, por meio da fotografia, captada através da câmera fotográfica dos *smartphones*, aparelhos celulares que a maioria dos estudantes possui, situações cotidianas que demonstrem circunstâncias da realidade local, que revelem, por exemplo, como as pessoas se comportam nas relações interpessoais, como realizam atividades diárias ligadas ao comércio, à religião, à cultura, aos hábitos e aos costumes da comunidade. Além disso, os registros contemplaram, também, imagens da natureza, ruas e praças, o tratamento do homem com os animais, entre outros aspectos. Como os pontos de vista são diferentes porque cada sujeito é único, os olhares também são, ainda que o lugar e/ou cena fotografada sejam os mesmos, afinal, como considera Cotton (2013), a criação artística do ato fotográfico se inicia muito antes da captação da imagem propriamente dita, já que o sujeito leva consigo, de forma intrínseca, a sua forma de olhar para o mundo.

Salientamos, porém, que em nossas orientações não direcionamos os estudantes para o registro específico que deviam fazer, de modo que eles tiveram autonomia para fotografar aquilo que observavam, o que mais lhes chamavam a atenção. Fizemos ressalvas, apenas, com relação ao registro da imagem humana, sobretudo de imagens que mostrassem o rosto das pessoas, posto que o direito de imagem precisa ser resguardado, de acordo com a legislação brasileira³ vigente.

²Informações retiradas do Portal do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Disponível em: <http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2015/pisa_2015_brazil_prt.pdf>. Acesso em 24/01/2017.

³O direito de imagem está consagrado na Constituição Federal (1988), em seu artigo 5º, incisos X e XXIII, alínea 'a', e está inserido no rol dos direitos e garantias fundamentais. Neste sentido, também está previsto no Código Civil (2002) em seu artigo 11 e seguintes. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=12670>. Acesso em 04/12/16).

Paralelamente, as imagens capturadas foram socializadas no *Instagram* – rede social de grande utilização para postagem de fotografias e vídeos em que pessoas trocam *likes* (curtidas) em seus perfis e se comunicam. As imagens compartilhadas foram selecionadas pelos grupos e serviram como estímulo para produção de textos poéticos. Ressaltamos que o trabalho cocriativo, em sala de aula, propicia o exercício do respeito à diversidade de opiniões e posicionamentos, algo absolutamente pertinente para a convivência coletiva, especialmente nas sociedades modernas. Além disso, a forma como as etapas deste trabalho foi conduzida permitiu aos estudantes exercitarem os multiletramentos, pois em cada uma delas, tiveram a oportunidade de construir ou reconstruir saberes, de maneira colaborativa e solidária, ampliando o repertório de conhecimentos.

Diante do exposto, levantamos as seguintes hipóteses:

- a) Por meio do registro fotográfico e da leitura das imagens postadas na rede social *Instagram*, a partir do lugar onde vivem, os aprendizes desenvolvem múltiplos letramentos;
- b) A produção de poemas, a partir da leitura das imagens fotográficas, possibilita o aprimoramento das competências leitora e escritora.

A partir das hipóteses surgiram duas perguntas que foram respondidas no decorrer da dissertação:

- 1) A produção e leitura de fotografias, a partir do meio sociocultural onde os estudantes vivem, propicia a ampliação de múltiplos letramentos?
- 2) A leitura das imagens fotográficas, realizadas pelos estudantes e postadas no *Instagram*, possibilita a criação de poemas?

Assim, o objetivo geral consiste em possibilitar o exercício da leitura de mundo por meio do registro fotográfico e, a partir disso, promover, de forma crítica e reflexiva, a produção de poemas através da visualização das imagens.

E, para tanto, elencamos os objetivos específicos:

- ✓ Suscitar um olhar observador do meio sociocultural em que se vive, registrando-o em fotografias;

- ✓ Desenvolver o letramento visual crítico por meio das imagens capturadas na câmera fotográfica e postadas no *Instagram*;
- ✓ Possibilitar a produção de poemas, em duplas, a partir da leitura das imagens fotográficas.

A fim de alcançarmos tais objetivos, construímos esta dissertação, dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *Fotografia, leitura de imagens e Instagram: poesias cotidianas*, abordamos os múltiplos letramentos com ênfase no letramento literário, viabilizado através do letramento digital e do letramento visual, uma vez que priorizamos a leitura do texto imagético, com o aporte teórico de Santaella (2013; 2015), Dondis (2016) e Bitar (2002). Acerca do entendimento sobre multiletramentos, Rojo (2009; 2015), Soares (2014) e Kleiman (1995) serviram de base, enquanto Dionísio e Vasconcelos (2013), Coscarelli e Kersch (2016) subsidiaram o estudo sobre a multimodalidade, sob o enfoque do estudo da imagem. Paralelamente, discorremos acerca do uso pedagógico das TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação) com ênfase na mídia social *Instagram*, a partir de Lèvy (1999), Xavier (2007; 2012) e Silva (2003). E, com base em Candido (2006; 2011), Fiorindo (2013; 2014) e Cosson (2016), delineamos as peculiaridades do texto literário, especificamente, o gênero poema.

No segundo capítulo, *A arte fotográfica no universo da escrita poética: uma proposta de intervenção*, que é o cerne da pesquisa, abordamos a seleção dos sujeitos, a contextualização do espaço, bem como a seleção do material e a descrição das etapas da Proposta de Intervenção. Já no terceiro capítulo, *Uma experiência lúdica de leitura: a fotografia em prol da poesia*, expusemos a análise e discussão dos dados obtidos na pesquisa, bem como os resultados alcançados a partir da aplicação da intervenção pedagógica. Por fim, nas *Sensibilizações Finais* apresentamos nossas impressões acerca do desenvolvimento do trabalho, as reflexões que dele emergiram, bem como as contribuições para a nossa atuação enquanto docente e para a Educação.

2 FOTOGRAFIA, LEITURA DE IMAGENS E INSTAGRAM: POESIAS COTIDIANAS

*“O fotógrafo tem a mesma função do poeta:
Eternizar o momento que passa.”*

(Mario Quintana)

Iniciamos nossa reflexão lembrando dos inúmeros estudos e dados obtidos através dos sistemas de avaliações oficiais, como o Sistema Nacional da Educação Básica (SAEB) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), e testes internacionais, como o Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), que apontam para a necessidade de a escola brasileira tratar a questão da leitura fazendo uso de outras estratégias, diferentemente das praticadas atualmente. Não obstante, hoje, parecer haver um interesse generalizado em promover o hábito da leitura, não apenas pelo desenvolvimento intelectual, mas também cultural, social e econômico do indivíduo. Ocorre que, paradoxalmente, os índices demonstram que há longos passos a se percorrer até que a leitura se torne uma prática comum na rotina dos brasileiros.

Para nós, através do exercício da leitura os sujeitos têm a oportunidade efetiva de interagir com um universo de possibilidades, confrontando os conhecimentos construídos ao longo das suas experiências de mundo com o objeto lido. Todavia, no Brasil, de acordo Rojo (2009, p. 15) “a relação da escola com os meios populares é de exclusão e fracasso”, uma vez que muitos brasileiros ainda não leem de forma efetiva e carecem de uma intervenção mais eficiente, já que o ensino de leitura é imprescindível na formação do sujeito e na construção do seu senso crítico, de forma que possa atuar conscientemente na sociedade da qual faz parte.

Assim, neste capítulo, traçamos algumas discussões em torno das novas maneiras de se efetivar a prática da leitura, bem como os diferentes modos e suportes em que ela, hoje, se processa, a exemplo dos ambientes digitais com suas intersemioses e novas formas de interação. Além disso, discutimos a forma como as leituras cotidianas se realizam, levando-se em conta os múltiplos letramentos exigidos numa sociedade plural, ressaltando a leitura e a produção literária poética.

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA NA PRÁXIS PEDAGÓGICA

Acreditamos que a leitura proporciona um envolvimento do leitor com o mundo das palavras, possibilitando a fruição, o diálogo, a reflexão e a criticidade, razão pela qual, enquanto educadores, precisamos compreender como tal processo se realiza. Assim, de acordo com os

estudos cognitivistas apoiados, aqui, em Kleiman (2016), a leitura ocorre por meio de uma interação entre o leitor e o autor via texto, e é através dessa interação que, em um determinado contexto, os sentidos vão sendo construídos e a leitura vai se efetivando, já que o leitor, fazendo uso do seu conhecimento de mundo, linguístico e textual, atribui um sentido global aos textos.

Lajolo (2002) considera leitor e escritor faces da mesma moeda, apesar das quedas-de-braço que ocorrem entre eles algumas vezes. Desta forma, podemos considerar que o sentido não está propriamente no texto, mas é sugerido a partir dele, num processo dialógico de interação mútua, no sentido de que o leitor de alguma forma é modificado pelo texto, e este tem suas lacunas preenchidas pelas inferências feitas pelo leitor.

Assim, o processo de leitura caracteriza-se essencialmente numa ação dinâmica, dialógica em que diversos mecanismos discursivos são acionados e a significação do texto vai se processando em uma simbiose entre texto e leitor. Lemke (2010) lembra que, ao construirmos significados durante uma leitura, fazemos conexões entre os símbolos que temos à mão com outras imagens lidas, vistas, ouvidas ou imaginadas, de modo que

As conexões que fazemos (o tipo de conexão e os textos e imagens a que efetivamente nos conectamos) são parcialmente individuais, pois são características da nossa sociedade e do lugar que nela ocupamos: nossa idade, nosso gênero, nossa classe econômica, nossas afiliações, nossas tradições familiares, nossas culturas e subculturas (LEMKE, 2010, p. 458).

Desse modo, o caráter eminentemente dialógico da linguagem determina a intertextualidade que é inerente a todo e qualquer texto. Conforme afirma Bakhtin (2011, p. 272), “Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Sendo assim, é possível compreendermos que os textos são intertextuais porque são dialógicos, polifônicos, coadunando-se com a perspectiva bakhtiniana e a intertextualidade, um mosaico em que os textos interagem entre si.

O caráter intertextual do discurso é hoje um consenso entre os estudiosos da linguagem. De acordo com Marcuschi (2008), a coerência textual decorre desse fundamento, uma vez que, pelo fato dos discursos se inter-relacionarem, a lógica semântica é assegurada, pois os textos mantêm relações de sentido internas realizadas implícita ou explicitamente. Salientamos que a acepção de discurso que justifica tais entendimentos está pautada em Marcuschi (2007) ao frisar que “discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza em textos”.

Estas considerações nos levam a reflexões enquanto leitores que somos, visto que exercemos posturas diferentes diante do texto, dependendo das expectativas postuladas no ato

da leitura ou por ela determinadas. Neste caso, o tipo textual, o gênero discursivo e o suporte em que o texto é veiculado, entre outros aspectos, influenciam a maneira como lemos, pois, levamos à leitura variadas perspectivas que, certamente, delineiam os sentidos ali construídos.

Nesta perspectiva, a compreensão de um texto não está sob domínio de quem o enuncia, mas é gerada de acordo aos objetivos de leitura do coenunciador, bem como às leituras feitas, por ele, previamente. Por estas e por outras razões, é interessante refletirmos sobre os seguintes questionamentos: Como a Escola vem trabalhando a leitura? Ela vem ajudando a formar leitores críticos? Que concepção de língua e leitura tem a Escola?

Estes questionamentos aludem a dois pontos inter-relacionados entre si: concepção de língua e leitura. Ambas correspondem a forma como a escola trata a leitura e, em suas metodologias, deixa transparecer o entendimento que tem da língua, isto porque a concepção de língua é revelada na forma como o professor atua em suas aulas de língua portuguesa, abordando os aspectos textuais, linguísticos e discursivos.

Concepção de língua e de leitura são, portanto, dois entendimentos estritamente interligados e, segundo Koch (2015), ao conceber a língua como representação do pensamento, o texto está sendo considerado como um produto que deve ser captado pelo leitor, enquanto sujeito individual, e suas experiências e conhecimentos são desconsiderados. Já quando a língua é considerada uma estrutura, o texto, produto codificado pelo emissor, deve ser decodificado por um leitor passivo e “assujeitado” pelo sistema. Todavia, ao conceber a língua numa perspectiva interacional, dialógica, o texto ganha uma multiplicidade de sentidos resultantes da interação com o leitor e ambos se constroem nessa relação. Essa compreensão aponta para reflexões importantes e, segundo Freire (2016)

Não se lê criticamente, como se fazê-lo fosse a mesma coisa que comprar por atacado. Vinte livros, trinta livros. A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental me vou tornando também sujeito. [...] Esta forma viciada de ler não tem nada que ver, por isso mesmo, com o pensar certo e com o ensinar certo (FREIRE, 2016, p. 29).

Ainda segundo o autor, quanto mais o professor estiver convicto das suas ações enquanto educador, poderá evitar equívocos. Entretanto, quando o assunto é ensino de leitura, práticas equivocadas podem ocorrer na escola. Isto se confirma quando observamos a forma pela qual a leitura vem sendo trabalhada nas escolas brasileiras, que se resume, muitas vezes, na busca de informações presentes na superfície do texto e que devem atender aos questionamentos elaborados pelo professor ou pelo livro didático.

Outras vezes o ensino de leitura tem sido relegado a atividades mecânicas, sem contar com aquelas assíduas metodologias de utilização do texto como pretexto para desenvolver atividades secundárias, quando poderia ser trabalhado na perspectiva dos gêneros discursivos, por exemplo, ocorrendo de maneira contextualizada. Entendemos que a prática descontextualizada inviabiliza o prazer, a fruição e, muitas vezes, tem consequências negativas na vida do aluno, que por sua vez, cria uma aversão aos textos.

Artificialidades como essas se fazem presentes em torno do trabalho com a leitura em muitas escolas, de modo que elas têm se eximido do seu papel instaurador do gosto, pelo contrário tem construído um ambiente que, na maioria das situações, o compromete.

2.1.1 A leitura como prática social cotidiana

Nas últimas décadas, o entendimento sobre o conceito de letramento vem sendo repensado mediante às demandas sociais. Desde os anos 1980, estudiosos da linguagem e da educação apontam para uma nova formação do indivíduo, uma vez que já não bastava ser alfabetizado, demonstrando-se competente com relação ao uso individual da escrita (KLEIMAN, 1995), mas estar apto às reflexões sobre fatos, ideias e comportamentos sociais que ora começavam a se desenhar. Na linha desse raciocínio, Tfouni (2010, p. 32) considera que “a necessidade de se começar a falar em letramento surgiu [...] da tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta”.

De fato, novas condições de uso da escrita vem se constituindo numa sociedade que amplia, vultuosamente, as suas fronteiras tecnológicas e culturais. As pessoas, neste contexto, exercitam práticas de letramento com efeitos sociais mais largos e que envolvem saberes e competências variadas. Segundo Soares (2014, p. 72),

letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

Desta maneira, podemos considerar que o ato de ler se constitui como uma prática social e cultural amplamente exercitada em leituras cotidianas, por exemplo, de placas de trânsito e de ônibus, de anúncios publicitários, de letreiros de lojas e fachadas, de embalagens de produtos, folhetos informativos, livros, revistas, televisão, cinema, enfim, tudo o que compõe a

nossa sociedade marcada pela cultura grafocêntrica e imagética, a qual é denominada por Santaella e Nöth (2015, p. 13), como “idade vídeo e infográfica”. Mesmo aqueles que não dominam o código linguístico, exercitam, de certa forma, a prática da leitura. Então, tomamos por base os fundamentos de Soares (2014) ao considerar que, embora uma pessoa seja considerada analfabeta por não saber ler e escrever, ela pode ser letrada porque se envolve em práticas sociais de leitura e de escrita. Ou ainda, conforme Kleiman (1995, p. 20), o “letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”.

É a partir de tais considerações que trazemos uma reflexão sobre a leitura que fazemos de nós mesmos e do mundo, cotidianamente, pois, pelo fato de sermos sujeitos sociais que, ao mesmo tempo em que fazemos a história, por ela somos feitos, muitos aspectos da vida em sociedade não são observados, conforme verificamos a seguir:

A vida cotidiana é a vida de todo homem, pois não há quem esteja fora dela, e do homem todo, na medida em que, nela, são postos em funcionamento todos os seus sentidos, as capacidades intelectuais e manipulativas, sentimentos e paixões, ideias e ideologias (PATTO, 1993, p. 124-5).

Sob este ponto de vista, o sujeito contemporâneo como o indivíduo de toda época, tem motivações diferentes, aspirações diferentes, desejos e pensamentos muito particulares e que remetem às suas crenças e ideologias próprias. Assim, a maneira como cada indivíduo age em determinada sociedade é reveladora das concepções construídas ao longo da sua trajetória enquanto sujeito social que, imerso num contexto, como participante na e da história, de acordo com Geraldi (1996, p. 80), é “ao mesmo tempo seu produto e força de propulsão.” Ainda, segundo o autor

Esta é a face individualmente dolorida da crise social: como sujeitos, constituímos-nos social e heterogeneamente, vivendo nos horizontes de possibilidades concretas de cada momento particular. Neles nos movemos e no movimento ampliamos tais horizontes na medida em que no presente nossa memória do futuro nos permite agir não só limitados pelo passado, mas também orientados pelo futuro (GERALDI, 1996, p. 79).

A leitura de mundo é uma construção social em que pensamentos, ideias e utopias mobilizam o agir do indivíduo num meio coletivo. Tal agir está atrelado ao lugar social em que os sujeitos se encontram, haja vista que as elites, por exemplo, possuem um acesso bem maior aos bens culturais, incluindo a sua produção, além da instauração e manutenção dos modelos econômicos que objetivam mantê-las sempre no poder e segregar as populações carentes. Isto significa que não há convívio social sem que haja alienação e, conforme o ponto de vista de

Patto (1993, p. 125), “pela coexistência e sucessão de atividades heterogêneas, a vida cotidiana é, de todas as esferas da realidade, a que mais se presta à alienação”. Desta forma, a construção da identidade individual em contextos socioculturais marcados por ideologias segregativas e preconceituosas e que perpassam o imaginário coletivo, é, sobretudo, um grande desafio.

É importante pensarmos, também, sobre o olhar do sujeito individual que é reflexo do coletivo. Assim o concebemos porque, conforme dissemos anteriormente, o sujeito está imerso numa sociedade e sua história, e emaranhado nas concepções sociológicas, ideológicas e antropológicas que, intrinsecamente, o constituem. Ghedin e Franco (2008, p. 71), nessa esteira, consideram que olhar “significa pensar, e pensar é muito mais do que olhar e aceitar passivamente as coisas”, mas analisar os fatos configurados pela cultura, e ainda, “olhar é interpretar e perceber para poder compreender como são as coisas e os objetos investigados”.

2.2 LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO LEITORA

Pensamos que toda leitura requer do leitor um envolvimento com o texto, com a temática abordada, com o entrelaçamento das palavras, dos pensamentos e ideias. A leitura literária, porém, impõe um envolvimento ainda maior, requer do leitor uma disponibilidade para adentrar no universo criado pelo escritor conferindo à trama, à poesia uma função humanizadora, sem a qual, a arte literária não atinge sua real finalidade.

O texto literário, de acordo com Cosson (2016, p. 29), “demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos”. Segundo o autor, somente se pode falar neste tipo de leitura, quando ocorre este intenso processo de interação e o leitor atribui, às palavras, os significados necessários à construção de sentidos.

Conforme Fiorindo (2012), a linguagem literária, em prosa ou em versos, possibilita a inventividade do sujeito-leitor, favorecendo a valorização da sua subjetividade e compreensão da vida. Há milênios, tal arte retrata as vivências da história humana, os mitos, o universo fabuloso e imaginativo com uma perfeição que nenhuma outra linguagem se mostrou capaz de traduzir. Alinhado a esse pensamento, Proença Filho (2007, p. 41), reforça que esta linguagem tem o potencial de revelar muito da condição humana, pois “caracteriza um mergulho na direção do ser individual, do ser social, do ser humano”. A fim de ilustrar estas considerações, podemos ler um trecho do romance *Água Viva* de Clarice Lispector, já que, em suas linhas prosaicas, há muito dessa subjetividade mencionada, além da poesia imanente:

Fotografo cada instante. Aprofundo as palavras como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra. Não quero perguntar por quê, pode-se perguntar sempre por que e sempre continuar sem resposta: será que consigo me entregar ao expectante silêncio que se segue a uma pergunta sem resposta? Embora adivinhe que em algum lugar ou em algum tempo existe a grande resposta para mim. E depois saberei como pintar e escrever, depois de estranha mas íntima resposta. Ouve-me, ouve o silêncio. O que te falo nunca é o que te falo e sim outra coisa. Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela e estou à tona de brilhante escuridão. Um instante me leva insensivelmente a outro e o tema atemático vai se desenrolando sem plano mas geométrico como as figuras sucessivas num caleidoscópio [...]. O que te digo deve ser lido rapidamente como quando se olha. (LISPECTOR, 1988, p.9).

Ou ainda, o poema *Memória*⁴ de Carlos Drummond de Andrade:

*Amar o perdido
deixa confundido
este coração.*

*Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.*

*As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.*

*Mas as coisas findas
muito mais que lindas
essas ficarão.*

Em prosa e em verso, a linguagem poética se evidencia e convida o leitor a uma fluente leitura autorreflexiva, introspectiva, uma leitura capaz de humanizar e que proporciona deleite em cada palavra. Ambos os textos trilham esse percurso e possibilitam a fruição tão almejada pelos apreciadores da arte literária.

Tendo em vista a importância deste tipo de leitura e a sua trajetória ao longo do tempo, é pertinente que pensemos como ocorre o seu ensino, especialmente nas escolas públicas brasileiras. De acordo com Cosson (2016), tal prática tem sido estruturada, na maioria das vezes, a partir da cronologia dos movimentos literários, priorizando-se, sobremaneira, o contexto histórico em que os escritores produzem suas obras, bem como as características peculiares em cada fase ou geração das composições. Conforme Zilberman (2009), a literatura

⁴ Disponível em: <https://www.pensador.com/as_coisas_findas_muito_mais_que_lindas/>. Acesso em: 15/09/17.

ensinada na escola ainda se contrapõe à época vivida pelo estudante e às suas experiências atuais, sendo, portanto, retroativa e representativa do passado.

Desta maneira, é absolutamente contraditório ensinar literatura, cuja essência reside no exercício contínuo da leitura e também da escrita, sem que o principal foco de abordagens seja o próprio texto literário, pois, no ensino de literatura nada pode ser mais importante do que a própria literatura. No entanto, segundo Candido (2011), há um temor por parte dos educadores em trabalhar com esse tipo de texto, que pode se configurar, através do efeito que causa, como um fator de perturbação e risco, desestabilizando as normas estabelecidas pela escola e suscitando questionamentos com os quais ela poderia não saber lidar. De forma paradoxal, a escola, que deveria primar pela criticidade promovida a partir dos textos literários, muitas vezes despreza a relevância desse tipo de atividade, pois

[...] como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p. 182).

Compreender o alcance que um texto literário possa ter é importante, sobretudo para os professores de literatura que, cientes desta proporção, podem pensar em estratégias que viabilizem a leitura literária em suas aulas e ressignifiquem a exploração de conteúdos das diversas disciplinas escolares. Além disso, se oportuniza o aprimoramento da visão de mundo, do senso crítico e do comprometimento com causas sociais e humanitárias. Formar leitores que não desenvolvam um engajamento com a sociedade é uma atitude apolítica, antissocial, já que criar cidadãos conscientes deve ser algo inerente ao ato de educar.

Outro ponto que merece nossa atenção, diz respeito, ainda conforme Candido (2011), ao direito que todos têm de apreciar a arte literária, à necessidade comum de se transportar para o universo da fabulação, ao universo onírico, muitas vezes verossímil e reflexivo que é característico da literatura e que oportuniza ao indivíduo humanizar-se sempre mais. Neste sentido, Cosson (2016) aponta para a relevância do trabalho com leitura na escola, principalmente a leitura literária, uma vez que o letramento literário torna-se viável quando se lança mão de tais práticas. Para ele,

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a compreensão do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de

leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito pela linguagem (COSSON, 2016, p. 30).

Nesta perspectiva, o conceito de letramento literário engloba um trabalho com literatura que priorize a leitura integral do texto, buscando compreendê-lo em sua inserção social e histórica, e não a repetição e memorização de informações sobre autores, características de escolas e obras. Além disso, a metodologia de ensino utilizada nas aulas não pode se restringir à solicitação de resumos e preenchimento de fichas de leitura, pois o estudante dificilmente verá sentido em estudar assim.

Por tudo isso, o professor precisa estar consciente de que, ao propor atividades em que o texto literário seja o enfoque principal, deverá criar as condições adequadas e o planejamento necessário para a realização desse momento, visto que ao ler um texto literário, o aluno terá a oportunidade de ampliar seu repertório linguístico e cultural. Por conseguinte, de acordo com Rouxel (2013), a recepção do texto literário pode influenciar na formação de uma personalidade, mais ou menos, sensível e inteligente e na realização de reflexões sobre seu modo de ser e estar no mundo.

O ensino de literatura é, portanto, desafiador para todos aqueles educadores que pretendem fomentar em suas aulas discussões históricas, políticas, socioculturais e étnicas, visto que o texto literário oportuniza reflexões por parte do leitor com relação à sociedade em que vive e às demais, ampliando seu olhar sobre aspectos obscurecidos ou não muito debatidos. Tais reflexões podem ser suscitadas por meio dos diversos gêneros textuais literários, a exemplo do romance, do conto, da crônica ou do poema, o qual, pela magnitude da linguagem, geralmente alcança o âmago das questões.

2.2.1 O lugar da poesia na escola e para além dela

Por volta do século V a. C., na Grécia antiga, a literatura (*mousike*) se constituía como um dos conteúdos fundamentais abordados nas escolas, ao lado da aritmética (*logistike*), da linguagem (*grammatike*) e do atletismo (*gumnastike*) (ZILBERMAN, 2009). Sua centralidade, no entanto, residia na leitura e na escrita da poesia que era objeto, principalmente, de memorização e declamação. Por isso, a poesia, ao lado da prosa, compunham o cerne dos objetivos pedagógicos, inclusive, Dionísio Trácio⁵, escritor da primeira gramática já escrita,

⁵ Autor de importante livro didático da Antiguidade – a *ArsGrammatica* – que continha 16 páginas aproximadamente e foi considerada a primeira gramática já elaborada. Tal modelo permaneceu em uso por séculos.

utilizava-se dos registros literários que constituíam o cânone clássico da época para traçar os exemplares usos da língua.

Durante séculos, a poesia serviu de referência para o “bem falar” aclamado pelos consagrados escritores tradicionais. Zilberman (2009) ressalta que esse modelo permaneceu vigente por muitos séculos, sendo que a finalidade principal não era a de formar leitores para a literatura “por uma razão muito simples: a literatura – ou a poesia –, na sua formulação anterior à Renascença, [...] estabeleceu-se como padrão de uso, sua aplicação pelos poetas e criadores literários”. Apesar disso, a literatura ou a poesia, tornavam-se apreciadas por muitos cidadãos da época.

Essa concepção pedagógica sob a qual literatura, e, mais especificamente, a poesia recebeu ao longo da história, somente foi substituída a partir da década de 1970, em que houve certo alargamento de abordagens temáticas e textuais. Histórias em quadrinhos, jornais, revistas, produtos dos meios de comunicação de massa, audiovisuais e multimídias começaram a ganhar espaço nas aulas, em virtude das novas demandas socioculturais que começaram a se desenhar, nesse período.

Conhecer a maneira como a poesia foi concebida na história da humanidade é de suma importância para compreendermos cada composição, com suas variadas formas e linguagens, desde as estruturas mais herméticas como os versos de Alexandre de Bernay⁶ e os sonetos de Luís de Camões até os poemas modernos de Fernando Pessoa e Oswald de Andrade. De modo semelhante, é importante conhecermos a produção contemporânea de Arnaldo Antunes, em que forma e conteúdo são valorizados e compõem os sentidos poéticos e de Antonio Brasileiro⁷, cuja valorização do conteúdo se sobrepõe à forma, conforme observamos a seguir:

Contemplação da Nuvem⁸
p/Luís Alberto

a vida é a contemplação daquela nuvem.
E o mundo
uma forma de passar, que inventamos
para não ver que o mundo não é o mundo,
mas uma nuvem
passando.

⁶ Trovador do século XII, cuja forma poética era metodicamente empregada (versos compostos por doze sílabas), dando sequência à escrita de Lambert Licors, um francês que primava por tal maneira de escrever.

⁷ Além de ser artista plástico, é poeta e professor emérito da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). É também membro da Academia Baiana de Letras, com mais de vinte títulos de poesia publicados.

⁸Disponível em:

<http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/bahia/antonio_brasileiro.html#topo1>. Acesso em: 19/01/17.

*E uma nuvem passando
ensina-nos mais coisas que cem pássaros
mil livros um milhão de homens.*

*A vida é a contemplação daquela nuvem.
E o mundo
uma forma de passar, que inventamos
para não ver que o mundo não é o mundo,
mas uma nuvem.*

Passando.

Antonio Brasileiro

Neste poema, o poeta se utiliza da liberdade poética para compor o texto, fugindo às rimas, ritmo e à métrica convencionais. Escreve versos de tamanhos variados, dando, inclusive, espaços entre as palavras com a intenção de atribuir sentido a isso. A esse respeito, Candido (2011, p. 179) salienta que “A produção literária tira as palavras do nada e as dispõe como todo articulado”, de modo que a sua organização comunica alguma coisa, inclusive a imagem mental que se cria ao ler, mesmo quando o poema é exclusivamente verbal, como neste caso. Outro detalhe que se observa no poema é o emprego inicial da letra minúscula e, no segundo verso, de letra maiúscula numa perfeita sintonia com os sentidos ali sugeridos, e assim prossegue ao longo do texto. Portanto, cabe ao leitor atento e sagaz, perceber estes detalhes e desfrutar da poesia perene no poema.

Conforme observamos, o texto poético, através da sua expressividade e poder humanizador, atravessa o inconsciente e o subconsciente humano provocando transformações, primeiro, individuais e, depois, coletivas. Por meio dele, a nossa capacidade de ver e sentir torna-se muito maior, e nos faz construir uma percepção de mundo bem mais profunda. Esta característica da poesia também é peculiar em tantas outras manifestações artísticas a exemplo do teatro, do cinema, das artes plásticas, uma vez que a arte, conforme Fiorindo (2014), possibilita o desenvolvimento integral do ser humano, o seu desenvolvimento pleno e o avanço das suas potencialidades.

O mundo contemporâneo, talvez mais do que em épocas anteriores, é composto por instabilidades e inquietudes. A primeira e mais gritante delas reside na fragilidade da condição humana que, incapaz de se autoconhecer, de se autocompreender, necessita de tradução, e a magia da arte é a melhor e mais contundente forma de atingir tal propósito. Músicas, danças, pinturas, peças teatrais, filmes, romances, contos, crônicas, fábulas, fotografias, poemas... Enfim, nada há com tamanho poder de penetrar na alma humana e desnudá-la, revelando-a com excelência e magnitude. A seguir, nos dois poemas visuais do poeta, cantor e compositor

brasileiro Arnaldo Antunes, notamos a agudeza das suas palavras no sentido de provocar no leitor certa inquietação e instabilidade:

Figura 1 – Poema de Arnaldo Antunes 1



Figura 2 – Poema de Arnaldo Antunes 2



Fonte: <http://brasilecola.uol.com.br/literatura/arnaldo-antunes.htm>

Nestes poemas, através da dimensão visual das palavras, o poeta instiga o leitor a refletir sobre o seu modo de ser e agir no mundo, sobre suas certezas e posicionamentos. Neles, a escolha e o movimento das palavras, o uso das cores e formas contribuem para que os sentidos sejam construídos pelo leitor e que ele se delicie com a poesia que há ali, pois “a literatura, na verdade, cria significantes e funda significados (PROENÇA FILHO, 2007, p. 44)”. Neste caso, a multissignificação poética é sugerida por meio das intersemioses presentes nos textos e, sobre as quais, lançamos o seguinte questionamento:

O que é uma imagem-no-poema? Já não é, evidentemente, um ícone do objeto que se fixou na retina; nem um fantasma produzido na hora do devaneio: é uma palavra articulada. A superfície da palavra é uma cadeia sonora. A matéria verbal se enlaça com a matéria significada por meio de uma série de articulações fônicas que compõem um código novo, a linguagem” (BOSI, 2012, p. 20).

Daí a identificação, o encantamento que se sente ao ler um poema que, em seus versos, revela um universo impensado e até desconhecido, mas experimentado de algum modo. A sensação é que o mundo se torna compreensível por meio de formas, cores, sabores e aromas dos poemas, sejam eles verbais e/ou visuais.

Nada há que a poesia não consiga decifrar, pois “o indizível não existe para o poeta” (BRASILEIRO, 2012, p. 67), mesmo aqueles sentimentos e emoções, pensamentos e ideias que o próprio homem tem, mas não os conhece, de fato, o poeta, através de seus escritos, materializa-os em poemas verbais ou visuais em que o icônico revela-se plurissignificativo.

No bojo desta discussão é relevante refletirmos sobre o conceito de poesia que atravessa a imaterialidade que lhe é própria, ao contrário do poema, cuja essência reside na materialização da poesia que lhe faz existir. Deste modo, poesia pode ser concebida como algo que está para além das palavras e, por isso, não está somente no poema ou na prosa poética, aliás antes de estar no texto verbal e/ou visual, ela se encontra nas coisas, nas situações, nas pessoas, na natureza. Esta compreensão está amparada no pensamento de Lyra (1986, p. 7), pois considera que “a poesia está no mundo originariamente, antes de estar no poeta ou no poema – e isso pode ser comprovado pela simples constatação popular de que determinados objetos/situações do mundo são ‘poéticos’”, por isso podem ser captados, entre outras possibilidades, sob a forma de imagens ou de palavras e podem ser lidos ou produzidos na escola.

2.2.2 E a produção de poemas na escola, como acontece?

Ler ou escrever na escola, muitas vezes, é algo que se faz mecanicamente, sem atribuir sentido ao que se está propondo ler ou produzir. Com o texto literário poético não é diferente e o problema talvez esteja na maneira como as atividades preliminares à leitura são conduzidas, e daí, sem a preparação adequada para a leitura ou a escritura, o resultado é o distanciamento e o desencanto com a poesia.

Acreditamos que a pertinência da linguagem poética deveria ser melhor aproveitada pela escola no sentido de sensibilizar os estudantes, despertando-os para a leitura prazerosa desse tipo de texto. No entanto, em contrapartida a estas considerações, notamos uma delicada relação, ainda nos dias atuais, da escola brasileira com a poesia. Segundo Lajolo,

Como os contatos mais sistemáticos que as crianças têm com a poesia são mediados pela escola (e não se tem como fugir a isso), e como é frequente que os textos mesmo bons sejam seguidos de maus exercícios, é bem provável que a escola esteja, se não *desensinando*, ao menos prestando um *desserviço* à poesia. (LAJOLO, 2002, p. 51). (Grifos da autora.)

Desta forma, o tratamento do texto poético tem sido comprometido, muitas vezes, pela escola, já que é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da competência leitora e escritora. De modo contrário, a escola tem contribuído para que os estudantes não se interessem

por essa leitura, muito menos pela produção textual literária, grande parte das vezes. Assim, ainda segundo a autora, através da escolarização dos textos literários, a individualidade, a gratuidade e a solidão próprias deste tipo de leitura são desprezadas.

Buarque (2013) pontua que cabe à escola levar o aluno não somente para ler poemas e responder atividades de análise conceitual ou de interpretação, mas propor que escreva à sua maneira, conforme as compreensões que tem do mundo e, com isso, estará estimulando a escrita espontânea e autoral. Nesta linha de pensamento, ressaltamos o entendimento de Bakhtin (2011) quando diz que “o autor ocupa uma posição responsável no acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento”. Assim, o aluno desenvolverá, processualmente, a capacidade de dialogar com o mundo, exercitando suas potencialidades, algumas vezes, desconhecidas ou desvalorizadas. De acordo com Buarque (2013)

Se há princípio para ler, quer dizer, para desenvolver crítica (apreciar, analisar, interpretar e explicar), há, portanto, princípio para escrever. E, assim como uma teoria da leitura deve ser sensível à variedade de poemas existentes, uma teoria da criação também deverá ser sensível a uma variedade de escrituras (BUARQUE, 2013, p. 201).

Estas reflexões põem em evidência uma das missões primárias da escola que é levar o aluno ao bom desempenho na escrita (MARCUSCHI, 2008), não que a expectativa seja de torná-lo um escritor de destaque ou um poeta, mas oferecer-lhe instrumentos para escrever bem e exercitar um olhar crítico sobre a vida. Tornar-se um grande escritor ou um poeta seria uma consequência que não compete à escola mensurar, respeitadas as habilidades individuais de cada sujeito.

Escrever poemas na escola, portanto, pode se constituir numa atividade frequente, contanto que se tenha consciência de como essa prática deve ser conduzida, bem como as estratégias que viabilizam a produção. Isto porque, não se trata da produção de textos informativos, cuja linguagem, normalmente, é objetiva e direta, trata-se da escrita de textos que requerem, naturalmente, uma linguagem mais figurativa, rica em sensibilidade poética e valores estéticos.

2.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FOTOGRAFIA

A palavra fotografia vem do grego *phos* ou *photo* que significa “luz” e *graphein* que quer dizer “marcar”, “desenhar” ou “registrar”. Logo, fotografia representa o registro de imagens por meio da exposição luminosa.

A história da fotografia foi construída por vários inventores que buscavam capturar uma imagem sem que fosse preciso pintá-la, e, de acordo com os dados históricos, a primeira fotografia registrada foi creditada ao francês Joseph Nicéphore Niépce, em 1826, que, para fotografar, precisava de oito horas de exposição à luz solar, em média. Anos mais tarde, Louis Daguerre, dando sequência as experiências de Niépce, utilizou uma câmera escura para causar efeitos visuais, captando a primeira fotografia que foi anunciada e comercializada ao grande público, em 1839. Tal processo ficou conhecido como daguerreótipo, cujo mecanismo de captura fotográfica, visualizamos na ilustração a seguir:

Figura 3 – Ilustração de câmera fotográfica primitiva criada por Daguerre



Fonte: <https://www.tecmundo.com.br/fotografia-e-design/60982-175-anos-fotografia-conheca-historia-dessa-forma-arte.htm>

Um longo percurso foi trilhado até que, em 1880, George Eastman, conhecido por ser o fundador da Kodak, criasse as chapas secas, dando origem, posteriormente, aos filmes coloridos e câmeras analógicas, já em 1940, com a colaboração dos irmãos Lumière.

Hoje, após a vultuosa evolução da tecnologia, temos à mão câmeras fotográficas digitais, disponíveis também em celulares e demais dispositivos, deixando para trás, definitivamente, o uso do filme fotográfico colorido. É importante salientar que até mesmo a câmera fotográfica digital convencional vem sendo substituída, em virtude da difusão do celular inteligente, o *smartphone*, que dispõe de múltiplos recursos, inclusive o de fotografar com máxima qualidade, através das suas câmeras de alta resolução.

Neste novo cenário, o ato de fotografar e armazenar uma imagem, de realizar a impressão, reprodução e até mesmo a manipulação, se tornou muito acessível e democrático,

levando a fotografia, definitivamente, ao cotidiano das pessoas, pois, como afirma Santaella e Nöth (2015, p. 142), “a aventura foi se sofisticando cada vez mais” como “pudesse se vingar da perversidade da vida perecível”.

A partir desta democratização, muitos gêneros fotográficos estão representando diferentes perspectivas e temáticas e podem compor registros em preto e branco ou coloridos ou com inúmeros efeitos digitais. Entre os vários processos fotográficos hoje existentes, podemos citar o fotojornalismo, a fotografia social, documental, científica, publicitária, da natureza, artística, entre outros. Desta maneira, o fotógrafo profissional ou amador dispõe de muitos recursos e tecnologia para produzir suas imagens com qualidade e beleza.

Acerca dos efeitos provenientes da fotografia colorida ou em preto e branco, considerada, muitas vezes, mais artística que a primeira, Salles (2016, p. 95) pontua que

Do ponto de vista do senso comum, não faria sentido preferir imagens sem cores, uma vez que o prazer de observar a imagem como “realidade” passa pelo aspecto da coloração dos objetos. Mas a fotografia preto e branco, ao prescindir das cores, justamente parece estreitar a relação da imagem com sua ideia, e não com sua forma-objeto, com aquilo que “representa” fisicamente.

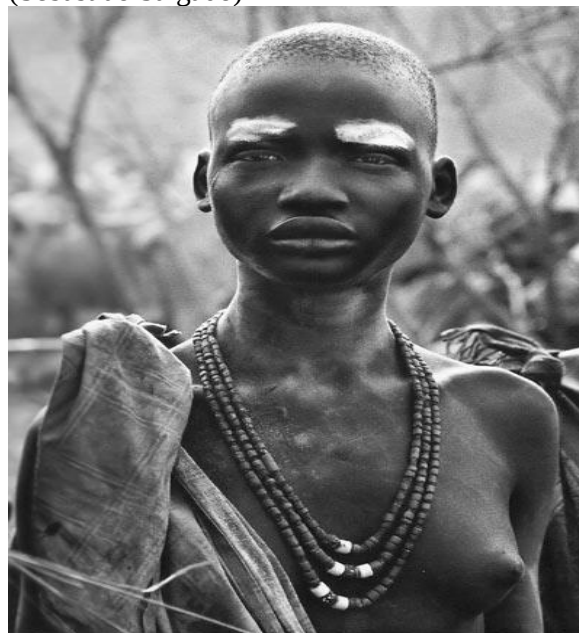
Com isso, trazemos, aqui, uma fotografia colorida de Mario Cravo Neto⁹ e outra, em preto e branco, de Sebastião Salgado¹⁰, para efeitos de ilustração:

⁹ Artista baiano de reconhecimento internacional, se destacou na fotografia pela qualidade mística e áspera da sua obra. Filho do artista plástico Mario Cravo Júnior, nasceu em Salvador em 1947 e faleceu em 2009, também em Salvador.

¹⁰ Fotógrafo mineiro, nascido em 1944, cuja obra é reconhecida no mundo inteiro. Suas produções, sempre em preto e branco, atravessam diversas temáticas e culturas, mas, a temática social sempre foi a mais explorada em suas lentes. O artista foi o primeiro brasileiro a ingressar na Academia de Belas Artes da França, no final deste ano. Esta instituição teve origem no século XVII, sendo uma das cinco academias que constituem o *Institut de France*, o qual se destaca pela excelência nas artes e nas ciências. Sebastião Salgado reside em Paris há décadas, porém sempre visita o Brasil.

Figura 4 – Fotografia de Mario Cravo Neto 1

Fonte: <http://photos.com.br/mario-cravo-neto-profisso-artista-plstico/>

Figura 5 – Mulher dinka. Kolkuei, Sudão, 2006 (Sebastião Salgado)

Fonte: <https://www.facebook.com/Sebasti%C3%A3o-Salgado-403718786335507/>

Nas duas imagens, há a concretização da sensibilidade e ponto de vista incomum dos artistas. Mario Cravo Neto, com agudeza e visão poética, provoca o observador ao autoquestionamento. Já Sebastião Salgado, por meio da captura de um instante, instiga o observador à crítica da imagem e reflexão. Mas, em ambas as fotografias, a mensagem suscitada atravessa a latência da poesia, alcançando a beleza.

Estas considerações dialogam com o ponto de vista de Costa (2009) ao se referir às experiências de Evgen Bavcar, um conhecido fotógrafo esloveno. Bavcar esclarece que as fotografias são expressão das imagens interiores que ele forma acerca do mundo. O fotógrafo acredita que a imagem é um processo que engloba sentimentos, literatura, experiência e a capacidade de enxergar além do que se pode ver. Também nesta direção, Dondis (2016) adverte que a visão envolve algo maior do que aquilo que está sendo mostrado, visto que a visão humana é limitada e construída apenas a partir de pressupostos relativos. Desta forma, exercitar a complexidade da visão é de suma importância para a compreensão do mundo, bem como a relação que estabelecemos com ele.

2.3.1 O letramento visual através da leitura de imagens fotográficas

No mundo em que vivemos, imagens, palavras, sons se misturam e se complementam mutuamente, constituindo um grande mosaico semiótico. Desde um jornal impresso às

interfaces digitais, há, nos moldes discursivos atuais, um aglomerado de linguagens, tendo a imagem um extraordinário destaque na composição global das mensagens. Nesta perspectiva, Dionísio e Vasconcelos (2013) lembram que as linguagens são cada vez mais variadas e concretizadas em contextos multifacetados que agregam diversos modos multissemióticos, uma vez que vivemos em uma sociedade multimodal e, desta forma, imagens, cores, sons, odores, músicas, texturas, movimentos compõem nossas novas experiências sensoriais.

Entendemos que tais multifaces discursivas são viabilizadas, principalmente, pela enorme disponibilidade midiática hoje existente. Através das mídias, o leitor é convidado a desenvolver os multiletramentos necessários para se portar de forma crítica, mediante o arsenal de semioses com que convive, cotidianamente.

A propósito das imagens e suas relações com a história da humanidade, sabemos que desde as pinturas pré-históricas das cavernas já serviam como meio de registrar a cultura, os hábitos e os costumes dos primórdios e suas relações com o ambiente em que viviam. Somente milênios depois, o registro da palavra ocorreu e se difundiu por volta do século XV com o advento da imprensa de Johannes Gutenberg, século XV, na Alemanha. No entanto, o estudo e a maior difusão das imagens somente ocorreu a partir do século XX, de modo que, hoje, estamos imersos num mundo imagético em suas maiores proporções. Foi neste contexto que se consolidou a ciência semiótica, preconizada pelo filósofo e matemático norte-americano Charles Sanders Peirce, no final do século XIX e início do XX, apesar de suas raízes remontarem à antiguidade grega, sob os estudos de Platão e Aristóteles.

Abordar análise da imagem, com ênfase na fotografia, requer que nos reportemos, ainda que de forma ligeira, à ciência dos signos, uma vez que é através dela que os conhecimentos sobre o texto visual se apoiam e encontram suporte teórico para se respaldar. Neste sentido, Santaella (2012, p. 73) afirma que “a fotografia funciona como uma verdadeira cartilha semiótica”, pois seu conceito fundamental fica quase que didaticamente exposto nesse tipo de imagem.

Convém lembrar que a semiótica peirciana consiste em investigar as imagens a partir da doutrina dos signos, isto é, “tudo aquilo que represente ou substitua alguma coisa, em certa medida e para certos efeitos” (PINGNATARI, 2004, p. 21), sendo que todos os fenômenos culturais são compreendidos como sistemas sígnicos, ou seja, sistemas de significação percebidos à luz dos ícones, índices e símbolos. Ainda de acordo com Pignatari (2004), ícones se organizam pela similitude, pela relação de afinidade (uma foto, um desenho, uma melodia, um quadro, uma casa); índices mantêm uma relação direta com a coisa a que se refere por compartilharem alguma propriedade (pegadas na areia, nuvens escuras e chuva); e os símbolos

se organizam por contiguidade, pelas associações convencionais (palavras faladas ou escritas). Dentro desta perspectiva, a caracterização do fenômeno literário ocorre através da transformação de símbolos em ícones de modo que, na prosa, verificamos esse processo nos conceitos, já na poesia, na forma, a exemplo dos poemas concretos, digitais, ou mesmo nos verbais por meio da disposição das palavras.

Partindo de tais considerações acerca da ciência da imagem, associada à leitura visual de textos literários, passaremos às reflexões a respeito da leitura do texto imagético no contexto multimidiático atual, enfocando, principalmente, a fotografia. De acordo com Lemke (2010, p. 455), “Toda semiótica é semiótica multimidiática e todo letramento é letramento multimidiático”, de forma que as habilidades necessárias para atender às demandas das inúmeras situações discursivas que os sujeitos vivenciam, cotidianamente, consistem no desenvolvimento de múltiplos letramentos, inclusive o letramento visual. Nesta perspectiva, o leitor precisa demonstrar-se competente na capacidade de ver, compreender, interpretar e comunicar o que foi visto. É o que Dondis (2016, p. 227) chama de alfabetismo visual:

O alfabetismo visual implica compreensão, e meios de ver e compartilhar o significado a um certo nível de universalidade. A realização disso exige que se ultrapassem os poderes visuais inatos do organismo humano, além das capacidades intuitivas em nós programadas para a tomada de decisões visuais numa base mais ou menos comum, e das preferências pessoais e dos gostos individuais.

Desta forma, o leitor visual proficiente percebe os detalhes fundamentais que compõem as imagens, e compreende que elas, de modo geral, podem gerar uma riqueza polissêmica por meio dos traços, formas, cores, planos, ângulos, capazes de promover um envolvimento com o conteúdo apresentado que outras modalidades da linguagem, talvez, não alcancem. Vale ressaltarmos que, cada leitor atribuirá sentidos diferentes às imagens vistas, sentidos estes que decorrem das intencionalidades e dos conhecimentos prévios ativados no ato da leitura.

A fotografia, por exemplo, se caracteriza por ser uma prática artística que aprimora o olhar e possibilita a percepção de detalhes das vivências ou ambientes cotidianos que escapam à nossa observação diária. Isto também pode ocorrer quando o leitor não dispõe dos conhecimentos ou informações necessárias para a compreensão de uma imagem, como se observa nas ilustrações que seguem, nas **Figuras 6 e 7**:

Figura 6 – Fotografia 1 registrada no Museu *A casa do Rio Vermelho* (Salvador/BA)



Fonte: Arquivo da autora

Esta fotografia, vista por ela mesma, sem que haja referências sobre o lugar onde foi registrada, nem a quem pertenceram os objetos vistos na imagem, pode ser lida como uma rememoração a coisas consideradas obsoletas que alguém, por algum motivo, resolveu guardar até mesmo por efeito decorativo. Todavia, caso o observador disponha de informações acerca de quem fazia uso de tais objetos e compreenda a sua relevância histórica e literária, no Brasil e o mundo, lançará um olhar bem mais aprimorado para os detalhes que constituem cada um dos elementos ali dispostos, já que, em cada um deles, há muita simbologia e muitos significados. Isto porque, nesta fotografia, visualizamos antigos pertences (máquina de datilografia, óculos, cinzeiro, carimbo, etc.) do escritor Jorge Amado, cuja exposição encontra-se disponível no museu *A casa do Rio Vermelho*, onde viveu o casal Jorge Amado e Zélia Gattai, em Salvador/BA. A seguir, outra fotografia do mesmo museu:

Figura 7 – Fotografia 2 registrada no Museu *A casa do Rio Vermelho* (Salvador/BA)



Fonte: Arquivo da autora

Já a partir da leitura desta imagem, muitas interpretações também podem advir dependendo, especialmente, dos interesses e expectativas do leitor/observador. Uma delas reside no fato de que, caso o leitor seja uma pessoa muito jovem, certamente, não construirá sentido ao ver câmeras fotográficas ao alto e fotografias penduradas em um varal, com pregadores, além dos demais elementos e pouca incidência de luz. A menos que já tenha assistido a algum filme, documentário ou matéria em que se abordou o assunto.

Por outro lado, em uma segunda possibilidade de leitura, se o observador for uma pessoa com mais idade, logo notará que a imagem retratada remete a um antigo estúdio fotográfico em que se faziam as revelações ou impressões de fotos. Mas, numa terceira situação, caso o leitor além de dispor deste conhecimento, souber que tal imagem foi registrada no mencionado museu e que, na verdade, era o local onde Jorge Amado e Zélia Gattai imprimiam suas fotografias, construirá outros sentidos no ato da leitura, sentidos estes mais emocionados ou poéticos, se conhecer a história dos dois escritores.

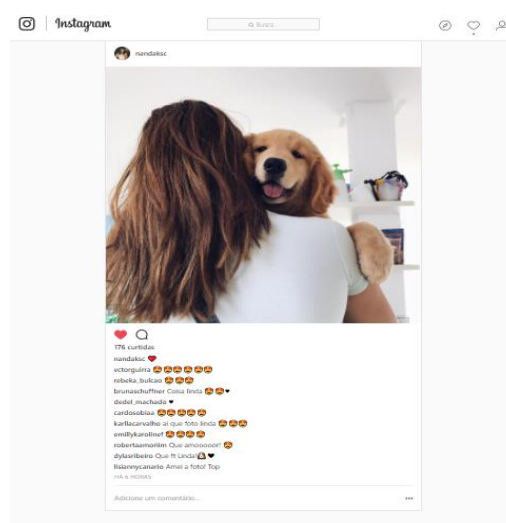
Por tudo isto, compreendemos que a leitura de uma imagem implica parte de uma leitura de mundo, das experiências e saberes trazidos pelo leitor até o momento da observação. Assim, imagens realistas, imagens sobrenaturais, imagens impactantes, imagens recriadas, entre outras, são lidas sob diferentes olhares e diferentes percepções dependendo do ponto de vista do leitor. Nada é definitivo, nada é absoluto e concluído numa imagem, mas suscetível às intervenções do leitor, aos acréscimos e/ou exclusões de sentido(s) pensado(s) *a priori* pelo autor. Por esta razão, Bitar (2002, p. 25) alude sobre o caráter discursivo da imagem, lembrando que “A constituição do sentido é individual, original, feita com base em diferentes indicadores e contextos, por isso varia para um mesmo sujeito-leitor e de um sujeito-leitor para outro”.

Na esteira destas considerações, é pertinente refletirmos acerca da funcionalidade que tem uma imagem num suporte impresso, como num jornal, numa revista, num livro, num folheto, panfleto ou *outdoor* e num suporte digital, a exemplo das redes sociais, com destaque para o *Instagram*, que é um ambiente específico para a postagem de fotografias e demais imagens e também de vídeos curtos. No primeiro caso, de modo geral, a imagem (fotografia, desenho, charge, caricatura, cartum, anúncio publicitário, entre outros) demanda uma postura do leitor menos interativa do que quando está veiculada em ambiente digital. Isto ocorre porque o ambiente digital se caracteriza pela disponibilidade de uma gama de recursos intersemióticos que envolvem uma pluralidade de possibilidades interativas, incluindo sons, movimentos, ritmos, os quais podem ser manipulados, copiados, revistos, arquivados pelo leitor. As imagens que seguem, **Figuras 8 e 9**, ilustram essa diferenciação:

Figura 8 – Fotografia no formato impresso

Disponível em:

<<https://br.pinterest.com/pin/498210777511301971/>>. Acesso em 07/07/17.

Figura 9 – Fotografia no formato digital

Disponível em:

<<https://www.instagram.com/?hl=pt-br>>. Acesso em 07/07/17.

As imagens sugerem uma interação diferente por parte do observador. Na **Figura 8**, ele agiria de maneira mais passiva e teria, por exemplo, a oportunidade de contemplar as fotografias, passar para a página seguinte, fechar o álbum e depois guardá-las. Já na **Figura 9**, o observador dispõe de inúmeras possibilidades e, portanto, além da curtida e dos comentários que possa fazer, interagindo com outros internautas, teria a opção de arquivar a imagem na rede ou em seu computador pessoal, manipulá-la, compartilhá-la naquele mesmo ambiente digital ou em outros. Enfim, suas ações revelariam algumas das inúmeras possibilidades que o internauta tem, hoje, para atuar, em rede.

2.4 O LETRAMENTO DIGITAL E SUAS IMPLICAÇÕES

No contexto comunicacional atual emerge um conceito que reflete novos modos de utilização dos recursos digitais: é o conceito da convergência das mídias, que representa amplas possibilidades de combinações entre os modos de comunicação, principalmente em ambiente *online*. Lévy (1999) já apontava para diálogos entre as informações e os recursos tecnológicos, considerando possíveis fusões entre as diferentes mídias.

Castro (2005) assevera que a utilização comum ou em separado da TV, rádio, internet, celulares pressupõe uma convergência tecnológica que pode ser utilizada coletivamente ou não. Já Jenkins (2008, p. 29), afirma que convergência se refere

ao fluxo de conteúdo através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.

Desta forma, a multiplicidade de linguagens auditivas, visuais, táteis são constitutivas de novas práticas discursivas que ganham desenhos multifacetados na materialização das linguagens. Neste cenário, o ser humano utiliza recursos diversificados para interagir com o outro e com o mundo em transformação em que vive, e esta interação vem sendo construída com o uso de mecanismos comunicativos que agregam diversas linguagens e, por isso, são considerados multimodais. A esse respeito, Coscarelli e Kersch (2016) lembram-nos que, enquanto professores, precisamos lançar mão de uma nova compreensão da linguagem e, assim, analisar se estamos preparando os alunos para as demandas de uma pedagogia de multiletramentos.

Neste cenário, é pertinente lembrarmos que as tecnologias se renovam de maneira acelerada e as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICs) se sobressaem, apontando para uma verdadeira revolução informacional em que tempo e espaço são, cada vez mais, encurtados e as relações entre as pessoas, alargadas. De acordo com Lorenzi e Pádua (2012), as tecnologias digitais, por estarem presentes em nosso cotidiano, possibilitam novas formas de expressão e comunicação em nossa cultura atual, a exemplo da criação e uso de imagens, de animação, de som, bem como as possíveis combinações entre elas. Isto se comprova quando observamos os modos de leitura utilizados nos tempos atuais. Para ler um texto, hoje, muitas vezes disponível em plataformas digitais, tendo como suporte o *notebook*, o *tablet* ou o *smartphone*, o leitor aciona conhecimentos relacionados ao campo visual, auditivo, e até mesmo tátil, se estiver, por exemplo, em um museu digital. Por este motivo, cabe à escola uma nova e importante atribuição que diz respeito ao aprimoramento de suas técnicas e de suas práticas, no sentido de inserir, pedagogicamente, os recursos oferecidos pelas multimídias à sua rotina de atuação, sob um ponto de vista crítico e reflexivo que resulte no tão necessário letramento digital. Acerca disto, Xavier (2007, p. 135) considera que

O letramento digital implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não-verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital.

Tudo isso nos leva a crer que novas posturas precisam ser construídas na escola, com relação ao entendimento e à aplicabilidade dos recursos que já fazem parte do cotidiano dos

estudantes, a exemplo das diversas mídias eletrônicas e/ou impressas e das redes sociais, oportunizadas, especificamente, após o surgimento da *Web 2.0*, como o *Facebook*, o *Instagram*, o *Whatsapp*, o *Twitter* e o *Youtube*. Se a escola caminhar na contramão dos princípios multimidiáticos das sociedades contemporâneas, comprometerá a sua pertinência social e a sua dimensão prática.

Por outro lado, não podemos nos esquecer que grande parte das escolas públicas brasileiras enfrentam desafios com relação à disponibilidade e/ou funcionamento adequado dos recursos tecnológicos e midiáticos, sendo necessário driblar as dificuldades com estratégias que remediem as adversidades, mas não as solucionam. E, apesar deste contexto, muitos professores conseguem realizar ações exitosas envolvendo tecnologia, muitas vezes.

Fazemos estas afirmações, porque entendemos que os princípios multimidiáticos podem ser potenciais colaboradores do processo de ensino-aprendizagem. Mas, para isto, é necessário haver, na escola, a disponibilidade eficiente dos recursos tecnológicos, e ainda, um planejamento contextualizado com as atividades desenvolvidas em sala de aula, para que não sejam subutilizados como suportes para exposição de fotos e vídeos, por exemplo, sem haver uma exploração pedagógica adequada.

2.4.1 Redes sociais: o *Instagram* e as novas formas de ensinar e aprender

Nos tempos atuais, as formas de comunicação se tornaram bem mais interativas e dinâmicas. Isto vem ocorrendo porque as tecnologias da informação, associadas às telecomunicações, vêm provocando muitas mudanças na sociedade, em razão do processo de digitalização, fato considerado por muitos estudiosos como uma revolução digital. Neste contexto, a informação circula, se reproduz, se modifica e se atualiza em diferentes interfaces, especialmente naquelas em que há convergência de mídias via *internet*, como *blogs*, *webquests* e as redes sociais *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, *Twitter*, *Youtube*, entre outras.

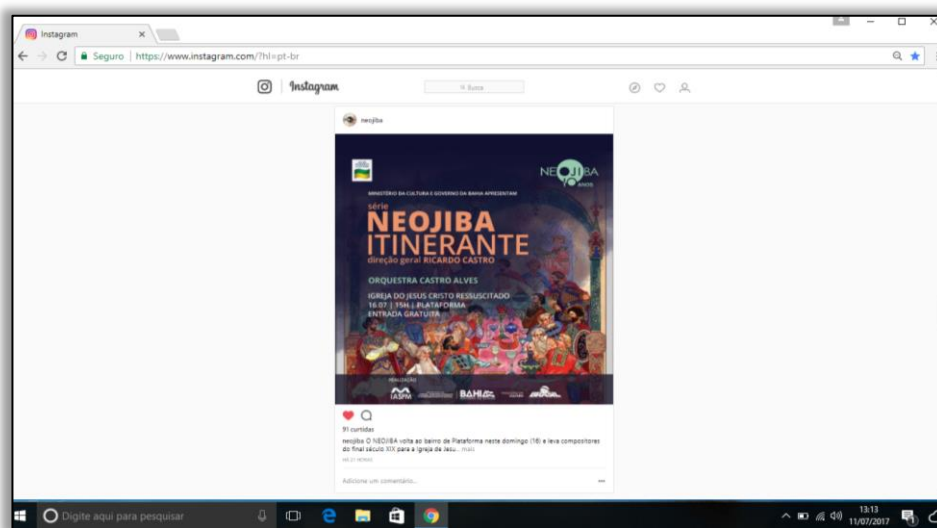
Mas o que são redes sociais? Tal conceito é trazido por Marteleto (2001, p. 72) como “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Assim, no contexto das redes sociais, a interação possibilita, ao sujeito-leitor, a participação efetiva na construção do texto, o qual adquire moldes dinâmicos e constantemente atualizáveis (FIORINDO, 2013).

As redes sociais agregam um contingente gigantesco de internautas, os quais tornam-se amigos ou seguidores e estabelecem ali um relacionamento virtual alimentado, cotidianamente, por meio da criação e compartilhamento de experiências e ideias (textos verbais e/ou visuais,

vídeos, músicas, etc.), além de *chats* e debates sobre assuntos diversos. Toda essa interação acontece em tempo real e é facilmente realizada através do *smartphone*, *notebook* ou *tablet*. Destacamos, aqui, a rede social *Instagram* a fim de conhecermos um pouco da sua história e funcionamento.

O *Instagram* foi lançado em 2010 por dois engenheiros de *software*, o norte-americano Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger. Inicialmente idealizado para uso apenas no *iPhone*, *iPad* e *iPod Touch*, posteriormente, foi estendido aos demais aparelhos, em 2012. Uma das grandes características desta rede social é a postagem de fotos e vídeos de curta duração, por isso é considerada muito mais visual que as demais. A interação fica por conta dos comentários e curtidas que os usuários fazem das visualizações que podem ocorrer em diversos dispositivos eletrônicos, como o *notebook* ou o *smartphone*, conforme observamos a seguir:

Figura 10 – Layout da rede social *Instagram* a partir de *notebook*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/BWYJJY1FPqN/?taken-by=neojiba&hl=pt-br>

Figura 11 – Layout da rede social *Instagram* a partir de *smartfone*



Fonte: Arquivo da autora

As **Figuras 10 e 11** exemplificam como o *Instagram* é utilizado, tanto no computador quanto no celular, para postagens de uma fotografia e um anúncio publicitário. Nelas, verificamos a interação gerada a partir das postagens, pois há, em ambas, muitas curtidas e comentários feitos através das leituras que os internautas fizeram ao observarem as imagens publicadas no ambiente digital.

No *Instagram*, as pessoas se tornam amigas virtuais seguindo umas às outras e essas relações são construídas, principalmente, mediante os interesses e gostos em comum, especialmente pelo compartilhamento de fotografias. Hoje, o *Instagram* possui cerca de 700 milhões¹¹ de usuários no mundo, dos quais 45 milhões estão no Brasil. Já o *Facebook*, rede social a qual o *Instagram* pertence, possui 2 bilhões de usuários no mundo, sendo 117 milhões brasileiros. Portanto, a rede social mais utilizada, atualmente é o *Facebook*.

Mediante tais explicações, entendemos que o *Instagram* ao lado das demais redes sociais pode e deve ser aproveitado pela escola e utilizado com cunho pedagógico, visto que os adolescentes e jovens estudantes o utilizam no dia a dia e são totalmente familiarizados com os recursos que o compõe (XAVIER e LIRA, 2012). Aliás, não resta à escola outra alternativa, senão absorver esse tipo de recurso midiático e incorporá-lo às aulas dentro de planejamentos que insurjam novas possibilidades de aprendizagens, pois já fazem parte do cotidiano dos estudantes.

¹¹ Informações disponíveis em: <<http://especiais.g1.globo.com/jornal-hoje/2017/serie-redes-sociais/>>. Acesso em: 17/07/2017.

Na gama destas possibilidades, destacamos a forma como a fotografia é disponibilizada no *Instagram*, pois, neste ambiente digital, o internauta dispõe de um arsenal de recursos capazes de manipular a imagem, tornando-a da forma que sonha ou deseja. Assim, a fotografia pode ser submetida a filtros e efeitos, com mais ou menos cores, sombras, contraste, nitidez, com desfoque de detalhes e ângulos, entre outras manipulações que queira fazer. De modo contrário, em outros tempos, a fotografia apenas podia ser registrada, revelada e exposta nos álbuns impressos, evidenciando uma interação menor entre o autor e tal suporte visual.

Sabemos que todas estas inovações oriundas da dinâmica comunicacional podem ser viabilizadoras de múltiplas possibilidades pedagógicas. Assim, a colaboração, a interação, a cocriação, a troca de informações, o compartilhamento de conteúdos disponíveis na *internet* são importantes para que o estudante amplie seus conhecimentos. Reiterando estas considerações, Mosé (2015) pontua a disponibilidade que o sujeito deste tempo tem para o uso dos recursos midiáticos, especialmente para as redes sociais, de modo que a escola não pode se furtar de agir em torno de tal realidade.

Com a prática da colaboração na utilização das redes sociais, a exemplo do *Instagram*, a construção de saberes se torna muito mais significativa, uma vez que trabalhando colaborativa e interativamente, os sujeitos podem alcançar melhores resultados do que se atuassem individualmente. O que caracteriza esse tipo de relação é, sem dúvida, a disponibilidade que os indivíduos têm para compartilhar aquilo que sabem, bem como para a observação da opinião do outro, refutando-a ou não.

Mediante estas reflexões, no capítulo a seguir, apresentaremos a parte metodológica da pesquisa que consiste em uma Proposta de Intervenção Pedagógica com produção fotográfica, utilização do *Instagram* e produção de poemas.

3 A ARTE FOTOGRÁFICA NO UNIVERSO DA ESCRITA POÉTICA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

“A fotografia é minha escrita. Eu escrevo com imagens.”
(Sebastião Salgado)

Aqui, explicamos sobre o espaço em que a proposta de intervenção foi desenvolvida, uma vez que consideramos imprescindível conhecer as particularidades do lugar onde atuamos. Outro aspecto que abordamos, diz respeito aos sujeitos contemplados com as atividades propostas, pontuando as características pertinentes ao perfil turma, além da apresentação dos materiais selecionados, apontando as escolhas e suas pertinências. Por fim, apresentamos a descrição detalhada das etapas que nortearam as atividades didáticas.

3.1 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO

O Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, escola onde a proposta de intervenção foi desenvolvida é considerada de grande porte, pertence à rede pública estadual de ensino e está situada na cidade de Feira de Santana/BA. Nela, estão matriculados no Ensino Fundamental II e Médio na modalidade de ensino regular, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no ano letivo de 2017, cerca de 1700 alunos distribuídos nos três turnos. A sua localização geográfica é marcada por características urbanas periféricas, e o alunado é, majoritariamente, proveniente de bairros vizinhos e da zona rural do município. Abaixo, segue uma imagem da referida escola:

Figura 12 – Entrada principal do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho



Fonte: Arquivo da autora

Muitos projetos pedagógicos são desenvolvidos, na escola, há anos, a exemplo do Mais Educação, Ensino Médio Inovador (PROEMI), Juventude em Ação, Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (NEOJIBA), entre outros. Vale lembrarmos que esta escola faz parte do grupo de Escolas Culturais da Bahia, em razão dos projetos artísticos que desenvolve, especialmente o mencionado núcleo NEOJIBA, que consiste na oferta de aulas de instrumentos clássicos voltados para orquestra sinfônica. No próximo capítulo, apresentamos mais detalhes desse programa.

É importante frisarmos que, embora o espaço físico da escola necessite de melhoramentos, é relativamente adequado, sendo composto por 22 salas de aula, auditório, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra poliesportiva e, por não possuir refeitório, os estudantes utilizam o pátio para fazer as refeições. A equipe gestora é formada por um diretor, três vice-diretores e duas coordenadoras pedagógicas, que atuam nos três turnos, procurando, juntamente com os demais membros da comunidade escolar, fazer cumprir sua missão que é formar cidadãos conscientes, capazes de transformar a realidade e compreender os novos processos da sociedade moderna.

Com relação à formação dos professores da unidade escolar em questão, podemos considerá-la satisfatória, pois, nela, há cerca de 70 professores, sendo 68 graduados, muitos deles possuem de um a três cursos de especialização, e ainda, há cerca de treze educadores mestres ou que estão realizando cursos de mestrado, além da participação frequente em cursos de formação continuada nas diversas áreas da educação.

3.2 SELEÇÃO DOS SUJEITOS

O público selecionado foi uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, turno matutino, composta por 33 sujeitos. De acordo com dados obtidos através da aplicação de um questionário (*cf.* **APÊNDICE 1**), 60% são do gênero masculino e 40% do gênero feminino, com idade entre 14 e 16 anos, e ainda, 97% do grupo residem nos bairros próximos à escola e 3% nas comunidades rurais do município de Feira de Santana/BA.

No que diz respeito ao hábito de leitura, a maioria dos estudantes, 45%, afirmaram que já leram mais de cinco livros ao longo das suas vidas. Contudo, quando o assunto é leitura de poemas, esse número decai, conforme verificamos na tabela a seguir:

Tabela 1 – Informações sobre o hábito de leitura dos estudantes

QUESTIONAMENTOS	SIM (%)	NÃO (%)
Você costuma ler poemas?	27	73
Você já escreveu um poema?	82	18

Fonte: Elaborado pela autora

Apesar do discreto hábito de leitura de poemas, os estudantes da turma em questão, afirmaram que produziram textos dessa natureza, certamente, porque, em anos anteriores, alguns professores da escola desenvolveram um projeto de leitura voltado para a produção de cordéis.

Por conta do direcionamento desta pesquisa, que leva em consideração, também, o potencial pedagógico dos recursos tecnológicos, especificamente do *smartphone*, bem como da rede social *Instagram*, lançamos questionamentos sobre a disponibilidade e uso de tais recursos tecnológicos, como verificamos a seguir:

Tabela 2 – Informações dos estudantes referentes aos recursos digitais

QUESTIONAMENTOS	SIM (%)	NÃO (%)
Você possui aparelho celular <i>smartphone</i> ?	76	24
Você costuma utilizar seu <i>smartphone</i> para fotografar?	76	24
Você costuma utilizar seu <i>smartphone</i> para postar as fotografias nas redes sociais?	70	30

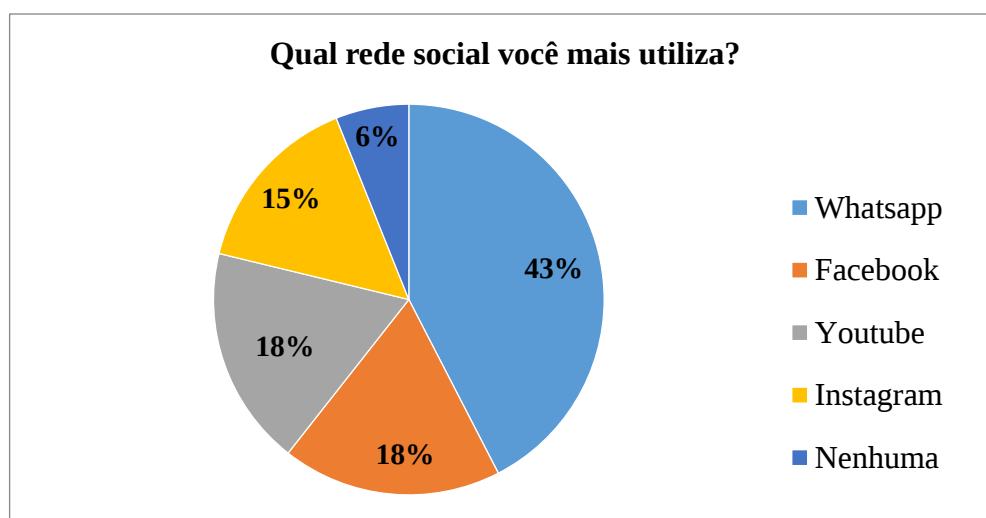
Fonte: Elaborado pela autora

As respostas reiteram dados divulgados, em diversos meios, sobre a frequência com que os brasileiros¹² utilizam o *smartphone* e, este fato evidencia a pertinência deste recurso ser explorado pedagogicamente, seja para captação de fotos, seja para acesso às redes sociais, já que, conforme observamos, a maior parte dos estudantes costuma exercitar tais práticas.

¹² De acordo com Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), até o final deste ano haverá, no Brasil, a mesma quantidade de *smartphone* – o celular inteligente –, por habitante. E, nos próximos dois anos, a projeção é de que o número alcance 236 milhões de aparelhos. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/gadget,ate-o-fim-de-2017-brasil-tera-um-smartphone-por-habitante-diz-pesquisa-da-fgv,70001744407>>. Acesso em: 18/10/17.

Com relação a rede social que mais utilizam, os estudantes apontaram, principalmente, o *Whatsapp*, com 42% de frequência de uso, enquanto que o *Facebook* e o *YouTube*, empataram com 18% cada. O *Instagram*, rede social que utilizamos na Proposta de Intervenção, foi assinalada em 15% dos casos e outros 6% dos estudantes afirmaram não utilizar nenhuma das redes sociais. O gráfico que segue, representa estes números com maior facilidade de visualização:

Figura 13 – Gráfico sobre a utilização das redes sociais pelos estudantes



Fonte: Elaborado pela autora

Outro fator importante para ser salientado, aqui, diz respeito ao perfil meio indisciplinar da turma, muito embora, suas habilidades, inclusive artísticas, se destacassem favorecendo o desenvolvimento de muitas atividades e a aprendizagem. Salientamos, também, que os estudantes vivem imersos em um contexto de violência urbana e doméstica, fato que evidencia a relevância da educação em suas vidas como forma de ampliar as oportunidades sociais.

3.3 ESCOLHA DO MATERIAL

As escolhas dos materiais utilizados na proposta de intervenção partiram de alguns direcionamentos que orientam o trabalho do professor de Língua Portuguesa, pois o ensino de língua materna se sustenta, principalmente, no desenvolvimento de competências e habilidades vinculadas à uma leitura e escrita proficientes. Dessa maneira, não se pode utilizar métodos, estratégias e materiais de maneira aleatória, mas que sejam criteriosamente selecionados e que condigam com os objetivos de aprendizagem.

Pensando no que pudesse tornar as aulas mais envolventes e significativas e, também, a fim de que os aprendizes fossem despertados para realizar, com êxito, as atividades propostas, utilizamos os seguintes materiais: fotografias de Sebastião Salgado, Mario Cravo Neto e de fotógrafos de Feira de Santana/BA; os vídeos *O Casaco – uma história de caridade*, *No olhar: Sebastião Salgado* e *A menina e a câmera fotográfica* (todos disponíveis na rede social *YouTube*); a crônica *Vista Cansada* de Otto Lara Resende); poemas de vários poetas brasileiros e dois baianos, sendo um deles feirense; a música *O Que Sobrou do Céu* composta por Marcelo Yuka e interpretada pelo grupo O Rappa; e a rede social *Instagram* que deu suporte à socialização dos materiais utilizados nas aulas e aqueles produzidos pelos estudantes, além de oportunizar interação em ambiente digital.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Diferentes suportes didático-metodológicos podem ser utilizados em sala de aula, competindo ao professor fazer a escolha apropriada, mediante as necessidades de aprendizagem dos educandos e suas intencionalidades pedagógicas. Neste trabalho, elaboramos duas sequências didáticas: Sequência Didática I – Oficina de Saberes e Sequência Didática II – Oficina de Sentidos. Cada uma delas contemplou quatro etapas e, embora estivessem estruturadas no desenvolvimento de saberes, em uma, e de sentidos, na outra, imbricavam-se entre si na construção do conhecimento, pois houve, em ambas, objetivos voltados para a ampliação tanto dos saberes, quanto dos sentidos que os estudantes pudessem construir.

Salientamos que as sequências didáticas foram pensadas no formato de oficinas, porque o nosso propósito era que o estudante, por meio da prática, exercitasse e ampliasse saberes e habilidades, e não fosse apenas um reprodutor de conhecimentos já construídos. Desta forma, não consideramos, aqui, oficina num formato prioritariamente prático, mas numa junção entre conhecimentos práticos e teóricos.

A seguir, descrevemos detalhadamente cada uma das etapas e ressaltamos que algumas atividades foram desenvolvidas em 6 grupos formados por 5 alunos, em média.

Sequência Didática I - Oficina de Saberes

1ª Etapa – Sensibilização imagética

Duração: 4 aulas

Objetivo: sensibilizar os estudantes para o exercício do olhar observador e humanizado sobre o lugar onde vivem.

Material: filme *O Casaco – uma história de caridade*, notebook, Datashow, caixa de som, cópias da crônica *Vista Cansada* (RESENDE, 1992), imagens variadas, papel metro, cartolina, cola e tesoura.

Na primeira etapa, para que a sensibilização fosse promovida através da mediação cultural, a fim de despertar nos estudantes, sentimentos e sensações pertinentes ao que viria na sequência das atividades, orientei a realização de uma dinâmica de grupo intitulada *Fotografias de união* (WENDELL, 2016) (cf. **ANEXO 1**).

Posteriormente, declamei o poema *Convite*¹³ de José Paulo Paes:

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

José Paulo Paes

A respeito do poema recitado, no entanto, não suscitei um ambiente de discussões com comentários, uma vez que a recitação, que ocorreu nas demais etapas com outros textos, foi

¹³ Disponível em: <<http://literainfanto.blogspot.com.br/2010/05/convite-jose-paulo-paes.html>>. Acesso em: 20/04/2017.

pensada para convidar os alunos/leitores para as atividades realizadas em cada fase, deixando-os livres para a apreciação do texto poético.

Na sequência, ocorreu a exibição do filme *O Casaco – uma história de caridade* que apresenta duração de dois minutos e treze segundos, com produção em computação gráfica, pelo Canal Mórmon (2012). Ressalto que o curta-metragem é constituído apenas por imagens, e tal escolha ocorreu porque pretendia dar ênfase à leitura visual, já que a imagem é parte fundamental deste trabalho. A seguir, a título de ilustração, segue uma das suas imagens:

Figura 14 – Cena do vídeo *O Casaco: uma história de caridade*



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=V7cjo_bZ4ew

Após a visualização do curta-metragem, estimulei uma discussão com a turma em torno do fato de que o ser humano, movido pela pressa, pelo individualismo e pela indiferença ao alheio, não enxerga ou mesmo ignora questões fundamentais que estão vinculadas às relações humanas com o meio ambiente e no convívio com o próximo. Em seguida, oralmente, lancei os seguintes questionamentos acerca das imagens:

1. Vocês já assistiram a este filme?
2. Qual a história narrada?
3. Em que cenário ela ocorre?
4. Há semelhanças entre o cenário do filme e o que vocês vivem no cotidiano?
5. O que mais lhes chamou a atenção nas imagens?
6. O fato de o vídeo ser constituído apenas por imagens prejudicou o seu entendimento?
7. Na opinião de vocês, o menino, ao correr pelas ruas, viu algo novo, incomum de acontecer ou apenas teve uma percepção diferente, mais atenta do lugar onde vive?
8. Em que a história narrada lhes faz pensar?

9. Quais sentimentos vocês tiveram ao ver as imagens?

As respostas dos estudantes foram gravadas e relatadas por mim, posteriormente.

Depois, solicitei que os estudantes se organizassem em sete grupos e, então, distribui cópias da crônica *Vista Cansada* (RESENDE, 1992) (cf. **ANEXO 2**), a fim de que refletissem sobre a importância de olhar à sua volta de maneira atenta e não de uma forma mecânica e automatizada. Mas, antes de receberem o texto, os estudantes foram provocados a fazer um levantamento de hipóteses sobre o conteúdo do texto a partir do título e, somente depois, realizei a leitura. As abordagens do texto coadunam-se com a do filme e isto possibilitou ainda mais discussões e reflexões em torno da questão. Houve, então, um debate oral, cujo relato consta no próximo capítulo desta dissertação.

Os estudantes foram orientados a pesquisar imagens variadas que ilustrassem a temática do texto e levando-as à aula seguinte, na qual foi proposta a construção de um painel imagético, cuja exposição ocorreu na própria sala de aula de acordo com a interpretação que cada grupo atribuiu ao texto. A instrução dada foi que poderiam pesquisar imagens em revistas, jornais e na *internet*, especialmente no *Instagram*, rede social que utilizamos em etapas posteriores.

2ª Etapa – Leituras fotográficas

Duração: 2 aulas

Objetivo: despertar o olhar observador e apreciador da arte fotográfica, compreendendo a sua composição.

Material: fotografias de vários fotógrafos feirenses, *notebook*, *Datashow*, caixa de som, papel e caneta.

Iniciei esta etapa declamando *Poesia*¹⁴ de Carlos Drummond de Andrade, o qual segue, abaixo:

Poesia

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.

Carlos Drummond de Andrade

¹⁴ Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/NTgyMDM0/>>. Acesso em: 08/05/2017.

Na sequência, utilizei o *Datashow* para fazer a exibição das **Figuras 15, 16 e 17**, as quais foram captadas por fotógrafos de Feira de Santana/BA, com imagens da própria cidade:

Figura 15 – Fotografia de Vinícius Gomes



Fonte: <http://www.acordacidade.com.br/noticias/164369/sindfocs-divulga-resultado-do-16-concurso-feirense-de-fotografia.html>

Figura 16 – Fotografia de Francisco Carlos da Silva 1



Fonte: <http://www.acordacidade.com.br/noticias/164369/sindfocs-divulga-resultado-do-16-concurso-feirense-de-fotografia.html>

Figura 17 – Fotografia de Francisco Carlos da Silva 2



Fonte: <http://www.acordacidade.com.br/noticias/164369/sindfofs-divulga-resultado-do-16-concurso-feirense-de-fotografia.html>

Após a leitura das fotografias, os alunos compartilharam suas impressões, oralmente, as quais foram gravadas e, posteriormente, anotadas por mim. Busquei promover um debate acerca da composição das imagens, suas cores, traços, focos, ângulos, enfim, detalhes importantes para a compreensão dos sentidos das mesmas. Procurei encaminhar a discussão a partir dos comentários feitos pelos estudantes, ou seja, a partir do ponto de vista deles a leitura visual foi acontecendo. Em alguns momentos, com o intuito de fazê-los avançar na análise, chamei atenção para um ou outro detalhe das imagens. Contudo, somente depois da leitura, disse que as imagens eram da cidade em que eles residem e que foram produzidas no ano de 2016, em razão do 16º Concurso de Fotografias, realizado pelo Sindicato dos Fotógrafos Profissionais de Feira de Santana/BA (Sindfofs). A temática do concurso foi *Cidade Feira de Santana* e, por isso, as imagens contemplavam cenas da própria cidade, abordando aspectos variados.

Em seguida, ainda utilizando o *Datashow*, fiz a exibição da frase: “[...] o olhar quer ver sempre mais do que aquilo que lhe é dado ver” (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 71), e, então, questionei os alunos sobre a compreensão que faziam dela. Posteriormente, distribuí, impressas as **Figuras 18, 19 e 20**. Desta vez, a leitura foi feita individualmente e os estudantes foram orientados a descrever cada uma das três fotografias em uma frase, deixando transparecer as suas impressões a respeito do que as imagens lhes suscitavam. Solicitei, então, que os estudantes falassem, livremente, as frases atribuídas a cada uma das três imagens seguintes:

Figura 18 – Fotografia de Antonio Carlos Vieira 1



Fonte: <http://www.acordacidade.com.br/noticias/164369/sindfocs-divulga-resultado-do-16-concurso-feirense-de-fotografia.html>

Figura 19 – Fotografia de Antonio Carlos Vieira 2



Fonte: <http://www.acordacidade.com.br/noticias/164369/sindfocs-divulga-resultado-do-16-concurso-feirense-de-fotografia.html>

Figura 20 – Fotografia de Jorge Luis Guimarães Lima



Fonte: <http://www.acordacidade.com.br/noticias/164369/sindfocs-divulga-resultado-do-16-concurso-feirense-de-fotografia.html>

3ª Etapa – Diálogos entre linguagens: música e fotografias

Duração: 4 aulas

Objetivo: ampliar o repertório de letramentos com relação à arte fotográfica e poética, reconhecendo possíveis inter-relações entre música e fotografias.

Material: fotografias impressas de Sebastião Salgado; *notebook*; *Datashow*; música *O que sobrou do céu*; vídeo *No olhar: Sebastião Salgado*, caixa de som; folhas impressas com questões.

Iniciei este momento realizando a leitura de *Poema nosso de cada dia*¹⁵ de Nic Cardeal¹⁶, exposto a seguir:

Poema nosso de cada dia

Poesia nossa que estás na margem,
santificada seja a tua estrofe,
venha a nós o teu infinito verbo,
seja feita a tua rima
assim na mente
como no cérebro,
levando-nos em direção
à alma da utopia,
na exata medida da nossa
necessidade.
O poema nosso de cada dia
dá-nos hoje,
perdoa nossa falta de palavras,

¹⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100000026612448>>. Acesso em: 08/05/2017.

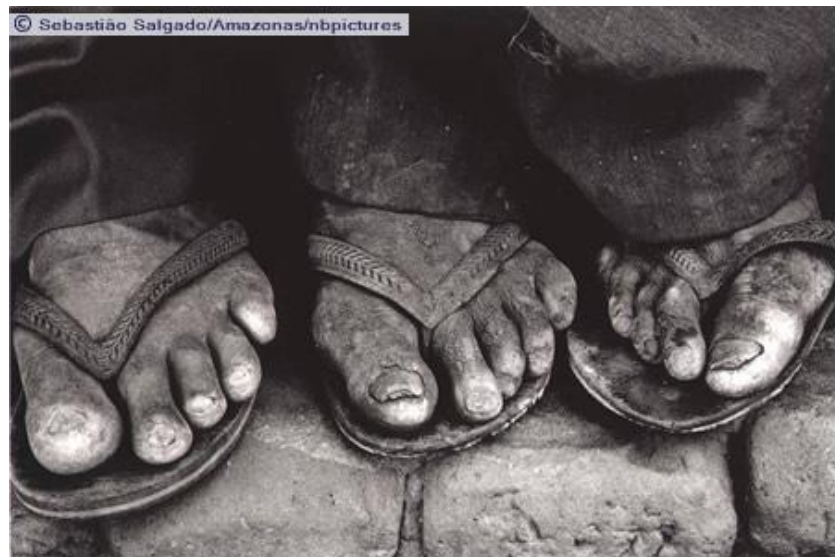
¹⁶ Nic Cardeal nasceu em Brusque/SC, é formada em Direito e, atualmente, mora em Curitiba. Costuma publicar seus poemas em redes sociais, principalmente no *Facebook*.

de sonhos,
 de alegrias e escrituras,
 assim como nós perdoamos
 aqueles versos
 que nos têm preterido
 na exata dimensão
 da nossa vã filosofia.
 Não nos deixeis
 cair na aflição
 da palavra vazia,
 sem contorno
 ou fantasia.
 Livra-nos, enfim,
 da realidade nua e crua.
 Amém.

Nic Cardeal

Em seguida, a música *O que sobrou do céu* (cf. **ANEXO 3**), composta por Marcelo Yuka e interpretada pelo grupo *O Rappa*, foi ouvida a fim de que os aprendizes se sentissem motivados a analisar ou confrontar as duas linguagens artísticas: fotografia e música. Eles foram orientados a prestar bastante atenção na letra e melodia da canção, enquanto observavam as fotografias de Sebastião Salgado (**Figuras 21, 22 e 23**), entregues, previamente, aos estudantes que estavam organizados nos grupos. Seguem, as fotografias:

Figura 21 – Fotografia *Os Pobres Trabalhadores da Terra* de Sebastião Salgado



Fonte: <https://sites.google.com/site/7e5histfoto/sebastiao-salgado>

Figura 22 – Fotografia *Migração Rural para as Grandes Cidades* de Sebastião Salgado



Fonte: <https://sites.google.com/site/7e5histfoto/sebastiao-salgado>

Figura 23 – Fotografia Capa do livro *Terra* de Sebastião Salgado



Fonte: <https://sites.google.com/site/7e5histfoto/sebastiao-salgado>

Os estudantes analisaram as imagens e a letra da canção e fizeram anotações sobre os detalhes percebidos, tendo como referência os seguintes questionamentos que foram entregues em folhas impressas:

1. O que vocês veem nas imagens?
2. Há alguma relação entre as fotografias e a letra da canção? Justifique.
3. Quais os sentidos possíveis entre a primeira imagem e a letra da canção?
4. Quais os sentidos possíveis entre a segunda imagem e a letra da canção?
5. Quais os sentidos possíveis entre a terceira imagem e a letra da canção?
6. Em que as fotografias e a letra da canção lhes faz pensar?

7. Quais os sentimentos despertados em vocês a partir da observação das imagens e da letra da canção?
8. Vocês consideram a letra da canção como um poema?

As anotações feitas pelos grupos foram socializadas na aula. Um a um, os grupos apresentaram os seus pontos de vista, suas impressões acerca das imagens. Então, neste momento, quando necessário, fiz interferências. Quando um grupo estava explanando as suas observações, os demais puderam intervir, acrescentar e/ou questionar algo que julgaram pertinente. Aproveitei esta explanação para iniciar um diálogo com a turma apontando para o caráter, muitas vezes poético, da arte fotográfica e procurei levá-los a esta constatação. Não afirmei *a priori*. O intuito é que fossem feitas correlações e/ou refutações entre as duas linguagens artísticas e os aprendizes fossem percebendo como a linguagem figurada da canção se materializa nas imagens ou, ainda, como há, em ambas as linguagens, a presença da conotação (neste momento, procuramos ativar os conhecimentos prévios dos alunos sobre linguagem denotativa e conotativa, conteúdo já abordado no primeiro ciclo deste ano letivo).

Após este momento, houve a exposição da biografia do fotógrafo Sebastião Salgado (*cf. ANEXO 4*), a fim de que os alunos pudessem conhecer melhor a história de vida do artista e, desta forma, ir compreendendo as relações existentes entre o ponto de vista do observador e o objeto observado, que no caso dos estudantes, foi o lugar onde vivem.

Com intuito de esclarecer melhor a relação existente entre a obra produzida por Sebastião Salgado e sua trajetória, expusemos o vídeo *No olhar: Sebastião Salgado* e, na sequência, conduzi uma discussão sobre as relações provenientes entre a produção da imagem e o ponto de vista do fotógrafo, demarcando o seu modo de ser/estar no mundo, as suas ideologias e convicções. O vídeo, divulgado em 2014, é composto por uma entrevista que o artista oferece ao canal *No Olhar. TV*, com duração de onze minutos e vinte e um segundos, conforme observamos na ilustração seguinte:

Figura 24 – Entrevista com Sebastião Salgado



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=MDWiqU_bXfQ

4ª Etapa – Diálogos entre poemas e fotografias

Duração: 4 aulas

Objetivo: reconhecer as peculiaridades inerentes ao gênero poema, como a estrutura e a linguagem, a fim de possibilitar a produção de versos, individualmente, a partir da(s) fotografia(s) de Mario Cravo Neto.

Material: imagens, poemas, *notebook* e *datashow*.

O poema selecionado para suscitar o ambiente de maior receptividade à poesia foi *Emergência*¹⁷ de Mario Quintana, que foi declamado por mim. Segue o poema:

Emergência

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo –
para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.

Mario Quintana

No momento posterior, houve a exposição de três imagens, visando despertar a sensibilidade dos estudantes com relação à poesia, de forma que percebessem a estética poética

¹⁷ Disponível em: <<http://www.revistabula.com/2329-os-10-melhores-poemas-de-mario-quintana/>>. Acesso em 03/08/2017.

para além do poema ou dos textos verbais. Apresentei, em *datashow*, as **Figuras 25, 26, 27 e 28**, sendo uma por vez, e lancei questionamentos sobre poema e poesia, conforme visualizamos a seguir:

Figura 25 – Imagem 1 (Domínio público)



Fonte: <https://br.pinterest.com/zuzkka/look-at-me/>

Figura 26 – Imagem 2 (Domínio público)



Fonte: <https://plus.google.com/+AdrianaLarrazabal>

Figura 27 – Imagem 3 (Domínio público)



Fonte: <https://images.4ever.eu/tag/10091/danse-sous-la-pluie>.

Figura 28 – Imagem 4 (Domínio público)



Fonte: <http://www.museindia.com/viewarticle.asp?myr=2012&issid=44&id=3448>

1. Há poesia nessas imagens?
2. A poesia só existe no poema?
3. O que é poesia?
4. O que você sabe sobre poema?

A partir dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre poema e poesia, realizei explicações sobre o gênero textual poema, as características formais, estéticas e estilísticas da sua composição, a linguagem poética, entre outros aspectos. Em seguida, distribuí, impressos

os poemas *Tudo que somos* e *Poema sem sentido*¹⁸, ambos do poeta feirense Antônio Brasileiro, a fim de que os estudantes pudessem lê-los e percebessem as características do gênero textual em questão. Logo após, levantei uma discussão sobre a temática dos textos aliada às características formais, linguísticas, estilísticas. A seguir, os referidos poemas:

Tudo que somos

Tudo que somos,
pouco sabemos.

Um poço imenso,
cheio de sonhos.

Quando choramos,
não nos perdemos.

Viver é um sonho,
Não esqueçamos.

Viver é a sombra,
o assombro, o apenas.

/ Tão frágeis somos!
Frágeis e imensos.

Antônio Brasileiro

Poema sem sentido

A vida não tem sentido.
As coisas não tem sentido.
Nada tem sentido.

Só que é preciso viver.
É preciso viver.
Só isto.

Bom dia, amigo sol.
Bom dia, amiga lua.
Bom dia.

Antônio Brasileiro

Em seguida, fizemos a leitura da biografia de Antônio Brasileiro (cf. **ANEXO 5**) e expus as **Figura 29** e **30** em que há dois poemas, sem títulos, da poeta Palmira Heine. Neles, há uma reflexão sobre a essência da poesia e sobre aquilo que cabe no poema, fazendo referência às dores da vida:

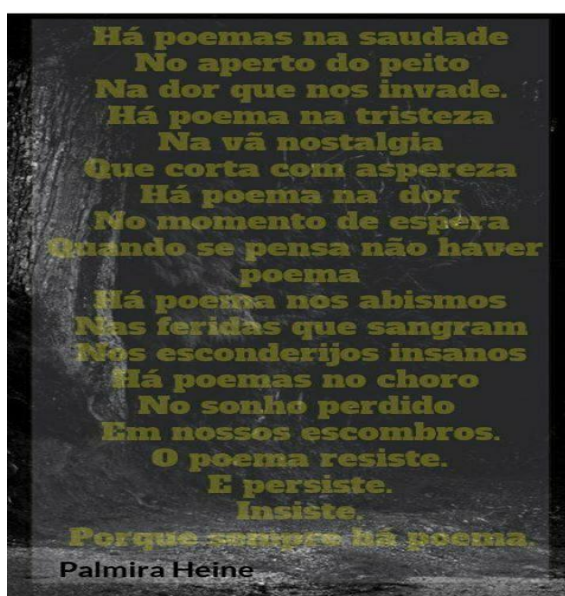
¹⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1793112197634416&set=pb.100008069598619.-2207520000.1485655915.&type=3&theater>>. Acesso em 19/01/17.

Figura 29 – Poema de Palmira Heine 1



Fonte: <https://www.facebook.com/palmira.heine.1/photos?pnref=lhc>

Figura 30 – Poema de Palmira Heine 2



Fonte: <https://www.facebook.com/palmira.heine.1/photos?pnref=lhc>

Depois, solicitei que os estudantes atribuíssem sentido às fotografias (**Figuras 31 e 32**), escrevendo versos. Eles poderiam optar pela leitura de uma das imagens ou utilizar as duas para produzir o texto. Desta vez, a produção foi individual para que, cada um dos aprendizes, fosse desenvolvendo as habilidades de observação e leitura de imagens, materializando-as em textos poéticos. A seguir, visualizamos as fotografias:

Figura 31 – Fotografia de Mario Cravo Neto 2



Fonte: <http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/bahia-intensa-a-fotografia-apaixonada-de-mario-cravo-neto/>

Figura 32 – Fotografia de Mario Cravo Neto 3



Fonte: <http://foto.espm.br/index.php/sem-categoria/bahia-intensa-a-fotografia-apaixonada-de-mario-cravo-neto/>

Sequência Didática II - Oficina de Sentidos

5ª Etapa – Produção e seleção fotográfica

Duração: 2 aulas e atividades extraclasse

Objetivo: desenvolver multiletramentos no campo da arte visual, partindo da perspectiva multimodal das fotografias, a partir do registro de imagens, postadas na rede social *Instagram*.

Material: câmera fotográfica do *smartfone*, vídeo *A menina e a câmera fotográfica*, *notebook*, *datashow* e caixa de som.

Iniciei esta etapa fazendo a leitura de *Os Poemas*¹⁹ de Mario Quintana:

¹⁹ Disponível em: <http://www.revistabula.com/2329-os-10-melhores-poemas-de-mario-quintana/> Acesso em 03/08/2017.

Os Poemas

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.

Quando fechas o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem. E olhas, então, essas tuas mãos vazias
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

Mário Quintana

Os alunos foram orientados quanto à observação dos lugares onde vivem para registrá-los em fotografias. Deveriam atentar às situações cotidianas e seus aspectos sociais, culturais, econômicos, ambientais, religiosos da zona urbana ou da zona rural, enfim, tudo aquilo que lhes chamassem a atenção. Ressalto que os estudantes tiveram liberdade nas escolhas que fizeram, instruí-os, apenas, sobre a questão do direito de imagem que é assegurado pela Constituição Federal brasileira.

Com o intuito de motivar os estudantes à execução dessa tarefa, exibi, por meio do *datashow*, o vídeo *A menina e a câmera fotográfica*. Trata-se de um curta-metragem de animação gráfica, publicado em 2017, pela internauta Isabele Sandra, com duração dois minutos e trinta e sete segundos, conforme observamos na imagem:

Figura 33 – Cena do vídeo *A menina e a câmera fotográfica*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=I-j5JPRZ3AU&t=1s>

Após esse momento, solicitei que cada aluno fizesse as suas fotografias, individualmente, utilizando seus *smartphones*, uma vez que quase todos possuem os referidos celulares, e levassem, à aula seguinte, no próprio aparelho, 3 fotografias captadas. Posteriormente, sem minha interferência, os grupos procederam na seleção das imagens que cada componente registrou, sendo duas ou três imagens no total, por equipe.

6ª Etapa – Exposição e interação no *Instagram*

Duração: 2 aulas

Objetivo: realizar a postagem das fotografias captadas pelos grupos de estudantes, na rede social *Instagram*, estimulando a interação, a partir da visualização das imagens publicadas.

Material: *Smartfone* e *Instagram*.

Nesta etapa, a declamação inicial foi do poema *Não há vagas*²⁰ de Ferreira Gullar, exposto a seguir:

Não há vagas

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
Não cabem no poema o gás
a luz o telefone
a sonegação
do leite
da carne
do açúcar
do pão

O funcionário público
não cabe no poema
com seu salário de fome
sua vida fechada
em arquivos.
Como não cabe no poema
o operário
que esmerila seu dia de aço
e carvão
nas oficinas escuras

²⁰ Disponível em: <<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/ferreira-gullar-poemas/>>. Acesso em: 08/05/2017.

- porque o poema, senhores,
 está fechado:
 “não há vagas”
 Só cabe no poema
 o homem sem estômago
 a mulher de nuvens
 a fruta sem preço

O poema, senhores,
 não fede
 nem cheira

Ferreira Gullar

Foi dada explicação à turma sobre a conta que seria aberta na rede social *Instagram* para postagem das fotografias e poemas que produziram, posteriormente. Um estudante realizou a tarefa e, enquanto isso, os grupos apresentaram uma sugestão de nome para o perfil que foi definido por meio de votação.

Como a seleção das fotografias já havia sido realizada, os grupos fizeram a postagem na página da rede social, a fim de promover a exposição do material captado por eles. Nesse momento, tiveram a oportunidade de manipular as imagens, utilizando filtros e efeitos (recursos disponíveis na rede social), caso desejassem. Na sequência, os estudantes foram estimulados a curtir as fotografias que gostassem e a comentá-las, promovendo uma interação no ambiente digital do *Instagram*.

7ª Etapa – Produção de poemas a partir das fotografias

Duração: 2 aulas

Objetivo: produzir poemas de forma colaborativa e cocriativa a partir da apreciação de fotografias.

Material: *smartphones*, *Instagram*, papel e lápis.

Para iniciar esta etapa, o poema selecionado foi *Procura da poesia*²¹ de Carlos Drummond de Andrade:

Procura da poesia

Não faças versos sobre acontecimentos
 Não há criação nem morte perante a poesia.
 Diante dela, a vida é um sol estático,

²¹ Disponível em: < <http://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/analise-fazer-poetico.htm> . Acesso em: 08/05/2017.

não aquece nem ilumina.
 As afinidades, os aniversários, os incidentes
 pessoais não contam.
 Não faças poesia com o corpo,
 esse excelente, completo e confortável
 corpo, tão infenso à efusão lírica.
 [...]

Chega mais perto e contempla as palavras.
 Cada uma
 tem mil faces secretas sob a face neutra
 e te pergunta, sem interesse pela resposta,
 pobre ou terrível que lhe deres:
 Trouxestes a chave?

Carlos Drummond de Andrade

A partir da observação e apreciação das fotografias que cada grupo registrou, os estudantes foram incentivados à escrita de poemas. Tal experiência também ocorreu em grupos, mas, desta vez, houve uma subdivisão interna nas equipes que produziram os textos em duplas ou trios. Com esta atividade, os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver um trabalho colaborativo em que experiências e saberes foram compartilhados e (re)construídos por meio da cocriação.

Ressalto que após a escrita dos poemas, propus uma revisão textual procurando não interferir nas ideias dos textos, apenas aprimorá-los.

Conforme a orientação da etapa anterior, os títulos atribuídos às fotografias foram os mesmos conferidos aos poemas. A intenção foi que houvesse uma correlação bem definida entre ambas as produções.

8ª Etapa – Sarau criativo: Olhares cotidianos em poesias

Duração: 2 aulas

Objetivo: socializar as produções fotográficas e poéticas dos estudantes com o intuito de valorizar a produção da arte na escola pública e, paralelamente, valorizar os aprendizes como sujeitos que têm voz que podem ser ouvidas por meio dos poemas.

Material: *datashow*, TV, *home theater*, fotografias e poemas impressos, malhas decorativas e balões.

O poema *Autopsicografia*²² do poeta Fernando Pessoa foi o escolhido para iniciar esta etapa:

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Fernando Pessoa

Nesta etapa, as produções realizadas pelos estudantes (fotografias e poemas) foram expostas em um Sarau Poético, denominado *Olhares cotidianos em poesias*. Tal exposição ocorreu na biblioteca da escola, no dia 21 de setembro deste ano, em um evento artístico e cultural realizado nas escolas baianas da rede estadual, denominado *Transformaê – Virada Educacional da Bahia*. Na oportunidade, procuramos valorizar os trabalhos realizados, além de criar uma situação propícia à elevação da autoestima dos estudantes, já que eles foram os protagonistas de toda a ação.

A fim de que o evento tivesse êxito, foi feita a seleção e impressão das fotografias realizadas pelos estudantes, além das fotografias de Sebastião Salgado e Mario Cravo Neto. Os poemas lidos ou declamados, durante as aulas, e também aqueles produzidos pelos estudantes foram impressos para a exposição e, a respeito destes últimos, inclusive, foram organizados jograis e declamações individuais com ensaios prévios. Outro planejamento realizado foi a busca dos talentos dos estudantes para a música, o canto, o teatro, entre outras habilidades para que fizessem apresentações artísticas diversificadas, enriquecendo o Sarau Poético. Saliento

²² Disponível em: <<http://www.revistapazes.com/autopisicografia-por-fernando-pessoa/>>. Acesso em: 08/05/2017.

que isto ocorreu ao longo das etapas, oportunizando a apresentação de uma camerata²³ composta pelos estudantes da escola, sendo três deles, inclusive, da turma pesquisada.

Para o dia do evento, na biblioteca escolar, foram expostas as fotografias e poemas, utilizados nas aulas e também aqueles produzidos pelos estudantes, além da audição de músicas e visualização de vídeos.

No capítulo posterior, há um melhor detalhamento, com comentários, acerca desta e das demais etapas.

²³ Grupo musical selecionado, formado por poucos integrantes que se especializa em executar a música de câmara com composições de um gênero específico (camerata de violões; camerata de violinos).

4 UMA EXPERIÊNCIA LÚDICA DE LEITURA: A FOTOGRAFIA EM PROL DA POESIA

“O compromisso da poesia com o concreto e com a autonomia da linguagem do poema corresponde ao compromisso da fotografia com a visão pura. Ambos supõem [...] arrancar as coisas de seu contexto (vê-las de um modo renovado)”.

(Susan Sontag)

Mediante à aplicação das sequências didáticas, estruturadas em oficinas pedagógicas denominadas Oficina de Saberes e Oficina de Sentidos, sendo, cada uma delas, compostas por quatro etapas constituídas de atividades pedagógicas, muitas aprendizagens foram possibilitadas nas aulas de Língua Portuguesa. Tais atividades foram pensadas, sobretudo, a fim de viabilizar o desenvolvimento de múltiplos letramentos em jovens estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Ressaltamos que, embora uma das oficinas priorizasse o contato dos estudantes com novos saberes e, a outra, com a construção de sentidos em decorrência das sugestões de produção textual (imagética ou verbal), em ambas houve um entrelace da construção de saberes e de sentidos, afinal é assim que se constrói conhecimento.

A seguir, descrevemos a aplicação da proposta de intervenção pedagógica, as reflexões que emergiram de cada etapa, além dos seus resultados.

4.1 SENSIBILIZAÇÃO IMAGÉTICA – 1ª ETAPA

A realização da dinâmica de grupo, denominada *Fotografias de união* (WENDELL, 2016), suscitou reflexões por parte da turma, uma vez que, de acordo a proposta, os aprendizes deveriam estar organizados em círculo para que pudessem tocar as mãos entre si, tocar a ponta dos pés e ainda dar um abraço coletivo. A seleção de imagens a seguir, ilustra o referido momento:

Figura 34 – Estudantes participando da dinâmica de grupo



Fonte: Arquivo da autora

Em outro momento da dinâmica de grupo, a turma, subdividida em equipes, simulou imagens fotográficas que representavam paz e união. As cenas criadas foram fotografadas e, posteriormente, expostas em *datashow* para que comentários fossem feitos acerca das aprendizagens que delas emergiram. Assim, os estudantes destacaram, principalmente, a ideia de união e respeito na constituição das cenas e, sobre a leitura das imagens, prevaleceram o afeto e a harmonia. A seguir, nas imagens 35 e 36, visualizamos a ilustração de tal momento:

Figura 35 – Estudantes criando cenas de união 1



Fonte: Arquivo da autora

Figura 36 – Estudantes criando cenas de união 2



Fonte: Arquivo da autora

Propusemos uma atividade como esta porque acreditamos na afetividade como elemento primordial no desenvolvimento de toda e qualquer ação humana e, em um mundo em que as relações estão sendo cada vez mais desvalorizadas e desprezadas, reforçar o sentimento de solidariedade, respeito mútuo e colaboração de ideias e atitudes mostra-se absolutamente relevante, especialmente quando se trata de ambientes educacionais. Mosé (2015) traz provocações em torno disso quando diz que, na escola, não se deve ensinar conteúdos compartimentados, mas vida, e isto, segunda ela, precisa ser exercitado nas relações interpessoais constantes e não em momentos pontuais, como ocorre, muitas vezes.

Num segundo momento, foi feita a declamação do poema *Convite* de José Paulo Paes, a fim de que os alunos fossem motivados a participar das atividades desenvolvidas naquela etapa e comesçassem a adentrar no universo literário através da atmosfera poética, suas relações com outras artes e com situações cotidianas. Cosson (2016) ressalta o envolvimento que a literatura proporciona ao leitor com o mundo das palavras, as quais iluminam, resguardando-o da escuridão da ignorância.

Convém lembrar que, no início de cada etapa, foi feita uma declamação ou leitura de um poema, cuja temática fosse a própria poesia, isto é, a declamação ou leitura de poemas metalinguísticos. Em alguns desses momentos, os estudantes foram provocados a comentar, em outros, optamos pela construção espontânea da interpretação e apreciação poética, visto que essa percepção se formaria durante o processo da intervenção. No caso desta etapa, não houve discussão.

Após o momento da apreciação poética, houve a exibição do filme *O Casaco – uma história de caridade*, e, com o intuito de instigar os estudantes sobre algumas reflexões que

poderiam advir da análise do filme, lançamos questionamentos, que seguem, gerando um debate oral:

1. Vocês já assistiram a este filme?
2. Qual a história narrada?
3. Em que cenário ela ocorre?
4. Há semelhanças entre o cenário do filme e o que vocês vivem no cotidiano?
5. O que mais lhes chamou a atenção nas imagens?
6. O fato de o vídeo ser constituído apenas por imagens prejudicou o seu entendimento?
7. Na opinião de vocês, o menino, ao correr pelas ruas, viu algo novo, incomum de acontecer ou apenas teve uma percepção diferente, mais atenta do lugar onde vive?
8. Em que a história narrada lhes faz pensar?

Com relação às perguntas 1 e 2, os estudantes responderam, de forma unânime, que não conheciam o filme e que acharam as imagens e o enredo da história bastante interessantes, uma vez que abordavam a solidariedade, apesar das dificuldades que as personagens enfrentavam, cotidianamente. Alguns alunos pontuaram que gestos de solidariedade e respeito mútuo podem ser exercidos independentemente da condição social das pessoas.

O fato de não haver diálogos no curta-metragem contribuiu, segundo os estudantes, para que ficassem mais atentos às imagens, contemplando à pergunta 6. E, a respeito dos questionamentos 3 e 4, os estudantes haviam notado que há detalhes nas imagens que remetem ao contexto de regiões frias como os de alguns países da Europa, diferenciando-se do contexto de suas vivências.

Dando sequência à análise do curta-metragem, lançamos o 5º questionamento e os estudantes pontuaram aspectos diferentes. Alguns se referiram à forma com que o menino observou o garoto abandonado nas ruas, outros, à beleza do cenário, mas a maioria destacou o gesto do menino ao ceder o casaco, costurado pela mãe, que também não dispunha de muitos recursos financeiros, para outro garoto ainda mais carente. Segundo eles, o menino, ao correr pelas ruas, não viu algo novo, incomum de acontecer por ali, porém teve uma percepção diferente, mais atenta do lugar onde vivia.

Acerca da questão 7, os estudantes pensaram nos gestos de solidariedade tão necessários nos diversos meios sociais e, quanto à questão 8, destacaram, principalmente, a sensação de comoção com a necessidade do outro e também o sentimento de esperança.

Estas primeiras considerações foram importantes, porque os estudantes iniciaram o processo de reflexão sobre o lugar onde vivem, suas características sociais, culturais e

ambientais, as quais distinguem-se de outros contextos em muitos aspectos. Desse modo, foi criada a oportunidade de se estabelecer ou reforçar a noção de pertencimento, de reconhecimento da cidade, do bairro, da rua ou da comunidade rural onde moram como lugares que apresentam particularidades socioculturais que não devem ser desvalorizadas ou menosprezadas, mediante outros contextos, cujo *status quo* seja de supervalorização em detrimento dos demais.

Após esse momento de reflexões e comentários sobre o vídeo, lemos o texto *Vista Cansada* (RESENDE, 1992), em voz alta, e os alunos destacaram aspectos que lhes chamaram a atenção, a exemplo dos seguintes trechos:

Aluno A: “De tanto ver, você não vê.”

Aluno B: “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver.

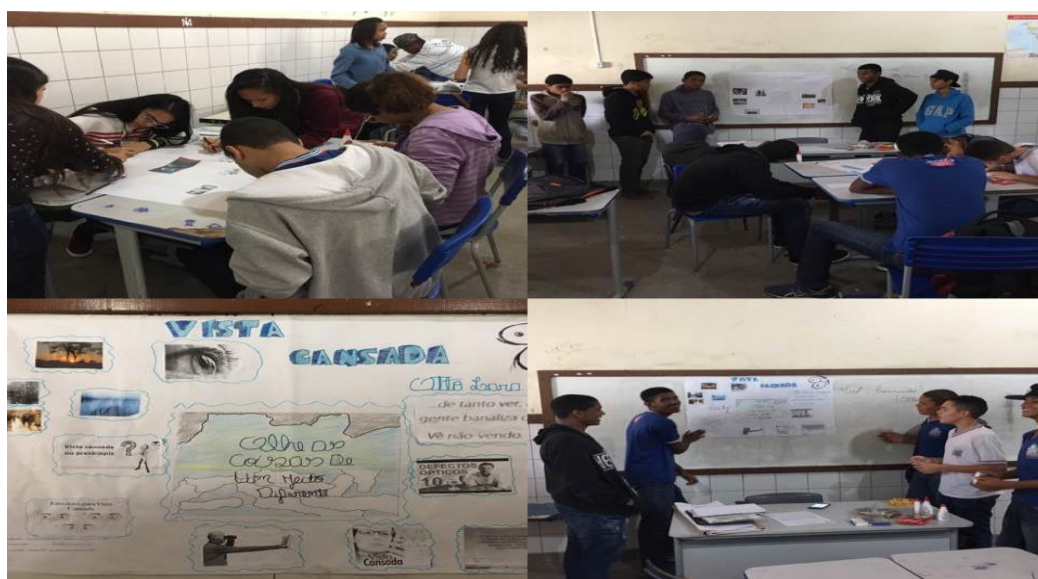
Aluno C: “Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.”

Aluno D: “O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de fato, ninguém vê”.

Estes e outros fragmentos foram fundamentais para que a turma fizesse reflexões importantes para o desenvolvimento de todo o trabalho, posto que o ponto de partida era, justamente, construir uma nova forma de ver o mundo, uma forma mais humanizada, mais atenta, mais crítica e sensível.

Na aula seguinte, os grupos de alunos construíram murais que retratavam os sentidos construídos com aquela experiência de leitura, utilizando, prioritariamente, imagens. Logo após, socializaram as produções, ressaltando os seus olhares sobre a leitura feita, conforme visualizamos na seleção de imagens que seguem:

Figura 37 – Estudantes confeccionando murais imagéticos



Fonte: Arquivo da autora

Os grupos apresentaram os seguintes comentários:

G1: Essas imagens mostram como a nossa vista anda cansada, sem ver as coisas direito. Parece que a gente nem olha pro lado.

G2: Muitas pessoas só olham pra si, esquecem dos outros. Andam com os olhos voltados somente para o que interessa para elas.

G3: As imagens mostram a natureza olhada com detalhes que a gente nem vê no dia a dia. E existe tanta coisa bonita pra se olhar.

G4: Olha só como essas pessoas são esquecidas pelas ruas. Ninguém nem olha pra elas. Se deixar, passam por cima.

G5: Tudo que tem nessas imagens estão ao nosso redor, mas a gente nem percebe. A pressa deixa a gente meio cego.

G6: Olha só como os olhos da gente são cansados! A gente nem enxerga que tem tanta coisa importante e tanta beleza perto de nós.

As falas revelam o entendimento dos estudantes sobre a importância de se exercitar um olhar mais atento para o seu entorno. Eles perceberam que isso poderia ser demonstrado apenas com imagens, pois as mensagens seriam evocadas através delas e as explicações que fizeram na apresentação dos murais, apenas reforçaram o que ali já estava demonstrado.

Nesta perspectiva, Dondis (2016, p. 13) lembra que, nas sociedades modernas, a linguagem visual é demasiadamente significativa no processo de comunicação nos diversos meios. Assim, enquanto sujeitos que se posicionam ativamente nessas sociedades, temos a necessidade de ampliar nossa visão, pois “ver significa expandir nossa capacidade de entender uma mensagem visual, e, o que é ainda mais importante, de criar uma mensagem visual”, como foi feito pelos estudantes na confecção dos murais imagéticos.

4.2 LEITURAS FOTOGRÁFICAS – 2ª ETAPA

No início da etapa, após a declamação de *Poesia* de Carlos Drummond de Andrade, houve a exposição, em *Datashow*, de três das seis fotografias selecionadas para este momento da proposta de intervenção. Assim, a respeito da **Figura 15**, os alunos destacaram as cores (verde e marrom) como próprias de ambientes naturais e que causam um impacto agradável aos olhos. A diferença entre os planos da imagem também foram foco dos comentários dos estudantes. Eles salientaram o realce dado à imagem do cacto, planta nativa do sertão nordestino e muito encontrada na região onde vivem, em detrimento do segundo plano, que estava desfocado, mas causava grande sintonia na composição geral da imagem. Já na segunda fotografia visualizada (**Figura 16**), muitos alunos identificaram imediatamente que se tratava de uma cena de futebol captada no Estádio Municipal Joia da Princesa; indicaram as cores da construção ao fundo (marrom e verde) como as cores típicas do principal time de futebol da

cidade, o Fluminense. Chamaram a atenção para o público no segundo plano da fotografia, pontuando que o estádio estava cheio de torcedores, além de observarem que o personagem principal da imagem, o jogador, captado em movimento, acabava de fazer um gol. Por fim, na **Figura 17**, poucos alunos reconheceram que se tratava da Igreja dos Capuchinos, uma das mais tradicionais igrejas católicas da cidade. Isso porque a sua localização geográfica é distante dos bairros ou comunidades rurais em que moram. Mas, ainda assim, chamaram a atenção para a iluminação da imagem, o contraste entre as cores que conferiram muita beleza à fotografia, segundo eles.

Após a leitura coletiva, os estudantes foram informados sobre a origem daquelas imagens. Preferimos agir assim para não influenciar na interpretação que fariam dos detalhes, cores, ângulos, enfim, da composição global dos textos fotográficos e, também, se reconheceriam nas imagens, traços característicos do seu entorno sociocultural.

No momento posterior, na visualização da frase “[...] o olhar quer ver sempre mais do que aquilo que lhe é dado ver” (GHEDIN; FRANCO, 2008, p. 71), muitos estudantes não teceram comentários. Alguns pontuaram que precisamos olhar mais para aquilo que está ao nosso redor. Outros, consideraram que a nossa forma de olhar o próximo está, muitas vezes, repleta de ideias equivocadas e preconceituosas. Houve um diálogo sobre a importância de procurarmos enxergar a vida, as pessoas, as coisas, o mundo sob um ponto de vista mais profundo, sem nos contentarmos com a superficialidade que, muitas vezes, se nos apresenta em um primeiro olhar.

Embora essa discussão fosse gerada entre jovens adolescentes, que têm, relativamente, menos experiências vividas em relação aos adultos, foi produtiva e, ao longo das reflexões, alguns deles se reportavam à crônica *Vista Cansada* de Otto Lara Resende. Aliás, ao longo de todo o trabalho houve essa retomada, chamando-se atenção para uma ou outra frase que dialogasse com o momento da intervenção. É importante frisar que a leitura desse texto foi demasiadamente oportuna no sentido de despertar o senso crítico dos estudantes acerca do exercício que se precisa fazer para observar o mundo através de lentes refinadas e, principalmente, para além delas. Estas considerações encontram amparo no ponto de vista de Bosi (2012, p. 12) ao asseverar que “o ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo”, demonstrando quão intrínseca é a conceituação entre o objeto visto e o olhar de quem o observa com toda a sua subjetividade.

Após termos construído esse diálogo, fizemos a exposição das outras três fotografias (**Figuras 18, 19 e 20**) dos fotógrafos feirenses. Como a leitura foi individual e silenciosa, os

alunos registraram aquilo que elas lhes suscitaram, aquilo em que elas lhes fizeram pensar ou sentir. Cada frase produzida correspondeu a uma imagem, não sendo pertinente fazermos aqui a exposição de todas elas, mas de algumas que se diferenciaram das demais com relação à leitura feita, ao olhar lançado. Assim, sobre cada imagem, seis frases correspondentes às leituras dos estudantes foram selecionadas:

Frases relativas à leitura da Figura 18:

- Aluno A:** A luz do sol reflete o que existe dentro da gente.
Aluno B: A cultura é vida, como o sol brilha no dia a dia.
Aluno C: Eu vejo pessoas segurando peneiras, fazendo algum tipo de ritual.
Aluno D: Dança cultural.
Aluno E: Pessoas festejando entre si mesmas e dançando.
Aluno F: Não se tampa o sol com a peneira.

Frases relativas à leitura da Figura 19:

- Aluno G:** O melhor da gente está dentro de nós.
Aluno H: Apresentação popular definida pela região.
Aluno I: Vejo cores quentes, sinto algo perturbador e intrigante.
Aluno J: Somos todos iguais.
Aluno K: Sentimentos confusos e embaraçosos, pois onde há amor, há dor.
Aluno L: Uma pessoa que pintou a cara representando os negros.

Frases relativas à leitura da Figura 20:

- Aluno M:** Um beija-flor descansando.
Aluno N: Vejo um beija-flor escolhendo uma flor para beijar.
Aluno O: Olhando para o além, o que tem de tão belo?
Aluno P: Beleza da natureza que deixamos passar.
Aluno Q: Um beija-flor sentindo a natureza.
Aluno R: Liberdade!”

As falas dos estudantes revelam a leitura de aspectos culturais, sociais, naturais suscitados nas imagens, de modo que percebemos a demonstração dos seus pontos de vista sobre as fotografias, pois, de acordo com Santaella (2012), a fotografia é uma espécie de espelho ou reflexo da realidade em seu estado passado. É um recorte sob determinado ponto de vista que é, obviamente, algo muito particular. No caso da leitura feita pelos jovens estudantes do 9º ano, a interpretação ora mais simplória, ora mais profunda, ora mais objetiva, ora mais poética, foi pertinente porque despertou neles a observação da cidade sob um olhar mais atento e sensível, notando-a em detalhes que passam despercebidos, muitas vezes.

Ressaltamos que as atividades dessa etapa foram pertinentes no sentido de despertar o olhar observador e apreciador da arte fotográfica. Os estudantes demonstraram atenção à composição das imagens, observando suas cores, traços, ângulos, enfim, os sentidos suscitados em cada detalhe, os quais foram construídos livremente.

4.3 DIÁLOGOS ENTRE LINGUAGENS: MÚSICA E FOTOGRAFIAS – 3ª ETAPA

Iniciamos a etapa fazendo a leitura de *Poema nosso de cada dia* de Nic Cardeal, poema este que a maioria dos alunos gostou muito, solicitando uma nova leitura, porém, na segunda vez, a realizamos conjuntamente e em voz alta. Pedimos, então, que os estudantes destacassem alguns versos que mais lhes chamaram a atenção e, assim, apontaram: “perdoa nossa falta de palavras, / de sonhos, / de alegrias e escrituras,” enquanto outros destacaram os versos “Não nos deixeis / cair na aflição / da palavra vazia, / sem contorno / ou fantasia”, e ainda, “Livra-nos, enfim, / da realidade nua e crua”.

Na sequência, após escutarmos a música *O que sobrou do céu*, composta por Marcelo Yuka e interpretada pelo grupo *O Rappa*, fotografias de Sebastião Salgado (**Figuras 21, 22 e 23**) foram distribuídas, impressas, aos estudantes que já estavam organizados em 6 grupos e, então, mais uma vez, a música foi reproduzida enquanto as imagens eram observadas, conforme visualizamos:

Figura 38 – Leitura das fotografias de Sebastião Salgado



Fonte: Arquivo da autora

A compreensão do caráter polissêmico das imagens varia de leitor para leitor e os “sentidos decorrem da inter-relação entre a mensagem estética, ou estruturas conotativas, e a

mensagem semântica, ou estruturas denotativas” (BITAR, 2002, p. 26). Nesta perspectiva, a fim de verificarmos a forma como os entendimentos se processaram sobre as fotografias de Salgado em confronto com a linguagem da música, cinco grupos de alunos (um grupo faltou no dia desta atividade) responderam aos seguintes questionamentos, entregues em folhas impressas:

1. O que vocês veem nas imagens?
2. Há alguma relação entre as fotografias e a letra da canção? Justifique.
3. Quais os sentidos possíveis entre a primeira imagem e a letra da canção?
4. Quais os sentidos possíveis entre a segunda imagem e a letra da canção?
5. Quais os sentidos possíveis entre a terceira imagem e a letra da canção?
6. Em que as fotografias e a letra da canção lhes faz pensar?
7. Quais os sentimentos despertados em vocês a partir da observação das imagens e da letra da canção?
8. Vocês consideram a letra da canção como um poema?

Acerca do primeiro questionamento, os estudantes responderam que viam, principalmente, pobreza, tristeza e sofrimento. Sobre a questão 2, foram contundentes em dizer que a relação era explícita entre ambas as linguagens e destacaram alguns versos, a exemplo de “Faltou luz, mas era dia” e “O som das crianças / Brincando nas ruas / Como se fosse um quintal”. Paralelamente, eles também indicaram que entre a letra da canção e cada uma das imagens havia a possibilidade de construção de vários sentidos. Desta forma, sobre a questão 3, afirmaram:

Grupo 1: A rotina de umas pessoas trabalhadoras, que ‘rala’ o dia todo, para conseguir o pão de cada dia.

Grupo 2: Pois a sujeira apaga a cor que de fato é representada na imagem.

Grupo 3: São coisas que a gente esquece e finge não ver.

Grupo 4: “Todas as cores escondidas”.

Grupo 5: Fez ver um espelho refletindo o que ‘agente’ esquecia.

Acerca do 4º questionamento, apontaram:

Grupo 1: Que a família da imagem procura um rumo. Porém faltou luz, mas era dia na vida daquela e de muitas famílias.

Grupo 2: O trecho representa o trabalho árduo que é transformado em rotina, o que está representada na imagem.

Grupo 3: Mostra a realidade de muitas pessoas que as vezes ignoramos por conta da nossa rotina.

Grupo 4: “Faltou luz mas era dia”.

Grupo 5: Todas as cores escondidas nas nuvens da rotina. Coisa que não vemos no dia a dia.

Já sobre a questão 5, lançaram estas respostas:

Grupo 1: O som das crianças brincando na rua, a simplicidade das crianças.

Grupo 2: As crianças que brincam na rua ‘mostra’ a escassez de algumas famílias pelos olhos de uma criança.

Grupo 3: Crianças que mesmo na situação em que elas vivem conseguem se divertir.

Grupo 4: “Um Chá pra curar essa azia”.

Grupo 5: “Os sons das crianças brincando nas ruas como se fosse em um quintal”.

A relação exercida entre a realidade e a fotografia é contestada por muitos estudiosos da área, inclusive por (SALLES, 2016, p. 93) que a considera “como uma outra “realidade, não a realidade ilusória que vemos, mas a realidade advinda de uma ideia”, assim como as leituras imagéticas feitas nessa etapa, elas correspondem às ideias dos sujeitos leitores.

Em seguida, em relação à questão 6, os alunos disseram que as fotografias os transportavam para pensar sobre o ciclo da vida, o sofrimento das pessoas e a falta de perspectiva que têm. Com relação ao questionamento 7, as afirmações giraram em torno da compaixão, angústia e tristeza a partir da leitura das imagens. Quando questionados se a letra da canção se constitui num poema (questão 8), três grupos foram enfáticos na resposta afirmativa e dois disseram que não. Estas respostas serviram como base para o planejamento da etapa seguinte em que se tratou do poema enquanto gênero textual.

As respostas dadas pelos estudantes refletem o conhecimento de mundo que têm e as experiências vividas. Além disso, são representativas das relações dialógicas entre os textos visuais e o verbal, pois os sentidos que construíram, abarcaram as diferentes vozes que emergiram das inter-relações feitas durante a leitura (BAKHTIN, 2011).

Ler imagens por mais que seja um processo instintivo que envolve recursos perceptivos e cognitivos, exige aperfeiçoamento e aprendizado e, por isso, deve fazer parte de atividades pedagógicas (COSTA, 2009). De acordo com a autora, ver não é algo simples, nem espontâneo, mas algo que precisa ser estimulado e exercitado. Assim, ler imagens fotográficas pode representar um importante estímulo à construção de uma visão mais atenta, sensível e aguçada, dada a ludicidade que é própria do texto fotográfico e, por isso, optamos por não apresentar, nas aulas, imagens que direcionassem, de alguma forma, a produção fotográfica dos estudantes, razão pela qual não expusemos fotografias relacionadas ao cotidiano ou contexto social em que vivem.

Posteriormente, com o intuito de provocar os estudantes para a percepção da relação existente entre a visão de mundo do artista, seu contexto sociocultural e sua obra, além de possibilitar a ampliação do repertório de conhecimentos e cultura sobre a arte fotográfica, fizemos a exibição do vídeo *No Olhar: Sebastião Salgado*. Os estudantes gostaram muito do

vídeo e pontuaram a eloquência com que o fotógrafo fala sobre sua arte, revelando que as imagens são sua escrita e que ao fotografar empregamos nossos conhecimentos, nossa cultura, nossa visão do mundo.

Fundamentados nestas análises, entendemos que os estudantes alcançaram o terceiro nível de leitura de uma foto, pontuado por Santaella (2012). A autora afirma que, “ler uma foto é lançar um olhar atento àquilo que a constitui como linguagem visual, com as especificidades que lhe são próprias. Significa fazer do olhar uma espécie de máquina de sentir e conhecer. Assim, ao final dessa etapa foi possível verificar que houve a ampliação desse nível de leitura visual, bem como o entendimento das possíveis inter-relações entre uma linguagem artística e outra, no caso, a linguagem musical.

4.4 DIÁLOGOS ENTRE POEMAS E FOTOGRAFIAS – 4ª ETAPA

Iniciamos com a declamação do poema *Emergência* de Mario Quintana. Nele, há uma reflexão importante para as propostas desse momento da intervenção, pois o poeta inicia o texto afirmando que “Quem faz um poema abre uma janela.” e tais palavras condiziam com o direcionamento dado nas atividades. Nesse dia, pedimos que os aprendizes comentassem o texto e um aluno da classe afirmou que o poema se referia, principalmente, a um outro modo de ver as coisas, um modo diferente daquele que se está habituado pelo fato de se estar “aprisionado” pela vida, representada, no poema, pela “cela”.

Em seguida, foi feita a leitura do primeiro *slide* em que havia o tema da aula: “Em questão, o gênero poema!” (APÊNDICE 2) e, então, questionamos os alunos se os poemas são textos literários ou não literários, já que havíamos abordado tal assunto no primeiro ciclo deste ano letivo. Os estudantes, então, responderam:

Aluno G: São não literários, professora.

Aluno M: Não, é literário. Não literário é tipo assim, um jornal, porque tem menos emoção nas palavras.

Nesse momento, outros estudantes também afirmaram que se tratava de textos literários e que a linguagem predominante, na maioria dos casos, é a linguagem conotativa.

Falamos também sobre a extensão dos poemas, questionando os aprendizes a respeito da quantidade de versos de um poema, a fim de fazê-los compreender que não é a quantidade de versos que garante a qualidade do poema, mas a sua densidade estética de conteúdo e forma. Um aluno interveio, dizendo:

Aluno E: Aquele texto *I-Juca-Pirama* (de Gonçalves Dias) é um poema bem grande, né, professora?

Professora: É, sim. Você o conhece? Que bom! É um dos maiores poemas já publicados.

Aluno E: Eu já li em algum lugar, mas não me lembro onde foi.

Professora: Já os poemas que lemos aqui nas aulas, inclusive *Emergência* de Mario Quintana são curtos, mas têm muita beleza, também, não é?

Aluno E: Tem sim. Eu gostei muito deles.

Posteriormente, houve a exposição de quatro imagens retiradas do domínio público da *internet* (**Figuras 25, 26, 27 e 28**), as quais representam bem a presença da poesia para além do poema, como afirma Lyra (1986), quando pontua que a poesia só tem existência em outro ser que não, primeiramente, no poema. Assim, à proporção que as imagens eram expostas, sendo uma de cada vez, lançávamos algumas indagações para que os estudantes refletissem, de modo que, quando questionados sobre a presença da poesia naquelas imagens, afirmavam que, nelas, havia poesia, pois, segundo eles, a poesia não existe apenas no poema, mas nas coisas, nas situações, no mundo. Naquele momento, aproveitei para questioná-los sobre a presença da poesia nos poemas, perguntando-lhes se em todos os poemas há poesia. No entanto, alguns estudantes responderam que sim, enquanto outros, afirmaram que não, que existem poemas que não possuem poesia. Esta nossa consideração encontra respaldo teórico, entre outros teóricos, em Candido (2006, p. 22) quando afirma “que pode ser feita em verso muita coisa que não é poesia”.

Ao perguntarmos aos estudantes o que é poesia, percebemos certa dificuldade nas respostas. Alguns disseram que sabiam, mas não conseguiam expressar em palavras. Outros, timidamente, responderam que era alguma coisa com muita beleza. Prosseguimos questionando-os sobre os conhecimentos que tinham sobre o gênero textual poema e as respostas foram variadas, mas giraram em torno da questão da presença de versos, estrofes e rimas em um texto escrito. Salientamos que os conhecimentos prévios dos estudantes foram o ponto de partida para fazermos as explanações necessárias sobre tal gênero textual, pois não podíamos desconsiderar os saberes dos alunos e abarrotá-los de informações desconectadas daquilo que já traziam.

Consoante Proença Filho (2007, p. 40) “Se a literatura é uma arte, nessa condição ela é um meio de comunicação de tipo especial e envolve uma linguagem também especial.” Com isso, não se deve realizar um trabalho que requeira do aluno uma participação ativa, enquanto sujeito leitor e/ou escritor literário, sem que sejam feitas as devidas explicações sobre as especificidades da linguagem e estrutura do poema, por isso buscamos esclarecer pontos fundamentais desse gênero textual. Abordamos a linguagem poética, geralmente conotativa,

rica em multissignificações, através das figuras de linguagem; a constituição formal estruturada em versos que podem ou não conter rimas e métrica definida; o ritmo que sugere musicalidade e/ou encadeamento entre as palavras, que por sinal são escolhidas com muito cuidado e atenção, pois cada uma delas assume papel único no texto; a liberdade poética demarcada pela presença de um eu lírico flutuante que se encaixa no universo das palavras ou vice-versa; etc.

Na sequência, após a leitura dos poemas *Tudo que somos* e *Poema sem sentido* (Antonio Brasileiro), os estudantes comentaram que os textos eram muito bonitos e representavam um pouco das suas vivências. Falaram também sobre a quantidade de versos e estrofes e pontuaram a ausência de rimas.

Ao expor os poemas (**Figura 29** e **30**) da escritora Palmira Heine, os estudantes fizeram a leitura em voz alta e em conjunto. Uma aluna afirmou que o poema (**Figura 30**) havia sido o melhor que lemos até aquela aula, enquanto outros, comentaram sobre a grandeza da poesia, bem como os assuntos que cabem no poema. Aos poucos, os estudantes foram concluindo que qualquer assunto pode ser tema de um poema, porque, segundo eles, o que importa é a maneira como o poeta escreve, como trata o assunto de modo a atribuir beleza ao texto e torná-lo literário, poético.

Depois disso, os estudantes foram desafiados a produzir versos a partir da leitura das imagens (**Figuras 31** e **32**), que são duas fotografias de Mario Cravo Neto – fotógrafo baiano que utilizava temáticas místicas e uma sensibilidade áspera em suas composições. Abaixo, como forma de ilustração, segue uma seleção de imagens correspondentes ao momento da produção escrita:

Figura 39 – Momento da produção de versos



Fonte: Arquivo da autora

Quando solicitamos a produção textual, os estudantes hesitaram muito, dizendo que não sabiam escrever poemas, que não conseguiriam produzi-los. Mas, insistimos dizendo que precisariam parar, se concentrar e observar as duas imagens ou apenas uma delas, de modo a analisar no que ela(s) lhes fazia(m) pensar ou sentir. Dissemos-lhes também que o poema não se encontrava pronto “na cabeça”, pelo contrário, seria construído à medida que comesçassem a escrever. Pouco a pouco, os estudantes apresentaram as suas escritas solicitando uma leitura para que fossem feitas correções ortográficas ou a indicação de sugestões que aperfeiçoassem os textos. Veio, então a surpresa (dizemos surpresa, porque, muitas vezes, a turma se mostrou indisciplinada ou de difícil diálogo ao longo do ano letivo), pois a maioria dos textos estava muito boa, revelando grande sensibilidade e criatividade. Poucos foram os ajustes solicitados e a emoção fluiu de modo a não contermos as lágrimas, pois a comoção foi grande com a qualidade dos versos dos alunos. Notamos que, apesar de todas as intempéries que enfrentamos, cotidianamente, nas salas de aula das escolas públicas, vale a pena desenvolver o melhor trabalho, se dedicar ao aprendizado daqueles que estão sob nossas orientações, pois o resultado acontece, ainda que demore, mas acontece, afinal “Quem faz um poema salva um afogado.” como disse Mario Quintana ao finalizar o seu poema *Emergência*.

A fim de ilustramos as produções poéticas dessa etapa, expomos, a seguir, quatro textos e os demais encontram-se disponíveis no (APÊNDICE 3):

Produções poéticas, a partir da leitura das fotografias de Mario Cravo Neto (**Figuras 31 e 32**):

A fome	Meu vestido amarelo
Não dói não termos dinheiro Não dói não termos moradia fixa Não dói não termos roupas Não dói não termos conforto Não Não dói O que dói de verdade É a fome Ver os nossos filhos desnutridos E com os pés no chão. <i>Mônica Isabele</i>	Meu vestido amarelo Não é o mais bonito Não é o mais belo Tem a saia rodada Tem sujeira espalhada Refletindo a minha vida Mas eu agradeço sempre Pois há muitas que não têm Um vestido como esse Que me faz sentir tão bem. Meu vestido amarelo É o mais bonito É o mais belo... <i>Ana Beatriz Rocha</i>

A noite	Um lugar
A chuva vinha com tudo, Naquela noite inquietante. Não havia luz, Nem solidão. Não havia medo Nem desespero. A noite se tornava irritante. Eu com meu guarda-chuva, Me sentia inocente. Andando numa rua Cheia de gente. <i>Gabriel Moura</i>	Há um lugar que a gente sente não sentindo Tão sozinho para cada um o seu lugar. <i>William Almeida</i>

Os versos escritos pelos estudantes representam aquilo que há em seus universos interiores e foi construído por meio das experiências que tiveram em contato com o outro e com o mundo. Neste sentido, Candido (2006, p. 27) pontua que “num texto literário há essencialmente um aspecto que é a tradução de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem por meio da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem”.

Elaborar e aplicar a quarta etapa da Oficina de Saberes, possibilitou-nos percorrer caminhos de uma reflexão em torno do trabalho que os professores de Língua Portuguesa usualmente lançam mão quando ensinam leitura, especialmente a leitura literária, bem como a produção de textos também de caráter literário. Tal consideração implica no questionamento sobre qual literatura se ensina na escola, quais textos e obras são levados à sala de aula, bem como a ação do professor que tem extrema relevância, mediante as escolhas didáticas e pedagógicas que faz (ROUXEL, 2013).

Ao final dessa etapa, verificamos que os estudantes passaram a reconhecer melhor as peculiaridades inerentes ao gênero poema, a exemplo da linguagem que se utilizam e da estrutura, entre outros aspectos. Isso foi comprovado na escrita dos versos que produziram.

4.5 PRODUÇÃO E SELEÇÃO FOTOGRÁFICA – 5ª ETAPA

Para iniciar as atividades, foi exibido, em *datashow*, *Os Poemas* de Mario Quintana. A leitura foi realizada e os estudantes foram indagados sobre o entendimento que faziam dela. Muitos foram reticentes nas respostas, confundindo-se com a riqueza figurativa empregada pelo poeta, mas, com alguma intervenção, começaram a construir um caminho para a interpretação.

Depois disso, os estudantes foram orientados sobre a produção de fotografias que deveriam fazer, baseando-se na seguinte temática: “O lugar onde vivo”. A intenção era que seus olhares estivessem suficientemente sensíveis à captação de cenas, momentos e situações cotidianas interessantes e instigantes e que merecessem ser registradas por meio das câmeras fotográficas dos seus *smartphones*. Este momento da intervenção se coaduna com o ponto de vista de Rojo (2012, p. 27) quando afirma que “em vez de proibir o celular em sala de aula, posso usá-lo para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia”. Assim, compreendemos que ao oportunizar aos estudantes a exploração pedagógica dos seus *smartphones*, tanto para uso da câmera fotográfica, quanto para acesso à rede social *Instagram*, nas etapas subsequentes, uma ressignificação do uso desses aparelhos foi feita, na escola, que é uma importante agência de letramento.

Convém lembrar que não direcionamos o que devia ser fotografado e, assim, os estudantes ficaram livres para fazerem os registros pertinentes aos seus olhares. Foi fornecida orientação, no entanto, sobre o que não era prudente fotografar, uma vez que as pessoas têm, assegurado pela legislação nacional brasileira, o direito de imagem resguardado.

Aproveitando essa discussão, foi enfatizada a importância de se valorizar o lugar em que se vive, independentemente de ser na zona urbana ou rural, em bairros mais ou menos valorizados. É a noção de pertencimento e de formação da identidade, articulada aos valores, aos costumes, às atividades cotidianas daquele meio sociocultural que poderia ser fortalecida através daquela experiência pedagógica.

Após a exibição do vídeo *A menina e a câmera fotográfica*, os estudantes revelaram grande interesse pelo que viram no pequeno filme. Ressaltamos que, enquanto os demais vídeos utilizados na proposta de intervenção foram comentados após as suas exibições, consideramos que não havia necessidade de nos dedicarmos aos comentários desse curta metragem, uma vez que a observação das imagens foi suficiente para suscitar a análise pretendida para aquela situação. Além disso, é como se as imagens falassem por si só. Todavia, destacamos apenas o grande envolvimento afetivo que a menina, personagem do vídeo, demonstrava ter por sua

câmera fotográfica e vice-versa, de modo que, entre elas, se percebia forte apego e amizade que davam sentido àquilo que faziam.

Partimos do pressuposto de que a fotografia é portadora de valores simbólicos que remetem aos significados coletivos de uma cultura e quando alguém fotografa, registra em imagem, determinado ponto de vista de uma cena ou situação (SANTAELLA, 2012). Assim, ao propor que os estudantes fotografassem, foi criada uma alternativa para que pudessem observar o seu entorno de uma forma mais atenta e crítica.

Posteriormente, conduzimos a socialização das fotografias em grupos e, neste momento, houve a orientação para a apreciação e escolha por parte dos membros, de modo que, cada grupo, selecionasse duas ou três imagens que deveriam, no momento seguinte, ser expostas na *internet*. Os grupos escolheram as imagens que julgaram esteticamente mais interessantes, sem que influenciássemos nas escolhas, pois a intenção era que o ponto de vista deles fosse respeitado e valorizado. Tal ação reitera a ideia de que sempre houve e haverá algo que envolva e motive o ser humano a encontrar a beleza e a magia da vida, através da fotografia (COTTON, 2013), não obstante a visão embaçada que se tem, a maior parte do tempo, com relação às circunstâncias cotidianas. É importante lembrarmos que os estudantes fizeram as escolhas visualizando as imagens em seus próprios aparelhos celulares, sendo que algumas dessas fotografias encontram-se expostas na seção 3.7 *PRODUÇÃO DE POEMAS A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS*, juntamente com os poemas a que correspondem.

4.6 EXPOSIÇÃO E INTERAÇÃO NO *INSTAGRAM* – 6ª ETAPA

Nessa etapa, a escolha poética foi de Ferreira Gullar com o poema *Não há vagas*, exibido em *Datashow*. Um aluno da turma se disponibilizou a realizar a leitura, após perguntarmos quem gostaria de fazê-la. Dessa vez, os comentários foram feitos por poucos alunos, destacando-se a consideração de um deles:

Aluno F: Professora, não acho que poema é lugar de se falar sobre coisas ruins. Sei que tem uns assim, mas a gente devia ver nos poemas somente as coisas melhores. A vida já é tão feia, a senhora não acha?

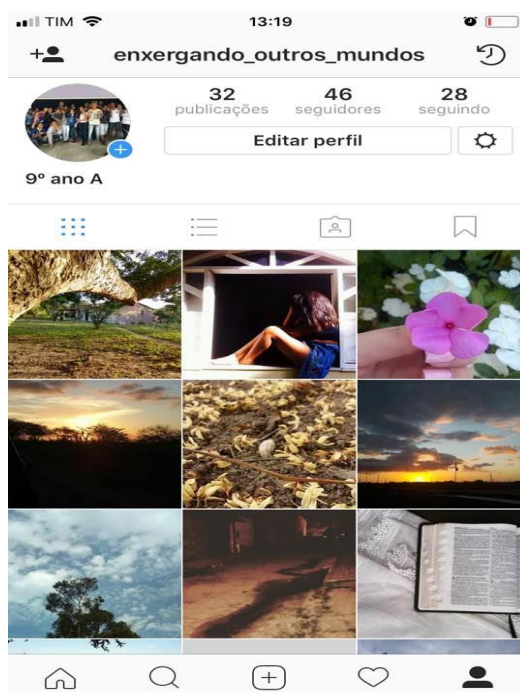
Professora: Mas você já parou para pensar que a nossa vida é feita de coisas boas e ruins? Se a gente encontrar nos poemas somente o lado bom, estaríamos negando a nossa própria existência, não é verdade? E a arte fala sobre tudo que nos diz respeito. Ela existe para nos traduzir, para traduzir a nossa existência, nossas alegrias e nossas dores.

Estes comentários foram relevantes para que a turma construísse a interpretação para o poema, pois procuramos levar em consideração suas análises.

Posteriormente, um estudante da turma foi selecionado para realizar a abertura da conta na rede social *Instagram* a fim de que as fotografias fossem postadas para posterior produção de poemas. Cada grupo apresentou uma sugestão de nome para o perfil e, mediante as indicações feitas, elegeram “enxergando_outros_mundos”, por meio de votação.

Na sequência, os estudantes foram orientados a realizar a postagem das fotografias na rede social, utilizando os próprios aparelhos *smartphones* e puderam, nesse momento, se desejassem, fazer edições nas imagens, utilizando vários filtros e efeitos disponíveis na rede social. Assim, puderam deixar as fotografias em preto e branco ou aplicar outros efeitos de cor e sombra, mais ou menos brilho, contraste e nitidez, desfoque de extremidades ou realce de determinados pontos, entre outros detalhes. Foi solicitado também, que escolhessem títulos para as fotografias postadas de acordo com o que as elas suscitasse. Ressaltamos que, na etapa posterior, deveriam utilizar os mesmos títulos na produção dos poemas. Na imagem que segue visualizamos algumas das fotografias publicadas no *Instagram* da turma:

Figura 40 – Layout do *Instagram* da turma com fotografias



Fonte: Arquivo da autora

É necessário frisarmos que os estudantes foram orientados a fazer a marcação dos seus nomes, no momento da postagem, enquanto usuários da rede social *Instagram* e também marcar

o local onde as fotografias foram registradas. Em seguida, foram orientados quanto à visualização das postagens feitas e às interações que poderiam realizar naquele ambiente digital, aproveitando o seu potencial discursivo. Com isso, muitas curtidas e comentários foram feitos efetivando ali, um diálogo pedagógico, conforme observamos na ilustração abaixo:

Figura 41 – Layout do Instagram da turma com interações



Fonte: Arquivo da autora

Nessa fase da proposta de intervenção ficou evidente que nos ambientes digitais há grande potencial pedagógico, pois, como se viu neste trabalho, os estudantes expuseram suas produções e interagiram no ciberespaço, viabilizando a troca de experiências e saberes em uma ambiência que lhes é muito familiar. Segundo Xavier (2007), esta é uma forma de favorecer o desenvolvimento do letramento digital no sentido de que os sujeitos necessitam de um conjunto de informações e habilidades mentais para, então, aguçarem o senso crítico em suas atuações nesse tipo de contexto.

4.7 PRODUÇÃO DE POEMAS A PARTIR DAS FOTOGRAFIAS – 7ª ETAPA

A fim de iniciar as aulas da etapa, exibimos, em *Datashow*, o poema *Procura da poesia* de Carlos Drummond de Andrade, o qual traz em si um convite à aproximação do escritor com o universo das palavras, já que cada uma delas “tem mil faces secretas sob a face neutra”. Dessa

vez, realizamos a leitura dando ênfase a cada verso e, aproveitando o verso final, foi lançado o questionamento: “Trouxestes a chave?” para que eles se inquietassem com a proposta que seria feita logo em seguida.

Conforme foi relatado até aqui, através da proposta de intervenção trilhamos um longo percurso. Com ele, visamos, sobretudo, a sensibilização dos estudantes para o exercício do olhar atento, sensível e humanizado acerca do mundo em que estão inseridos, especialmente dos lugares onde vivem para, então, registrá-los em fotografias e, finalmente, chegarem a um dos pontos centrais deste trabalho que foi a produção de poemas a partir da leitura de tais imagens. Neste caso, a grande tônica do referido percurso residiu no significado que os aprendizes atribuíram ao que viram nas imagens (suas fotografias), as quais são representativas dos seus universos de vivências. Segue uma imagem dos estudantes trabalhando em grupos e que ilustra o momento da produção dos poemas:

Figura 42 – Momento da produção dos poemas na biblioteca escolar



Fonte: Arquivo da autora

Em alguns momentos da realização dos trabalhos em grupos e também nessa etapa, houve sim, situações de tensão entre os estudantes, pequenos desencontros de ideias, algo frequente de acontecer quando se trabalha em coletividade, afinal, as pessoas pensam diferente e, muitas vezes, têm dificuldade em ouvir e respeitar a opinião do outro. Entretanto, este não foi o ponto de destaque dos trabalhos realizados pelos grupos de alunos, mas o crescimento colaborativo e cocriativo.

Retomando o relato acerca da produção dos poemas, ressaltamos que os estudantes foram orientados a utilizar o mesmo título atribuído às fotografias, quando postadas no *Instagram* (Sequência didática II, Etapa 6).

Após o momento de produção, fizemos a leitura dos poemas com o intuito de propor uma revisão textual. Quando necessário, foi sugerido algum ajuste vocabular, ortográfico, sintático, enfim, algum aspecto que pudesse ser aprimorado, sem, no entanto, interferir nas ideias principais dos textos, pois deveriam ser preservadas e valorizadas. Então, as duplas ou trios fizeram a reescrita textual e editaram suas publicações no *Instagram*, incluindo os poemas com os autores correspondentes. Foi feita também a marcação dos nomes dos usuários da rede social. Abaixo, seguem as produções fotográficas e poéticas dos estudantes publicadas no *Instagram*:

Figura 43 – Layout do *Instagram* da turma com as produções dos estudantes 1



Fonte: Arquivo da autora

Figura 44 – Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 2



Fonte: Arquivo da autora

Figura 45 – Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 3



Fonte: Arquivo da autora

Figura 46 – Layout do *Instagram* da turma com as produções dos estudantes 4



Fonte: Arquivo da autora

Figura 47 – Layout do *Instagram* da turma com as produções dos estudantes 5



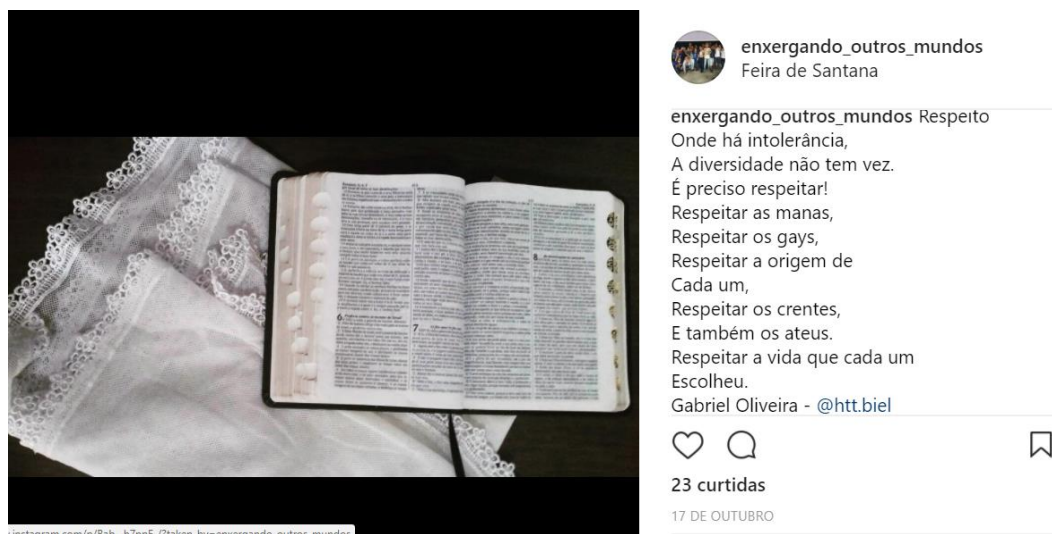
Fonte: Arquivo da autora

Figura 48 – Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 6



Fonte: Arquivo da autora

Figura 49 – Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 7



Fonte: Arquivo da autora

Figura 50 – Layout do *Instagram* da turma com as produções dos estudantes 8



Fonte: Arquivo da autora

Figura 51 – Layout do *Instagram* da turma com as produções dos estudantes 9



Fonte: Arquivo da autora

Figura 52 – *Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 10*



Fonte: Arquivo da autora

Figura 53 – *Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 11*



Fonte: Arquivo da autora

Figura 54 – Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 12



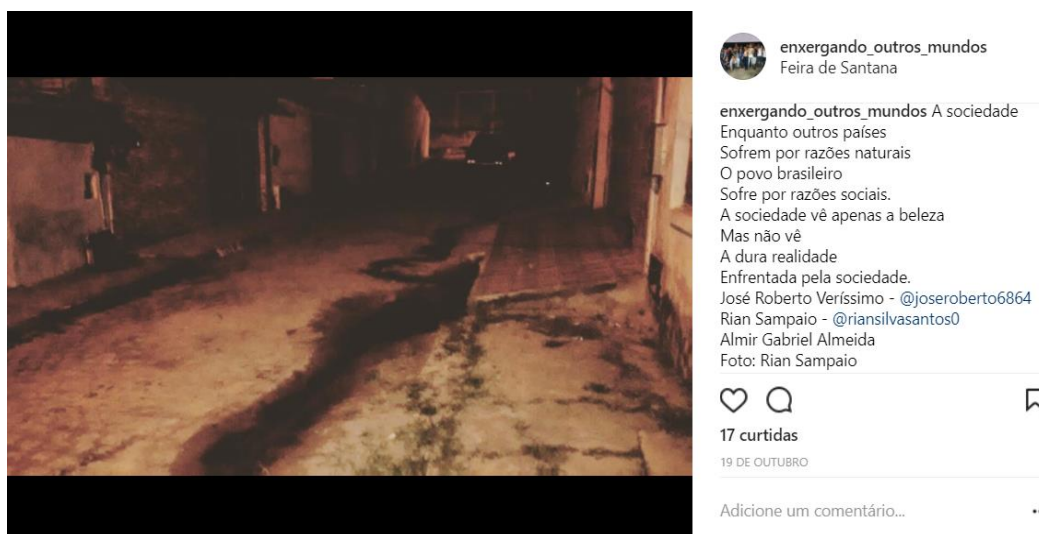
Fonte: Arquivo da autora

Figura 55 – Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 13



Fonte: Arquivo da autora

Figura 56 – Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 14



Fonte: Arquivo da autora

Figura 57 – Layout do Instagram da turma com as produções dos estudantes 15



Fonte: Arquivo da autora

Percebemos que a experiência vivenciada pelos estudantes possibilitou-lhes atravessar o plano envolvente das imagens e viajar pelo fantástico universo das palavras. Foi uma viagem nova para eles, uma viagem impensada, sobre a qual havia resistência e temor, mas que, ao embarcar sobre as possibilidades de construções frasais, materializadas entre versos e estrofes, o diálogo se tornou viável e ressignificou aquilo que achavam impossível.

As produções dos alunos nos emocionaram, pois evidenciaram o grande potencial criativo que eles têm ao lado de uma sensibilidade, inclusive artística, que fica escondida ou reprimida pela rotina pedagógica tradicional. Não podemos dizer que alcançar esse nível de

produtividade seja algo fácil, especialmente na escola pública que vivencia todas as adversidades que conhecemos, porém, é muito prazeroso para o professor e alunos obterem resultados satisfatórios em uma atividade desenvolvida, em sala de aula.

Observando as produções e também a interação que os estudantes experimentaram na rede social *Instagram*, reafirmamos as palavras de Candido (2011, p. 182) quando aborda a questão da humanização alcançada através do contato com o texto literário. Segundo ele, tal processo confirma no homem traços essenciais, “como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” Não sendo assim, o ser humano não desenvolve o senso de humanidade, de compreensão de si mesmo e da vida, bem como a abertura para o semelhante, a sociedade, a natureza.

Santaella (2012, p. 80) pontua o que representa a leitura de uma fotografia com todas as especificidades que a constituem enquanto linguagem visual, pois, de acordo com a autora, a busca pela interpretação da “unidade melódica de suas luzes, linhas e direções, suas escalas e volumes, seus eixos e suas sombras”, têm fundamental importância na constituição dos significados. Desse modo, a leitura das imagens fotográficas se realizou de diferentes modos dependendo do ponto de vista do estudante, enquanto leitor.

Vale lembrarmos que, nesta etapa, a leitura das fotografias e a produção textual do gênero poema também ocorreram em grupos. Contudo, desta vez os estudantes foram orientados a realizar a subdivisão das equipes, internamente, em duplas ou trios para, então, escrever os textos. É importante esclarecermos que a opção pelo trabalho em grupos ocorreu com a intenção de que a turma desenvolvesse habilidades relacionadas ao trabalho colaborativo, pois é relevante exercitar a convivência com a diversidade de pensamentos e opiniões e ainda ter a oportunidade de aprender com o outro, através da troca de saberes e experiências. Além disso, quando os estudantes foram incentivados a atuar coletivamente, foram desafiados a praticar o respeito para com as diferenças presentes naquele contexto, algo tão salutar nos tempos atuais.

Importante dizermos que toda essa produção motivou a elaboração do livro *Olhares Cotidianos em Poesias*, cuja capa e contracapa (cf. **APÊNDICE 4**) ilustram o cerne do conteúdo exposto em suas páginas, a exemplo do poema *Trajetórias poéticas* (cf. **APÊNDICE 5**), disponibilizado nas “*Poemizações*” *Finais*. Ressaltamos que tal elaboração foi possível, porque encontramos apoio e incentivo por parte da gestão da escola, e que, por meio da disponibilização de recursos financeiros que implementam projetos pedagógicos, custeou a

confeção desse material que foi distribuído aos estudantes envolvidos no trabalho e aos professores da unidade escolar.

4.8 SARAU POÉTICO: OLHARES COTIDIANOS EM POESIAS – 8ª ETAPA

Esta etapa foi construída com o intuito de socializar as produções fotográficas e poéticas dos estudantes, algo que consideramos relevante, pois os valorizaria, além de estender o conhecimento aos demais estudantes da escola e convidados. Assim, planejamos um momento em que os estudantes tivessem a oportunidade de exercitar suas múltiplas habilidades e, deste modo, organizamos um Sarau Poético denominado *Olhares Cotidianos em Poesias* – mesmo nome do livro –, ocorrido no dia 21 de setembro deste ano, nos turnos matutino e vespertino, na biblioteca da escola. Esta data foi escolhida em virtude do *Transformaê – Virada Educacional da Bahia*, evento em que se objetiva, sobretudo, dar visibilidade ao protagonismo juvenil por meio dos projetos e demais ações desenvolvidas nas escolas, razão pela qual, foi oportuno que o Sarau Poético ocorresse nesse dia. Segue imagem do cartaz de divulgação do evento que foi afixada nas paredes da escola e publicada nas redes sociais:

Figura 58 – Imagem do cartaz de divulgação do evento



Fonte: Elaborado pela autora

Freire (2016) assevera que ao professor ou, mais amplamente, à escola cabe o dever de respeitar os saberes com que os estudantes, especialmente os das classes populares chegam a ela, e valorizá-los, buscando potencializar suas habilidades. Ao contrário disso, muitas vezes,

essas habilidades ficam adormecidas ou são desconsideradas quando poderiam ser exploradas em diversas atividades pedagógicas.

Desta forma, como era habitual fazer a declamação ou leitura de um poema metalinguístico no começo de cada etapa, dessa vez, logo no início da preparação do Sarau Poético fizemos a leitura do poema *Autopsicografia* do poeta Fernando Pessoa. No entanto, dessa vez, não provocamos os comentários, apenas a apreciação poética como aconteceu também na primeira etapa.

Foram muitas horas dedicadas à organização e realização do Sarau Poético, sendo que, durante a aplicação da proposta de intervenção pedagógica prevíamos isso e alertávamos os estudantes, sondando-os com relação aos talentos que possuem ligados à música (tocando algum instrumento musical, cantando ou com alguma experiência ligada ao teatro). Com isso, foi possível verificar que, na turma pesquisada, duas alunas tinham experiência com canto, através das igrejas de que participam, dois alunos tocavam violão e também cantavam e outros três alunos tinham aulas de instrumentos clássicos (dois tocando violino e um tocando violoncelo) na mesma escola em que estudam, por meio do programa NEOJIBA. Justificando essa ação, Brasileiro (2012) nos lembra que “essa correspondência entre as artes sempre foi sobremodo salutar”.

O programa NEOJIBA (Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia), sediado em Salvador/Ba, tem por objetivo promover a integração social por meio do ensino e da prática musical coletivas e de excelência. Criado em 2007, resulta de uma ação da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do estado da Bahia, no sentido de possibilitar às crianças e jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social, a oportunidade de se engajarem na música e, por meio dela, favorecer maior integração social. O projeto, que conta com o auxílio de patrocinadores, possui núcleos em alguns municípios baianos, entre os quais está o Antônio Gasparini, criado em julho de 2014, em Feira de Santana/BA, resultado da parceria do Instituto Antônio Gasparini (IAG) e o programa NEOJIBA. Através deste núcleo são assistidos três bairros carentes da cidade (Cidade Nova, Rua Nova e George Américo) e duas escolas públicas da rede estadual, entre as quais está o Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho. Ali, estudantes de várias faixas etárias têm aulas práticas de instrumentos de orquestra – cordas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo), madeiras (flauta, oboé, clarineta e fagote), metais (trompa, trompete, trombone e tuba) e percussão. Salientamos que a apresentação feita pelos estudantes, no evento mencionado, compôs não uma orquestra, mas uma camerata, pois contou com a participação de instrumentos de cordas, apenas, conforme ilustra a imagem:

Figura 59 – Camerata de cordas dos estudantes

Fonte: Arquivo da autora

Consideramos singular a oportunidade que os jovens participantes do programa NEOJIBA têm, ao fazerem parte de uma orquestra sinfônica de tamanha qualidade e reconhecimento internacional. Destacamos os estudantes da escola supracitada, já que, além de pertencerem a camadas desfavorecidas socialmente, apresentam baixos índices de rendimento escolar, repetidas vezes. Tal oportunidade pode representar, para eles, uma perspectiva de ressignificação das suas trajetórias, enquanto sujeitos que compõem a escola pública brasileira, pois acreditamos que essa inserção no universo da arte pode ser estimuladora para grandes saltos tanto na educação, como em outros âmbitos de suas vidas, entretanto, estas considerações comportam uma outra pesquisa que pretendo realizar, oportunamente.

Na esteira destas reflexões, o pensamento de Fiorindo (2014) se acomoda perfeitamente, posto que se refere à relevância das artes, de modo geral, para que os sujeitos tenham a oportunidade de expressar suas individualidades, seus pensamentos e opiniões e também se autoconhecer, levando em conta o contexto social, cultural e universal em que estão inseridos.

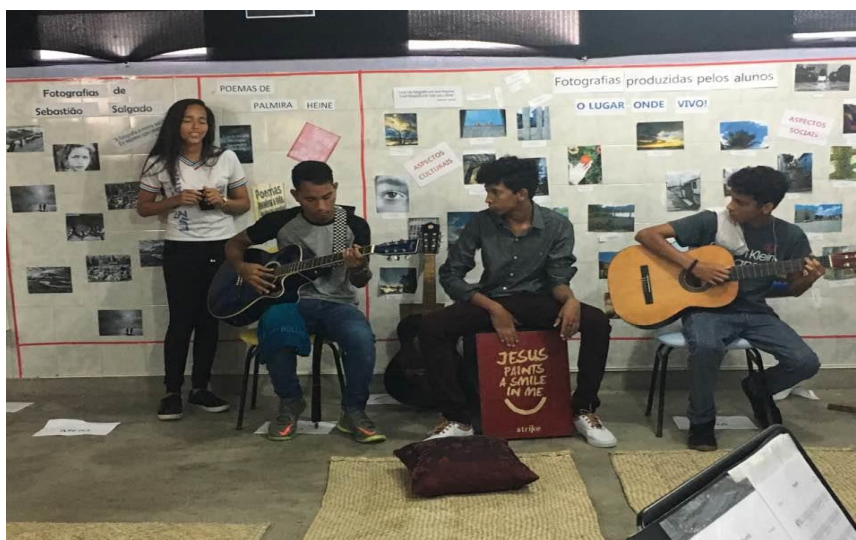
Voltando à explanação do desenvolvimento das atividades correspondentes a essa etapa, lembramos que após todo planejamento e preparação de materiais, como: escolha e impressão das imagens que seriam expostas, incluindo as fotografias de Sebastião Salgado, Mario Cravo Neto e aquelas produzidas pelos estudantes; ensaios para a recitação dos poemas produzidos; decoração do salão principal da biblioteca da escola para a realização do evento. Ressaltamos que a opção pelo jogral ocorreu, pois, já que os poemas foram construídos em duplas ou trios, o recital, realizado dessa forma, se mostrou bastante apropriado, uma vez que, em coro ou

alternando as falas, os estudantes fizeram suas apresentações de modo harmonioso e colaborativo.

No dia do evento ocorreu a exposição das fotografias, em murais, com os respectivos nomes dos autores espalhados pelas paredes da biblioteca (**Figura 60**). Os poemas produzidos pelos estudantes compuseram outro mural e, além disso, colamos poemas no chão e também no teto (**Figura 59**), cuja leitura deveria ocorrer com os visitantes deitados em esteiras. Deixamos disponíveis, em três computadores dotados de fones de ouvido, vídeos que enfocavam a arte fotográfica e poética, sendo, inclusive, um sobre a obra de Sebastião Salgado, outro sobre o poeta, compositor e cantor Arnaldo Antunes e outro sobre a poesia de Manuel de Barros (**Figura 61**). Na televisão, expusemos vídeos musicais para serem vistos e ouvidos como som ambiente.

O Sarau Poético *Olhares Cotidianos em Poesias* foi marcado por momentos de grande emoção e contentamento. Alternamos as apresentações da camerata, as recitações individuais, os jograis e as apresentações musicais. Assim que os visitantes chegavam, pois o evento foi aberto à comunidade, as apresentações recomeçavam. As imagens que seguem ilustram a realização do evento:

Figura 60 – Apresentação musical dos estudantes



Fonte: Arquivo da autora

Figura 61 – Visualização de vídeos

Fonte: Arquivo da autora

Ao sair do Sarau Poético, os estudantes, professores e demais visitantes receberam um cartão de lembrança do evento, conforme visualizamos na imagem abaixo:

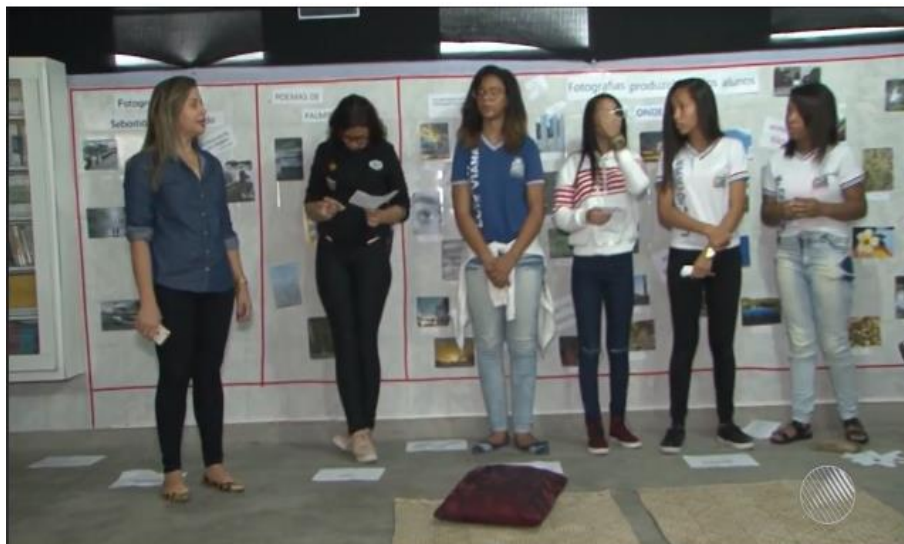
Figura 62 – Imagem do cartão lembrança do Sarau Poético

Fonte: Arquivo da autora

Ressaltamos que foi divulgada uma nota no telejornal *Bahia Meio Dia* da TV Subaé – Rede Bahia (**Figura 63**), e ainda, publicada uma matéria (cf. **ANEXO 6**) no jornal Folha do Estado (**Figuras 64 e 65**) a respeito do Sarau Poético *Olhares Cotidianos em Poesias*. Consideramos muito positiva estas divulgações, pois conferiram visibilidade ao trabalho realizado por estudantes carentes, os quais, muitas vezes, têm baixa autoestima por conta de

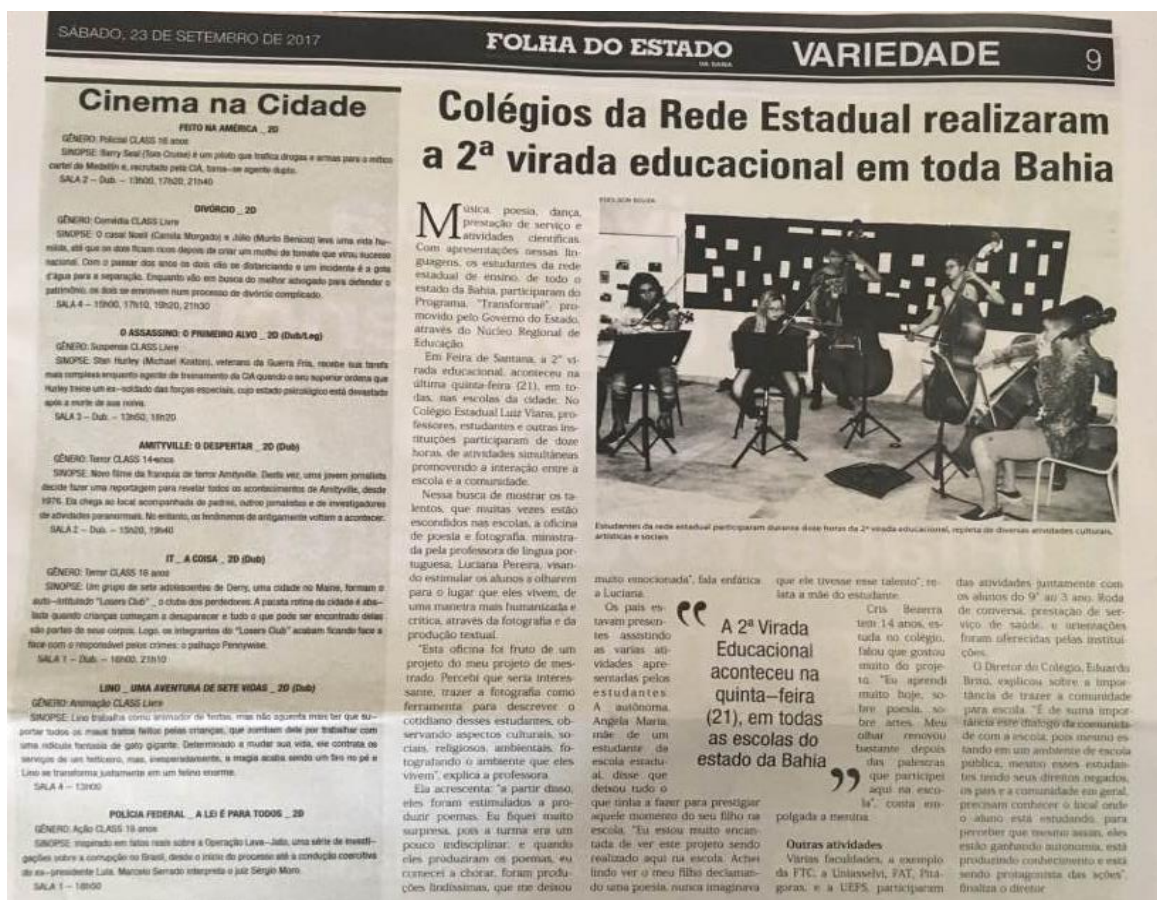
todos os fatores circundantes à escola pública brasileira. Seguem imagens que ilustram as divulgações:

Figura 63 – Imagem do telejornal *Bahia Meio Dia* da TV Subaé – 21/09/2017



Fonte: <http://g1.globo.com/bahia/bahia-meio-dia/videos/v/bmd-tv-subae-21092017-bloco-2/6164789/>

Figura 64 – Imagem do jornal impresso *Folha do Estado* – 23/09/2017



Fonte: Arquivo da autora

Figura 65 – Imagem da versão digital do jornal *Folha do Estado* – 23/09/2017



Fonte: <http://m.jornalfolhadoestado.com/noticias/67830/-lsquo;transforma-e-agita-colegios-estaduais-em-feira#.WcbWHUr36S4.whatsapp>

É importante destacar que o envolvimento dos estudantes nas atividades desenvolvidas ao longo da proposta de intervenção foi notório e, após a conclusão do projeto, revelam que gostariam de revivê-lo em outros momentos. Tal avaliação é muito satisfatória, haja vista que, enquanto professor de escola pública, no Brasil, enfrentamos, cotidianamente, grandes desafios na sala de aula, principalmente no que tange à realização de atividades pedagógicas que motivem os jovens, que vivenciam tantas adversidades sociais, a desenvolverem interesse pela escola.

5 SENSIBILIZAÇÕES FINAIS

"Vivemos rodeados de poesia".
(Elias José)

A arte de educar é sempre desafiadora. Educar em escola pública, no Brasil, onde os recursos pedagógicos são escassos, a infraestrutura não favorece, os pais não oferecem o acompanhamento necessário ao percurso escolar dos filhos, entre outros fatores, torna esse desafio muito maior. Entretanto, é demasiadamente gratificante quando alcançamos êxito em uma proposta de trabalho realizada. Há um sabor especial, porque, experimentando tantas adversidades, tantas intempéries e, depois de tudo, se alegrar com um resultado obtido, ver o sorriso largo e o brilho nos olhos dos jovens estudantes, que não têm grandes oportunidades na vida, é grandioso.

É com esta sensação que concluímos este trabalho, pensando, sobretudo, nas contribuições oportunizadas em cada etapa da proposta de intervenção. Contribuições estas que perpassaram o âmbito da leitura literária, com ênfase no gênero textual poema, o âmbito da escrita, haja vista a qualidade das produções textuais dos estudantes, e ainda, o âmbito da arte no véis da fotografia, da poesia e da música.

É oportuno frisarmos que um dos objetivos centrais das aulas de Língua Portuguesa, enquanto língua materna, é possibilitar o desenvolvimento das competências em leitura e escrita. Dessa maneira, reconhecendo que os estudantes para os quais a proposta de intervenção foi planejada, apresentavam carências relacionadas a tais competências, especialmente, a leitura e a escrita literária, levantamos hipóteses que atestassem a necessidade de novas medidas pedagógicas, especialmente relacionadas ao letramento literário. E, assim, as hipóteses foram comprovadas ao longo da pesquisa, pois houve, de fato, a ampliação das competências leitora e escritora, tendo em vista que os registros fotográficos, compreendidos neste trabalho como produções textuais imagéticas, e os poemas produzidos a partir da leitura das fotografias, evidenciaram a construção de muitas aprendizagens.

Vimos ocorrer, através da produção e leitura de todas as fotografias e demais imagens disponibilizadas no projeto, a ampliação do letramento visual, na medida em que os estudantes pontuavam criticamente os elementos constitutivos das imagens. Observamos, também, a ampliação do letramento digital, posto que a utilização dos *smarphones* na captura das imagens, na postagem e interação no *Instagram*, ressignificou a utilização deste recurso em sala de aula, contrariando a forma como muitos professores agem, proibindo o seu uso. Outro aspecto que comprovamos diz respeito a viabilidade da produção de poemas a partir da leitura das imagens

fotográficas. Sabemos que, quando o estudante capturou uma imagem, construiu um texto, por isso estabeleceu com ela uma relação para além da autoria, mas uma relação de afetividade. Num segundo momento, o da produção do poema, se traduziu numa das possíveis interpretações daquele texto visual, uma interpretação poética.

De igual modo, lançamos perguntas que pudessem ser respondidas ao longo da dissertação, já que as atividades pedagógicas seriam planeadas em torno da ampliação de múltiplos letramentos tão importantes nas sociedades atuais. Assim, percebemos que o olhar dos estudantes frente ao meio sociocultural em que vivem se tornou mais aguçado, isto porque, além da qualidade verificada na produção das fotografias enfocando aspectos sociais, culturais, ambientais, esportivos, religiosos, entre outros, durante as discussões nas aulas, revelaram um posicionamento crítico acerca de tais aspectos. Os estudantes demonstraram ter percebido a relevância de olharem para o seu entorno com mais atenção e sensibilidade, valorizando e respeitando o diferente, o incomum. Os poemas também repercutiram tais constatações.

Ao final deste trabalho, é possível afirmarmos que os estudantes tiveram uma nova experiência sensitiva quanto ao exercício do olhar. Experiência esta que garantiu o alcance do objetivo geral e dos específicos aqui traçados, haja vista as habilidades desenvolvidas ao longo do percurso. Ressaltamos a relevância em potencializar habilidades relativas ao letramento visual e ao letramento digital para, então, atingir o foco maior aqui objetivado que foi o aprimoramento do letramento literário.

Entendemos que esta seja a função da escola, enquanto agência de letramento, perceber as dificuldades apresentadas pelos estudantes, concernentes às diversas áreas do conhecimento, e buscar estratégias que possam minimizá-las ou dirimi-las. Quando se furta dessa responsabilidade, a escola está agindo de maneira leviana, comprometendo a produção do conhecimento e a qualidade do ensino que oferece.

Neste cenário, as contribuições do PROFLETRAS/UNEB ganham destaque, pois, quando é lançado ao professor de Língua Portuguesa, atuante na escola pública do Ensino Fundamental II, o desafio de estruturar uma proposta de intervenção pedagógica inovadora, pautada, sobretudo, no desenvolvimento das habilidades primordiais ao estudante, enquanto sujeito ativo do seu lugar e seu tempo, está ensejando uma reflexão importantíssima àqueles que fazem a educação. Certamente, ao concluir o mestrado, os professores voltam à sua rotina escolar com um novo comportamento, porque grandes inquietações foram provocadas durante o curso.

Por fim, mediante as colocações anteriores, entendemos que para obtermos êxito em um trabalho pedagógico, é sempre necessário alcançar a motivação e o envolvimento dos sujeitos

na realização de cada momento. Para isso, a arte se mostra como uma das melhores, senão a melhor maneira de sensibilizar os estudantes, pois, através dela, muitas possibilidades poéticas podem emergir dos seus olhares cotidianos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BITAR, Mariangela Lopes. **Produção oral das crianças a partir da leitura de imagens**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 2012.

BRASILEIRO, Antonio. **Da inutilidade da poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

BUARQUE, J. Ensino da escrita de poesia como construção de autoria. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.22, 2013.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

_____. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2011.

CASTRO, Cosette. A convergência digital e os atores sociais – um panorama das iniciativas brasileiras. In: V ELEPICC - Encontro Latino-Americano de Economia Política da Informação. **Anais**. Salvador, UFBA, 2005.

COSCARELLI, Carla; KERSCH, Dorotea. Pedagogia dos multiletramentos: alunos conectados? Novas escolas + novos professores. In: KERSCH, Dorotea; COSCARELLI, Carla; CANI, Josiane (Orgs.). **Multiletramentos e Multimodalidade**: ações pedagógicas aplicadas à linguagem. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2016.

COSTA, Maria Cristina Castilho. A leitura das imagens. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tânia M. K (Orgs.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

COTTON, Charlotte. **A fotografia como arte contemporânea**. Tradução: Maria Silvia Mourão Netto, Marcelo Brandao Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; VASCONCELOS, Leila Janot de. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUNZEM, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Múltiplas Linguagens para o Ensino Médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FIORINDO, Priscila Peixinho. Arteterapia e Psicologia Analítica. **Revista Pandora Brasil** - Nº 61 Abril de 2014 - ISSN 2175-3318 - “Arte em terapia”. Disponível em: <http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/edicao61.htm>. Acesso em: 21/01/17.

_____. Gêneros textuais frente às novas demandas sociais. **Revista Língua Portuguesa: conhecimento prático**. n.41. março/abril 2013:48-55 ISSN 1984-3682. Disponível em: <www.conhecimentopratico.com.br>. Acesso em: 21/02/17.

_____. Abordagens do texto literário para a formação do leitor crítico. **Revista Língua Portuguesa: conhecimento prático**. São Paulo. p. 28-33. fev/2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.

GHEDIN, Evandro e FRANCO, Maria Amélia. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

KLEIMAN, Angela (Org.). Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

_____. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 16. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2016.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LEMKE, Jay L. **Letramento metamidiático: transformando significados e mídias**. Trabalhos em Linguística Aplicada. vol. 49, n. 2. São Paulo, jul./dez. 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988.

LORENZI, Gislane Cristina; PÁDUA, Tainá-Rekã. Blog nos anos iniciais do fundamental: a reconstrução de sentido de um clássico infantil. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

LYRA, Pedro. **Conceito de Poesia**. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTELETO, Regina Maria. **Análise de redes sociais**: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MOSÉ, Viviane. **Afetos e educação**. Café Filosófico - Desafios da Educação, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OKuf1vBZFXc&t=84s>>. Acesso em: 20/10/17.

PATTO, Maria Helena Souza. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas**. São Paulo, 16: 119-141, 1993.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e literatura**. 6.ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. De OntheHorizon (NCB University Press) vol. 9, n. 5, outubro, 2001.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

RESENDE, Otto Lara. Vista Cansada. **Folha de S. Paulo**. 23 de fevereiro de 1992. Disponível em: <<http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/?q=Vista+Cansada&site=&periodo=acervo&x=0&y=0>>. Acesso em: 07/10/16.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: _____; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOUVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SALLES, Felipe. **A ideia – imagem**: formas e representação na fotografia moderna. Curitiba: Appris, 2016.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Imagem**: Cognição, Semiótica, Mídia. São Paulo, Iluminuras, 2015.

_____. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SILVA, Marco. **Educação na cibercultura**: o desafio comunicacional do professor presencial e on-line. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 12, n. 20, p. 261- 271, jul/dez, 2003.

_____. **Sala de Aula Interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e Alfabetização**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

WENDELL, Ney. **Carinho se aprende**: atividades para professores e pais. Recife: Prazer de Ler, 2016.

XAVIER, Antonio Carlos e LYRA, Ilka. **Das redes sociais à sala de aula: as expressões nominais como estratégias de referência criativa e de argumentação na produção textual**. Hipertextus Revista Digital. n. 8, Jun, 2012.

_____. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, Carmi Ferraz.; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Alfabetização e letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 133-148.

ZILBERMAN, Regina. Que literatura para a escola? Que escola para a literatura? **Letras**. Passo Fundo, RS, v. 5, n. 1, jan./jun. 2009. p. 09-20.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Questionário aos estudantes

Prezados estudantes do Colégio Estadual Governador Luiz Viana, 9º ano, turma A, matutino, vocês compõem um grupo que está sendo pesquisado pela professora Luciana de Souza Pereira Cerqueira, através da pesquisa “Olhares cotidianos e *Instagram*: possibilidades de leituras poéticas”, realizada sob orientação da Profª. Drª. Priscila Peixinho Fiorindo. Este trabalho é fruto de uma pesquisa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, curso da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), *Campus V*.

Pelas razões expostas acima, solicitamos que respondam, de forma verdadeira, às perguntas que seguem:

NOME: _____

1. Sexo:

() Masculino. () Feminino.

2. Qual a sua idade? _____

3. Onde você reside no município de Feira de Santana?

() Zona urbana. () Zona rural.

4. Quantos livros você já leu?

() 1. () 2. () 3. () 4. () 5. () Mais de 5.

5. Você costuma ler poemas?

() Sim. () Não.

6. Você já escreveu um poema?

() Sim. () Não.

7. Você possui aparelho celular *smartphone*?

() Sim. () Não.

8. Qual a maneira que você mais utiliza para acessar a internet?

() Dados móveis. () *Wi fi*. () *Lan house*. () Outra.

9. Qual rede social você mais utiliza?

() *Facebook*.

() *Whatsapp*.

() *Instagram*.

() *Twitter*.

() *YouTube*.

() Nenhuma.

() Outras. Qual(is): _____

10. Você costuma utilizar seu *smartphone* para fotografar?

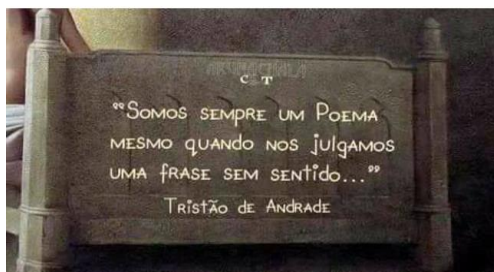
() Sim. () Não.

11. Você costuma utilizar seu *smartphone* para postar as fotografias nas redes sociais?

() Sim. () Não.

APÊNDICE 2 – Slides utilizados nas aulas da 4ª Etapa

Em questão, o gênero POEMA



Emergência

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo –
para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.

Mario Quintana



POEMA OU POESIA?

- POESIA: é, na realidade, a qualidade presente em certos artefatos culturais, capaz de despertar o sentimento do belo e provocar o encantamento estético. Dessa forma, a poesia pode estar em um conto, na cena de um filme, ou de uma telenovela; nas artes plásticas, como a pintura, a escultura; ou, como reconhecia Bandeira, nas ruas. Dizia o poeta: "Dois automóveis colidem, ou uma senhora desmaia, ou um homem é assassinado... Paire no ar um certo tumulto emocional, criando uma atmosfera de poesia. Pois bem, o poeta suscita a mesma coisa, só que mediante apenas uma colisão de palavras".
- POEMA: é o texto composto em versos (linhas breves) e estrofes, numa oposição ao texto composto em prosa (linhas longas), isto é, composto em orações, períodos e parágrafos. Sendo assim, é evidente que nem todo poema obrigatoriamente é ou contém poesia. Assim como a boa prosa de ficção só é boa porque está carregada de poesia.

COMO UM POEMA É CONSTRUÍDO?

Versificação é a técnica e arte de fazer versos.

Verso

- É cada linha do poema; é uma palavra ou conjunto de palavras com unidade rítmica.

Ex.:

"Quem é esse viajante
Quem é esse menestrel
Que espalha esperança
E transforma sal em mel?"

(Milton Nascimento e Fernando Brant)

• Estrofe

Estrofes são agrupamentos de versos.

Elas podem ser classificadas quanto ao número de versos, constituindo, por exemplo, sonetos.

- **Ritmo:** é a sucessão de tempos fortes e fracos que se alternam com intervalos regulares. No verso, o ritmo é formado pela sucessão de unidades rítmicas resultantes da alternância entre sílabas acentuadas (fortes) e não-acentuadas (fracas); ou entre sílabas construídas por vogais longas e breves.

• Rima

Rima é a identidade ou semelhança de sons que ocorre no fim dos versos, embora possa ocorrer também no meio do verso (rima interna).

O que importa na rima é que haja coincidência de sons (total ou parcial) e não das letras que a formam.

A rima acentua o ritmo melódico do texto poético.

Há vários tipos de rima e para especificá-los no poema, convencionou-se usar as letras do alfabeto: os versos que estão ligados entre si pela rima recebem letras iguais.

• Verso Branco

Verso branco é o verso que não tem rima.

"A menina tonta passa metade do dia
a namorar quem passa pela rua,
que a outra metade fica
pra namorar-se no espelho.
A menina tonta tem olhos de retrós preto,
cabelos de linha de bordar,
e a boca é um pedaço de qualquer tecido vermelho."

(Manuel de Fonseca)

• Metro

É a medida do verso. Metrificação é o estudo da medida dos versos, é a contagem das sílabas poéticas ou sílabas dos versos. As sílabas dos versos são sonoras e sua contagem é feita de maneira auditiva, diferente, portanto, da contagem estritamente gramatical que ocorre no texto em prosa.

Na contagem das sílabas poéticas estão ligadas umas às outras mais intimamente, o que conforme ao texto o ritmo e a melodia próprios do verso.

LINGUAGEM POÉTICA

Quando se escreve poemas, o mais comum é se utilizar da linguagem conotativa que é a linguagem simbólica, figurada, utilizada principalmente em textos literários. Quando dizemos "meu coração está em chamas", estamos utilizando o sentido conotativo, figurado, para expressar um sentimento. Veja exemplos de linguagem conotativa:

Aquela garota é um furacão!

Nesse caso, **furacão** funciona como um adjetivo para **aquela garota**, significando que era uma pessoa ousada, de personalidade forte.

"Os **violões** descem a rua, misturando a música e os passos nas pedras." (Cecília Meireles)

Aqui, **violões** substitui violonistas. A mistura da música e dos passos nas pedras pode sugerir que a rua inteira está soando musicalmente.

A linguagem denotativa é o emprego da palavra em seu sentido real, denotativo, ou seja, da forma como ela geralmente aparece no dicionário. A denotação é própria da linguagem informativa, uma vez que textos dessa natureza pedem informações claras, objetivas e exatas. Exemplos:

"Israel deveria apoiar a criação do Estado palestino." (Folha de S.Paulo)

Um **furacão** atingiu os EUA e ocasionou devastação. – Nesse caso, a palavra **furacão** é usada em seu sentido real.

A voz que fala no poema

Eu lírico ou autor?

Quando um poeta está escrevendo um poema, ele não necessariamente escreve um poema sobre ele. Às vezes ele cria um personagem, totalmente diferente dele, para narrar o poema. E esse personagem criado pelo escritor é chamado de eu lírico.

Tudo que somos

Tudo que somos,
pouco sabemos.

Um poço imenso,
cheio de sonhos.

Quando choramos,
não nos perdemos.

Viver é um sonho,
Não esqueçamos.

Viver é a sombra,
o assombro, o apenas.

/ Tão frágeis somos!
Frágeis e imensos.

Antônio Brasileiro



Poema sem sentido

A vida não tem sentido.
As coisas não tem sentido.
Nada tem sentido.

Só que é preciso viver.
É preciso viver.
Só isto.

Bom dia, amigo sol.
Bom dia, amiga lua.
Bom dia.

Antônio Brasileiro



Biografia de Antônio Brasileiro

Antônio Brasileiro Borges é poeta, artista plástico e professor, além de Membro da Academia Baiana de Letras. Nasceu em Matas do Orobó, interior da Bahia, em 1944 e reside em feira de Santana desde os anos 80. Segundo a professora Alana Freitas, em seu ensaio *El Fahad*, Antônio Brasileiro "é poeta de muitas faces e homem de muitas artes que apresenta na sua obra poética uma reflexão lírico-filosófica acerca de um dos motivos literários mais cantados na literatura ocidental, o desconcerto do mundo e explora em sua obra esta tentativa vã de compreender a dinâmica do mundo. Filiando-se à tradição camoniana, a sua poesia reflete muitas vezes sobre a instabilidade do mundo e a fragilidade da condição humana, sendo que esta só pode ser superada pela magia da arte, daí a marca da metalinguagem na obra do autor, ele sabe que a contribuição do artista para os homens comuns é justamente a sua obra, ainda que incompreendida, ainda que seja um pobre elefante, ainda que seja inútil a poesia... O poeta se sabe gaúcho, se sabe deslocado das engrenagens vigentes. Porém, como não mais habita o Parnaso, ele convive com os outros homens, mas não como os outros homens, as diferenças são divisores de água, ainda que imperceptíveis..." Entre inúmeras obras publicadas, destacando-se entre eles: *Caronte* (romance, 1995), *Antologia poética* (1998), *Da inutilidade da poesia* (ensaio, 2002), *Poemas reunidos* (2005) e *Dedal de areia* (poesia). Recentemente lançou o livro *Desta Varanda*, pelo selo cartas baianas, além de ser o idealizador da revista baiana de literatura *Hera*.



A poesia nos salva
Nos resgata
Nos completa
Nos desata.

Palmira Heine



Há poemas na saudade
No aperto do peito
Na dor que nos invade.
Há poema na tristeza
Na vã nostalgia
Que corta com aspereza
Há poema na dor
No momento de espera
Quando se pensa não haver
poema
Há poema nos abismos
Nas feridas que sangram
Nos esconderijos insanos
Há poemas no choro
No sonho perdido
Em nossos escombros.
O poema resiste.
E persiste.
Insiste.
Porque sempre há poema.

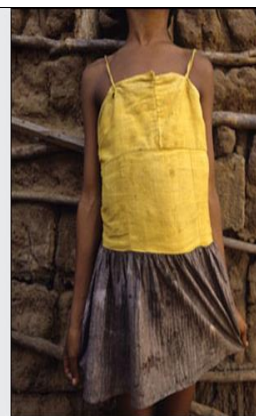
Palmira Heine



AGORA É A SUA VEZ!

Vamos de poesia?

Fotografias de Mario Cravo Neto



APÊNCIDE 3 – Poemas produzidos pelos estudantes na 4ª Etapa

O pote O pote vazio Sem nada Sem comida Só a tristeza E o sofrimento Das pessoas. <i>Almir Gabriel Almeida</i>	Poema A minha vida não tem sentido sem você. Nada faz sentido. Faço esse poema pra não perder o sentido de você. Essa minha blusa amarela. me traz felicidade, porque é a única que eu tenho para vestir nesse frio que se passa na cidade. <i>Natália Moura</i>
O tempo vai passar Os momentos são bons As risadas mais ainda E a vida sofrida Sem solução ainda Vida passageira Sem eira, nem beira O tempo vai passar E nada vai ficar. <i>Maria Eduarda Carvalho</i>	Minha Terra Na minha terra tem gente sofrida que luta pela vida e tenta ganhar Na minha terra tem gente guerreira que não cansa de lutar Na minha terra tem gente que quer saber o seu lugar <i>Ana Beatriz Pinheiro</i>
Poema Na chuva de outubro Os passarinhos choram E uma bela garota Com sua blusa amarela Radiante como o sol Que está coberto por nuvens Sorria com sua linda pureza. <i>Edson de Jesus</i>	Reais Sandália no chão Panela no chão Esse capote tem três anos Sem passar um sabão. Sua cor não importa Nem sua roupa O que importa É o que vem de você. <i>Esdras Santos</i>

Vida passageira Tudo é passageiro A vida é passageira Tudo que nasce morre tudo que vem se vai... a vida é como uma planta regamos colhemos os frutos e, depois, ela envelhece e morre... Por isso que temos que fazer o bem para colhermos o bem porque a vida retribui. <i>Karoline Carvalho dos Santos</i>	Juntos Enquanto na rua Muitos sofrem, poucos nos veem. Mas sempre estamos perto de você. Nós pedimos Você não nos dá. Mas sempre vamos estar lá! Quando o juízo final chegar todos vão estar lá. Juntos Em um só lugar. <i>Edgar Rocha</i>
A menina da roupa amarela Menina da roupa amarela És uma menina tão bela O que posso fazer por ela? A menina da roupa amarela? <i>Rian Sampaio</i>	Poema Eu quero dinheiro Eu quero comida Eu quero paz na minha vida. <i>Marta Gonçalves</i>
O Olhar A beleza não vem de fora! A beleza vem de dentro! Panela velha é que faz Uma boa comida! <i>Mateus Gonçalves</i>	A fome A fome é feia, a fome é bonita Se eu tivesse um prato de comida, daria pra minha amiga! <i>Camila Souza</i>
A fome Sentada na calçada com a Lata na mão A fome que eu passo Eu não quero pra ninguém não <i>Ana Luiza Santos</i>	Blusa amarela Essa minha blusa amarela Eu gosto dela Sabe por quê? Porque só tenho ela. <i>Letícia Moura</i>

O outro lado do ser humano Em uma remota cidade Havia um pobre menino soteropolitano Que usava de vestimenta sempre o mesmo pano Destacava-se pelo seu modo de viver Sozinho e esquecido, Porém, sempre com um sorriso Muitos não o compreendiam Estava sempre de mudança Andando de rua em rua Sua vida era uma rotina Subia e descia pelas ruas da avenida Para qual fim? Ninguém sabia Certo dia, um homem decidiu segui-lo Para descobrir finalmente o que ele fazia Depois de muitas horas finalmente o encontrou Ao descobrir o que acontecia Ficou sem palavras, não sabia o que faria Ficou emocionado. Chorou, então. Descobriu que o menino na verdade Tinha um bom coração Ao perceber que tudo que ganhava Virava doação <i>José Roberto Veríssimo</i>	Mão dupla As vezes não devemos desprezar as pessoas porque ninguém sabe do futuro. A mesma pessoa que se despreza pode servir de ajuda. Nós todos somos os mesmos. <i>Jonatha Luiz Santos</i> Desigualdade Em tudo existe uma esperança, mesmo em uma situação de tristeza, Até quando uns não alcançam a vida sem a tal pobreza. Às vezes me dá certa agonia, alguns com pouco, outros com muito. gente que mora na periferia gente que mora em lugares imundos. <i>Fernando Breno Alves</i>
A vida Viva o viver a vida Que você tem. Não tem nada a ver siga os seus passos. Para frente... Viver. <i>Renê Santos</i>	Que fome Nos dias de hoje estamos passando dificuldade. Há pessoas andando pelas ruas pedindo o que comer para sobreviver. <i>Roberto Soares Rodrigues</i>

Poesia Mulher cansada Sai de casa e trabalha Para que à sua filha Nunca falte nada Sai cedo de casa Lava a louça Quase não tem roupa Nem o que lavar Mas para sua filha Sempre compra coisas Para brincar <i>Joedson Amorim Junior</i>	Vida A vida é cheia de descobertas um livro que escrevemos com suas páginas sempre abertas Às vezes ela te surpreende às vezes tudo dá certo e é aí que você entende Que é para as pequenas coisas que devemos dar valor até mesmo na infância Uma criança o amarelo sempre nos lembra esperança. <i>Suely Almeida</i>
---	--

APÊNCIDE 4 – Capa e contracapa do livro *Olhares cotidianos em poesias*

Luciana de Souza
Pereira Cerqueira

Possui graduação em Letras Vernáculas com Habilitação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2001). Realizou cursos de especialização em Língua Portuguesa: Texto (UEFS/2003), em Política do Planejamento Pedagógico (UNEB/2006) e em Mídias na Educação (UESB/2010). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa. Atua profissionalmente na Educação Básica. Atualmente é aluna do Mestrado Profissional em Letras - ProLLetras/UNEB, bolsista da CAPES e membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares CNPq/UNEB Campus V.

Olhares cotidianos em poesias

Luciana Pereira
Organizadora

O Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, fundado em 1970, está localizado no bairro Cidade Nova, em Feira de Santana/BA. Nele, os estudantes desenvolvem diversas atividades educativas e culturais no ensino regular e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos três turnos letivos.

Agradecimentos

Agradeço a Deus, o autor da vida, por toda a graça concedida na realização deste projeto.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Priscila Peixinho Fiorindo, pelas valiosas contribuições oferecidas.

Agradeço à equipe gestora e à equipe pedagógica do Colégio Estadual Governador Luiz Viana Filho, escola onde atuo desde 2003, pelas colaborações em torno deste trabalho.

E, por fim, agradeço aos estudantes do 9º ano, turmas A e B, matutino, do ano letivo 2017, por toda a poesia experimentada e compartilhada durante as aulas e, especialmente, por toda a beleza presente em suas produções fotográficas e poéticas. Com certeza, tudo isso está eternizado em nossos corações! Obrigada, queridos alunos!

APÊNDICE 5 – Poema *Trajetórias poéticas*

Nem um lugar esconde em si
Aquilo que não se possa traduzir
Com pensamentos ou emoções
Com ideias ou razões.

Imagens e palavras
Mostram o que o olhar
Cansado e opaco
Teima em ofuscar
Pois a arte é capaz de desvendar
Tudo que jamais se planejou contar.

Tudo pode ser revelado
Através da agudeza das imagens
Ou da eloquência das palavras
Oblíquas e insanas
Que entornam pensamentos
Atravessando ilusões
Que escondem sentimentos
Demonstrando emoções.

Luciana de Souza P. Cerqueira

ANEXOS

ANEXO 1 – Dinâmica *Fotografias de União* (Ney Wendell)

O guia convida o grupo para criar imagens de união. Primeiramente, ele chama todos para fazerem um círculo e colocarem a palma das mãos virada para frente e aberta. Em seguida, eles devem unir todas as mãos, apenas tocando as pontas dos dedos nas dos colegas do lado. Cria-se esse círculo, e aguarda-se o guia tirar uma foto. Em seguida, o guia informa que devem se sentar e tentar unir, o máximo possível, os seus pés com os dos outros. Novamente, tira-se uma foto, e, por último, o grupo inteiro fica em pé e se abraça para se obter mais uma imagem. Depois disso, o guia divide os aprendizes em equipes e solicita que cada uma crie três cenas paradas de união. É como uma cena que usa apenas o gesto corporal parado, mostrando união. Ele avisa que cada uma dessas imagens corporais será fotografada. Estabelece um tempo para a criação e, depois, dirige-se para cada equipe para fotografar as cenas. Logo após, o guia convida as equipes para verem as cenas fotografadas, projetadas no telão. Para cada imagem que passar, ele pergunta o que ela traduz e traz de aprendizado para a nossa vida. Conversam sobre a atividade de criar e de aparecer em imagens de união (WENDELL, 2016).

ANEXO 2 – Crônica *Vista Cansada* (Otto Lara Resende)

Vista cansada

Acho que foi o Hemingway quem disse que olhava cada coisa à sua volta como se a visse pela última vez. Pela última ou pela primeira vez? Pela primeira vez foi outro escritor quem disse. Essa ideia de olhar pela última vez tem algo de deprimente. Olhar de despedida, de quem não crê que a vida continua, não admira que o Hemingway tenha acabado como acabou.

Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver, disse o poeta. Um poeta é só isto: um certo modo de ver. O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não-vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual da nossa rotina é como um vazio.

Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe perguntar o que é que você vê no seu caminho, você não sabe. De tanto ver, você não vê. Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom-dia e às vezes lhe passava um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer.

Como era ele? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprindo o rito, pode ser também que ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

Uma criança vê o que o adulto não vê. Tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo. O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de fato, ninguém vê. Há pai que nunca viu o próprio filho. Marido que nunca viu a própria mulher, isso existe às pampas. Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos. É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença.

Texto publicado no jornal “Folha de S. Paulo”, edição de 23 de fevereiro de 1992.

Disponível em: <http://www.releituras.com/olresende_vista.asp>. Acesso em: 20/12/16.

ANEXO 3 – Letra da música *O Que Sobrou do Céu* (Marcelo Yuka)

Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!

Faltou luz mas era dia
 O Sol invadiu a sala
 Fez da tevê um espelho
 Refletindo
 O que a gente esquecia
 Faltou luz
 Mas era dia, dia
 Faltou luz
 Mas era dia, dia, dia...

O som das crianças
 Brincando nas ruas
 Como se fosse um quintal
 A cerveja gelada na esquina
 Como se espantasse o mal...

Um chá prá curar essa azia
 Um bom chá
 Prá curar essa azia
 Todas as ciências
 De baixa tecnologia
 Todas as cores escondidas
 Nas nuvens da rotina
 Prá gente ver
 Por entre prédios e nós
 Prá gente ver
 O que sobrou do céu...

Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Faltou luz mas era dia

O Sol invadiu a sala
 Fez da tevê um espelho
 Refletindo
 O que a gente esquecia
 Faltou luz
 Mas era dia, dia
 Faltou luz
 Mas era dia, dia, dia...

O som das crianças
 Brincando nas ruas
 Como seu fosse um quintal
 A cerveja gelada na esquina
 Como se espantasse o mal...

Um chá prá curar essa azia
 Um chá prá curar azia
 Todas as ciências
 De baixa tecnologia
 Todas as cores escondidas
 Nas nuvens da rotina
 Prá gente ver
 Por entre prédios e nós
 Prá gente ver
 O que sobrou do céu
 O que sobrou do céu
 O que sobrou do céu
 O que sobrou do céu
 O que sobrou do céu...

Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!
 Uh Lalá! Uh Lalá! Êah!

O que sobrou do céu!
 O que sobrou do céu!
 O que sobrou do céu!
 O que sobrou do céu!
 O que sobrou do céu!

ANEXO 4 – Biografia de Sebastião Salgado

Por Ana Lucia Santana

O fotógrafo brasileiro **Sebastião Ribeiro Salgado** nasceu na cidade de Aimorés, em Minas Gerais, no dia 8 de fevereiro de 1944. Ele é o único filho do sexo masculino, entre sete irmãos. Graduado em Economia na capital do Espírito Santo, Vitória, pós-graduou-se na Universidade de São Paulo, na USP. Como economista, ele trabalhou no Ministério da Economia, em 1968.

Devido às perseguições políticas empreendidas pela Ditadura Militar, ele foi obrigado a buscar asilo político em Paris, em 1969. Aí ele completou o doutorado em Economia, em 1971. Voltando para o Brasil, ele atuou na Organização Internacional do Café, em 1973, como especialista na fiscalização de plantações africanas. Assim, ao completar 29 anos, em uma viagem à África, levando consigo uma máquina fotográfica de sua esposa, Lélia Wanick Salgado, ele teve seu encontro definitivo com a fotografia.

Sebastião descobre no trabalho fotográfico a melhor forma de enfrentar os acontecimentos planetários, principalmente em seus aspectos econômicos. É seguindo por este caminho que ele se transforma em um dos principais e mais venerados fotógrafos da atualidade, no campo do fotojornalismo. Desde os primeiros momentos ele se dedicou a retratar os excluídos, os que se encontram à margem da sociedade.

Adepto das fotos em branco-e-preto, voltou para Paris, em 1973, aí dando início à sua trajetória nesta nova profissão. Seus primeiros trabalhos foram realizados como ‘free lance’, abordando desde o clima seco no perímetro africano de Sahel de Níger, a imigrantes assalariados europeus. Sebastião passou pelas principais agências fotográficas da Europa – a Gamma, em 1974, registrando imagens sobre a Revolução dos Cravos, em Portugal; a Sygma, de 1975 a 1979, através da qual ele transitou por mais de vinte países, fazendo a cobertura dos mais variados acontecimentos; a Magnum Photos, em 1979, cooperativa instituída por Robert Capa e Henri Cartier-Bresson, entre outros fotógrafos, na qual realizou a fantástica sequência de fotos documentais sobre camponeses latino-americanos, durante sete anos. Este registro deu origem ao seu primeiro livro, *Outras Américas*, lançado em 1986.

Logo depois ele lançou *Sahel: O Homem em Pânico*, publicado no mesmo ano, produzido em parceria com a ONG Médicos sem Fronteiras, uma aliança que durou quinze meses. Esta obra revela o longo processo de seca no norte africano. De 1986 a 1992 ele devotou seu tempo a reproduzir fotograficamente a realidade dos funcionários manuais em todo o Planeta, resultando no livro *Trabalhadores*, de 1996.

O próximo tema a que ele se dedicou, de 1993 a 1999, foi o da emigração massiva de pessoas no mundo todo, dando origem à obra *Êxodos e Retratos de Crianças do Êxodo*, de 2000, ambos alcançando grande sucesso mundial. Um ano depois, no dia 3 de abril, o fotógrafo foi indicado para ser representante especial do UNICEF. Ele já publicou pelo menos dez livros e realizou inúmeras exposições, conquistando os prêmios mais importantes neste campo e honrarias recebidas na Europa e na América.

Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/sebastiao-salgado/>>. Acesso em 29/01/17.

ANEXO 5 – Biografia de Antônio Brasileiro

Antônio Brasileiro Borges é poeta, artista plástico e professor, além de Membro da Academia Baiana de Letras. Nasceu em Matas do Orobó, interior da Bahia, em 1944 e reside em feira de Santana desde os anos 80. Segundo a professora Alana Freitas, em seu ensaio *El Fahad*, Antonio Brasileiro “é poeta de muitas faces e homem de muitas artes que apresenta na sua obra poética uma reflexão lírico-filosófica acerca de um dos motivos literários mais cantados na literatura ocidental, o desconcerto do mundo e explora em sua obra esta tentativa vã de compreender a dinâmica do mundo. Filiando-se à tradição camoniana, a sua poesia reflete muitas vezes sobre a instabilidade do mundo e a fragilidade da condição humana, sendo que esta só pode ser superada pela magia da arte, daí a marca da metalinguagem na obra do autor, ele sabe que a contribuição do artista para os homens comuns é justamente a sua obra, ainda que incompreendida, ainda que seja um pobre elefante, ainda que seja inútil a poesia... O poeta se sabe gauche, se sabe deslocado das engrenagens vigentes. Porém, como não mais habita o Parnaso, ele convive com os outros homens, mas não como os outros homens, as diferenças são divisores de água, ainda que imperceptíveis...” Entre inúmeras obras publicadas, destacando-se entre eles: *Caronte* (romance, 1995), *Antologia poética* (1996), *Da inutilidade da poesia* (ensaio, 2002), *Poemas reunidos* (2005) e *Dedal de areia* (poesia). Recentemente lançou o livro *Desta Varanda*, pelo selo cartas baianas, além de ser o idealizador da revista baiana de literatura *Hera*.

Disponível em: < <http://apoesiado brasil.blogspot.com.br/2011/12/antonio-brasileiro-1944.html> >.

Acesso em: 11/08/17.

FOLHA DO ESTADO

DA BAHIA

VARIEDADE

9

Colégios da Rede Estadual realizaram a 2ª virada educacional em toda Bahia

Música, poesia, dança, prestação de serviço e atividades científicas. Com apresentações nessas linguagens, os estudantes da rede estadual de ensino, de todo o estado da Bahia, participaram do Programa: "Transformaê", promovido pelo Governo do Estado, através do Núcleo Regional de Educação.

Em Feira de Santana, a 2ª virada educacional, aconteceu na última quinta-feira (21), em todas, nas escolas da cidade. No Colégio Estadual Luiz Viana, professores, estudantes e outras instituições participaram de doze horas, de atividades simultâneas promovendo a interação entre a escola e a comunidade.

Nessa busca de mostrar os talentos, que muitas vezes estão escondidos nas escolas, a oficina de poesia e fotografia, ministrada pela professora de língua portuguesa, Luciana Pereira, visando estimular os alunos a olharem para o lugar que eles vivem, de uma maneira mais humanizada e crítica, através da fotografia e da produção textual.

"Esta oficina foi fruto de um projeto do meu projeto de mestrado. Percebi que seria interessante, trazer a fotografia como ferramenta para descrever o cotidiano desses estudantes, observando aspectos culturais, sociais, religiosos, ambientais, fotografando o ambiente que eles vivem", explica a professora.

Ela acrescenta: "a partir disso, eles foram estimulados a produzir poemas. Eu fiquei muito surpresa, pois a turma era um pouco indisciplinar, e quando eles produziram os poemas, eu comecei a chorar, foram produções lindíssimas, que me deixou

EDEILSON SOUZA



Estudantes da rede estadual participaram durante doze horas da 2ª virada educacional, repleta de diversas atividades culturais, artísticas e sociais

muito emocionada", fala enfática a Luciana.

Os pais estavam presentes assistindo as várias atividades apresentadas pelos estudantes. A autônoma, Angela Maria, mãe de um estudante da escola estadual, disse que deixou tudo o

que tinha a fazer para prestigiar aquele momento do seu filho na escola. "Eu estou muito encantada de ver este projeto sendo realizado aqui na escola. Achei lindo ver o meu filho declamando uma poesia, nunca imaginava

que ele tivesse esse talento", relata a mãe do estudante.

A 2ª Virada Educacional aconteceu na quinta-feira (21), em todas as escolas do estado da Bahia

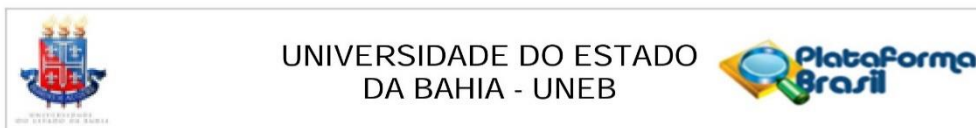
Cris Bezerra tem 14 anos, estuda no colégio, falou que gostou muito do projeto. "Eu aprendi muito hoje, sobre poesia, sobre artes. Meu olhar renovou bastante depois das palestras que participei aqui na escola", conta empolgada a menina.

Outras atividades

Várias faculdades, a exemplo da FTC, a Uniasselvi, FAT, Pitágoras, e a UEFS, participaram

das atividades juntamente com os alunos do 9º ao 3º ano. Roda de conversa, prestação de serviço de saúde, e orientações foram oferecidas pelas instituições.

O Diretor do Colégio, Eduardo Brito, explicou sobre a importância de trazer a comunidade para escola. "É de suma importância este diálogo da comunidade com a escola, pois mesmo estando em um ambiente de escola pública, mesmo esses estudantes tendo seus direitos negados, os pais e a comunidade em geral, precisam conhecer o local onde o aluno está estudando, para perceber que mesmo assim, eles estão ganhando autonomia, está produzindo conhecimento e está sendo protagonista das ações", finaliza o diretor

ANEXO 7 – Parecer Consubstanciado do CEP²⁴
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA
Título da Pesquisa: OLHARES COTIDIANOS E INSTAGRAM: POSSIBILIDADES POÉTICAS

Pesquisador: Luciana de Souza Pereira Cerqueira

Área Temática:
Versão: 1

CAAE: 68069217.1.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Universidade do Estado da Bahia

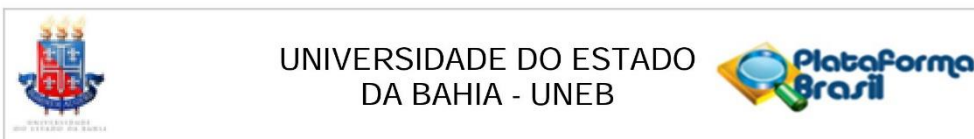
DADOS DO PARECER
Número do Parecer: 2.309.689

Apresentação do Projeto:

Neste trabalho temos a pretensão de instigar o estudante a exercitar uma forma de olhar para aquilo que está a sua volta com atenção e sensibilidade, buscando registrar, por meio da fotografia, situações cotidianas que denunciem circunstâncias da realidade local, que revelem, por exemplo, como as pessoas se comportam nas relações interpessoais, como realizam atividades diárias ligadas ao comércio, à religião, à cultura, aos hábitos e costumes do dia a dia. Salientamos, porém, que, em nossas orientações, não direcionaremos o aprendiz para o registro específico que deva fazer, pois ele terá autonomia para fotografar aquilo que vê, aquilo que mais lhe chamar a atenção. Faremos ressalvas, apenas, com relação ao registro da imagem humana, sobretudo de imagens que mostrem o rosto das pessoas, posto que o direito de imagem precisa ser resguardado de acordo com a legislação brasileira vigente. Nesta perspectiva, para que este trabalho seja realizado faremos algumas reflexões sobre letramento com ênfase no letramento visual, uma vez que priorizaremos a leitura do texto imagético. Para tanto, Rojo (2012; 2015), Soares (2014) e Kleiman (1995) serão parte fundamental do nosso subsídio teórico. Enquanto Dionísio e Vasconcelos (2013), Kersch, Coscarelli e Cani (2016) servirão de base para o olhar sobre multimodalidade, a qual será suscitada a partir do enfoque do estudo da imagem, e para tanto, nos apoiaremos em Bitar (2002) e Santaella (2010). De acordo com o que expusemos anteriormente, lançaremos mão de uma mídia social contemporânea importante que é o

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555		CEP: 41.195-001
Bairro: Cabula		
UF: BA	Município: SALVADOR	
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399	E-mail: cepuneb@uneb.br

²⁴ O título deste trabalho sofreu uma pequena alteração após a apreciação do projeto de pesquisa pelo CEP, passando a ser, então, "Olhares cotidianos e *Instagram*: possibilidades de leituras poéticas".



Continuação do Parecer: 2.309.689

Instagram, por isso torna-se pertinente discorrermos acerca do uso pedagógico das NTICs (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação). Lèvy (1999; 2001), Xavier (2005) e Primo (2007) constituirão fontes teóricas importantes neste percurso. Já, a partir de Candido (2004), Fiorindo (2014) e Cosson (2016), delinearemos um estudo sobre o tratamento dado ao texto literário numa perspectiva inovada e pertinente ao contexto sociocultural dos estudantes a que esta proposta se destina.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Possibilitar o exercício da leitura de mundo por meio do registro fotográfico e, a partir disso, promover, de forma crítica e reflexiva, a análise das imagens, cuja natureza multimodal, de caráter poético, suscitará a produção de poemas.

Objetivo Secundário:

Desenvolver o letramento visual crítico através do registro fotográfico, bem como da leitura das imagens por meio da produção poética.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme preconiza a Resolução nº 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

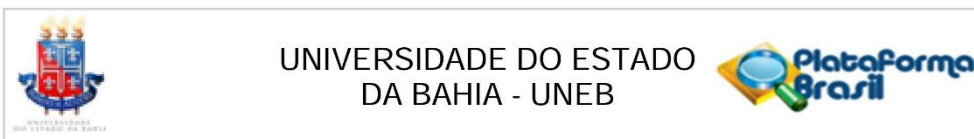
A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As declarações apresentadas são condizentes com as Resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos. Os pesquisadores envolvidos com o desenvolvimento do projeto apresentam declarações de compromisso com o desenvolvimento do projeto em consonância com a Resolução 466/12 CNS/MS, bem como com o compromisso com a confidencialidade dos participantes da pesquisa e as autorizações das instituições proponente e coparticipante.

O TCLE apresentado possui uma linguagem clara e acessível aos participantes da pesquisa e atende ao disposto na resolução 466/12 CNS/MS contendo todas as informações necessárias ao esclarecimento do participante sobre a pesquisa bem como os contatos para a retirada de dúvidas sobre o processo

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555		CEP: 41.195-001
Bairro: Cabula		
UF: BA	Município: SALVADOR	
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399	E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 2.309.689

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_846327.pdf	08/05/2017 10:52:41		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	08/05/2017 10:52:01	Luciana de Souza Pereira Cerqueira	Aceito
Outros	Termo_de_Autorizacao_Institucional_da_Proponente.jpg	06/05/2017 21:24:13	Luciana de Souza Pereira Cerqueira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_Confidencialidade.jpg	01/05/2017 23:01:17	Luciana de Souza Pereira Cerqueira	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.docx	01/05/2017 22:55:26	Luciana de Souza Pereira Cerqueira	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_de_Concordancia.jpg	01/05/2017 22:54:00	Luciana de Souza Pereira Cerqueira	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso_do_Pesquisador.jpg	01/05/2017 22:52:52	Luciana de Souza Pereira Cerqueira	Aceito

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

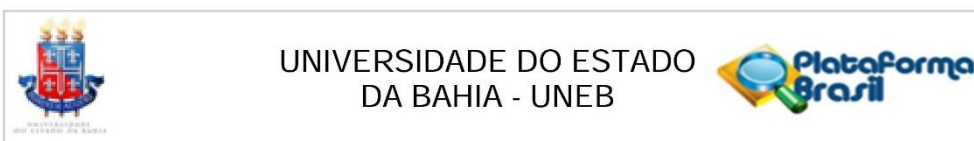
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 2.309.689

Outros	TERMO_DE_AUTORIZACAO_DA_COP ARTICIPANTE.pdf	01/05/2017 22:47:32	Luciana de Souza Pereira Cerqueira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_DO_ME NOR.docx	20/04/2017 19:22:46	Luciana de Souza Pereira Cerqueira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	20/04/2017 19:20:35	Luciana de Souza Pereira Cerqueira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 02 de Outubro de 2017

Assinado por:
WARLEY KELBER GUSMÃO DE ANDRADE
(Coordenador)

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br